



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO
SUL PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-
GRADUAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM EDUCAÇÃO**

SIMONE VIEIRA DE MATOS

**A FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DE PROFESSORAS SINDICALISTAS
APOSENTADAS: Experiências e desafios**

Paranaíba-MS

2024

SIMONE VIEIRA DE MATOS

**A FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DE PROFESSORAS SINDICALISTAS
APOSENTADAS: experiências e desafios**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração em Educação, Linguagem e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Linguagem, Educação e Cultura.
Orientadora: Profª Drª Silvane Aparecida de Freitas

Paranaíba-MS

2024

M382f Matos, Simone Vieira de

A formação identitária de professoras sindicalistas aposentadas: experiências e desafios/Simone Vieira de Matos. - - Paranaíba, MS: UEMS, 2024.

128 p.

Dissertação (Mestrado em Educação)– Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul,2024.

Orientadora: Profa. Dra. Silvane Aparecida de Freitas.

1. Professora sindicalista. 2. Análise de discurso. 3. Formação identitária. 4. Jogo de imagens. I. Título. II. Freitas, Silvane Aparecida de.

CDD 23. ed. - 370.71

Ficha Catalográfica elaborada pela bibliotecária da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
(UEMS)

Susy dos Santos Pereira
CRB1°1783

SIMONE VIEIRA DE MATOS

**A FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DE PROFESSORAS SINDICALISTAS
APOSENTADAS: Experiências e desafios**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação, Linguagem e Sociedade.

Aprovado em 29/10/2024.

BANCA EXAMINADORA

Participação por videoconferência

Profa. Dra. Silvane Aparecida de Freitas
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) – Orientadora

Participação por videoconferência

Prof. Dr. Carlos Eduardo França
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Participação por videoconferência

Profa. Dra. Silvelena Cosmo Dias
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

DEDICATÓRIA

À minha mãe (*in memoriam*) e ao meu pai, que mesmo sendo analfabetos, sempre me mostraram a importância de estudar e por serem meus incentivadores.

Às minhas filhas, por compreenderem as minhas ausências, os esforços em me ajudar e pelo companheirismo ao longo desse ciclo de estudos.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Paranaíba (UEMS), por oportunizar a nós, estudantes, o desenvolvimento intelectual.

Ao programa de bolsas PIBAP-UEMS, pois o apoio financeiro foi muito importante para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos participantes desta pesquisa, as professoras sindicalistas aposentadas membros da APEOESP, subsede do município de Jales SP, que se dispuseram a serem os sujeitos desta pesquisa.

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Silvane Aparecida de Freitas pela orientação, pela confiança, incentivo e paciência ao longo do desenvolvimento desta pesquisa.

Ao corpo docente da linha de pesquisa *Linguagem, Educação e Cultura*, pelos subsídios oferecidos.

À coordenação do programa e a todos da equipe administrativa do Curso de Mestrado em Educação da UEMS de Paranaíba, pelo trabalho ético, humano, competente e dedicado.

A Deus Pai, Criador, que se faz presente em minha vida, o meu reconhecimento, por fazer-me pessoa e por sempre realizar meus sonhos.

À minha família, em especial as minhas filhas, (Mariana e Lívia), meus pais José e Ebenizia (*in memoriam*), pelo estímulo, apoio e por todos os “colos” e ações que se converteram numa fundamental rede de apoio.

*“A colheita é comum, mas o capinar é sozinho.”
João Guimarães Rosa*

RESUMO

Esta pesquisa está vinculada ao Programa de pós-graduação, *stricto sensu*, Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, oferecido na Unidade Universitária de Paranaíba-MS, área de concentração Educação, Linguagem e Sociedade, linha de pesquisa: Linguagem, Educação e Cultura. Tem como objetivo analisar o discurso das professoras sindicalistas aposentadas, membros da APEOESP da cidade de Jales-SP. Para tanto, propusemos uma pesquisa de cunho qualitativo, na perspectiva da Análise do discurso de orientação francesa, considerando as contribuições de autores como: Pêcheux (2008), Orlandi (2020), Coracini (2007), Gregolin (2007). Além desses, buscamos fundamentos em Foucault (2008) e Bakhtin (2006), pensadores que em muito têm contribuído para o desenvolvimento das teorias discursivas no Brasil. Portanto, consideramos os pressupostos teórico-metodológicos foucaultianos, especificamente o arqueogenealógico, visando a escavar os sentidos, na tentativa de analisar a construção de identidades e as relações de saber-poder que envolvem os desafios e experiências dos sujeitos desta pesquisa. No decorrer desta Dissertação, discorreremos sobre a formação sindical (APEOESP) na cidade de Jales-SP, desde sua fundação até as históricas manifestações e lutas atuais. Como procedimento, recorreremos ao questionário, a fim de investigar como se manifesta o discurso sindical na constituição identitária dos sujeitos pesquisados. Assim, após a constituição do *corpus*, analisamos os dizeres dos sujeitos desta pesquisa, considerando os acontecimentos exteriores e anteriores ao discurso, ou seja, a interdiscursividade, refletimos sobre as materialidades que intervêm na constituição identitária dessas professoras, com foco no jogo de imagens que fazem de si e da educação. Salientamos que as experiências e desafios enfrentados, durante suas vivências como educadoras, impactaram suas experiências e vivências, levando-as a permanecerem por tantos anos participando da luta de classe de sua categoria mesmo após aposentadoria. Concluímos que esses sujeitos ainda buscam, no sindicato, possibilidades de avanços nas políticas públicas da educação, com o fito de fortalecer o reconhecimento e a valorização da categoria.

Palavras-chave: Professor sindicalista. Análise de Discurso. Formação identitária. Jogo de Imagens.

ABSTRACT

This research is linked to the graduate program, *stricto sensu*, Master's in Education at the State University of Mato Grosso do Sul, offered at the Paranaíba-MS University Unit, with a focus in Education, Language, and Society, under the research line: Language, Education, and Culture. Its aim is to analyze the discourse of retired unionized teachers, members of APEOESP of Jales-SP. For this purpose, we proposed a qualitative research adopting the French Discourse Analysis perspective, considering the contributions of authors such as Pêcheux (2008), Orlandi (2020), Coracini (2007), and Gregolin (2007). In addition to these, we also based in Foucault (2008) and Bakhtin (2006), researchers who have significantly contributed to the development of discursive theories in Brazil. Therefore, we considered Foucault's theoretical and methodological assumptions, specifically the archaeology and genealogy approach, aiming to understand meanings in an attempt to analyze the construction of identities and the knowledge-power relations that involve the challenges and experiences of the subjects of this research. Throughout this dissertation, we discuss the formation of the union (APEOESP) in the city of Jales-SP, from its foundation to historical demonstrations and current struggles. As a procedure, we used the questionnaire to investigate how union discourse manifests in the identity constitution of the researched subjects. Thus, after constituting the corpus, we analyzed the subjects' statements, considering the external and previous events to the discourse, that is, interdiscursivity. We reflected on the materialities that intervene in the identity constitution of these teachers, focusing on the play of images they create of themselves and education. We emphasize that the experiences and challenges they faced during their time as educators impacted their personal experiences, leading them to remain involved in their category's class struggle for many years, even after retirement. We concluded that these subjects still seek, through the union, possibilities for advancements in public education policies, aiming to strengthen the recognition and appreciation of their category.

Keywords: Unionized teacher. Discourse analysis. Identity Formation. Image game

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 LINGUAGEM, DISCURSO, INTERDISCURSO E SOCIEDADE.....	23
1.1 Os estudos da linguagem.....	23
1.1.1 Análise de Discurso: definição e método de análise.....	25
1.2 Sujeito, memória discursiva e heterogeneidade.....	30
1.3 As condições de produção de discurso e o jogo de imagens.....	35
1.4 A formação discursiva e o interdiscurso na produção de sentidos	38
1.5 A ideologia e as relações de poder no meio sindical.....	42
2 APEOESP, SINDICALISMO E CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA.....	47
2.1 História do Sindicato no Brasil.....	47
2.2 O sindicalismo docente no Brasil.....	51
2.3 Surgimento e objetivos da APEOESP.....	56
2.3.1 História da APEOESP na cidade de Jales-SP.....	60
2.4 A organização sindical, a heterogeneidade discursiva e o sentido do silêncio...	64
2.5 A constituição identitária de docentes: um movimento na história	69
3 REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS DAS PROFESSORAS SINDICALISTAS: ANÁLISE DISCURSIVA.....	75
3.1 Memórias de professoras sindicalistas aposentadas e jogos de imagens.....	76
3.1.1 Memória discursiva: uma arena de luta.....	78
3.2 Professor sindicalista: Um ser corajoso que se preocupa com uma sociedade melhor.....	84
3.3 Efeitos de sentido e relações de poder no discurso sindical.....	89
3.4 Identidade da professora sindicalista.....	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS	105
APÊNDICES	110

Introdução

A palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É, portanto, claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem-formados (Bakhtin, 2014, p. 42).

Partimos do princípio de que o discurso de cada indivíduo se desenvolve e (re)constrói, na e pela interação social, a partir de situações significativas que depende de várias outras vozes existentes nos discursos presentes em nossa sociedade. (Bakhtin, 2004). O autor concebe a linguagem, destacando que a palavra permeia toda e qualquer atividade humana, ou seja, a linguagem é uma ação entre locutores, ação no mundo, portanto, é improvável pensar o homem fora dessa relação com o outro, uma vez que o sujeito só se constitui no processo de interação (inter + ação), determinando o caráter social da vida humana.

Consideramos que “as palavras remetem a discursos que derivam seus sentidos das formações discursivas, regiões do interdiscurso que, por sua vez, representam no discurso, as formações ideológicas” (Orlandi, 2020, p. 80). Isso porque o sujeito é constituído na e pela linguagem, é heterogêneo, formado por diversas vozes, diversos outros, diversos acontecimentos e experiências, por isso a importância de relacionar o linguístico com as condições sócio-históricas que fazem parte do discurso.

Quando falamos de discurso, poderíamos pensar em discurso político, entretanto, a definição de discurso é muito mais ampla. O discurso está presente não só no que falamos, ou pensamos, mas também em nossas utopias, nossas lutas e anseios. Na internet, por exemplo, podemos encontrar diversos tipos de textos, como listas, fotos, diagramas, aforizações, até mesmo em *posts*, em que o autor pode ser coletivo e não estar presente.

Nesse sentido, nesta pesquisa analisaremos discursos de um grupo de professoras sindicalizadas aposentadas, membros da (APEOESP), da cidade de Jales SP, que por meio de publicações de fotos, e enunciados escritos, observamos que participam ativamente das lutas sindicais dessa associação de docentes, participam das lutas sindicais, quase que uma vida inteira, já que são sindicalizadas e participam dessa luta há mais de 30 anos. E mesmo sendo

aposentadas, continuam participando do sindicato, lutando por seus direitos e pela melhoria da educação pública.

Dessa forma, os dizeres das professoras sindicalistas foram analisados por meio das propriedades internas e externas ao processo discursivo, ou seja, condições, remissões às formações discursivas, e modo de funcionamento do discurso, analisando a relação entre os sujeitos, sua história de vida, suas ideologias, o interdiscurso e formações identitárias, sempre partindo do estritamente linguístico para o extralinguístico.

Tendo em vista este contexto, tivemos como hipótese de pesquisa, de que essas professoras aderiram ao sindicato e continuaram sindicalizadas após a aposentadoria por acreditarem no sindicato como uma forma não só de conseguirem melhorias no trabalho e nas leis trabalhistas, como também para se sentirem atuantes na vida social e educacional do país, das quais elas sempre fizeram parte. E o fato de estarem aposentadas tornou-se mais acessível a participação delas nas reivindicações e manifestações. Desse modo, por meio da análise discursiva a respeito das representações desses professores, tecemos considerações sobre suas vivências, experiências e desafios que enfrentaram durante toda a vida de luta profissional desses sujeitos.

Como mergulho teórico, buscamos fundamentos em autores como Michel Pêcheux (2008), Orlandi (2020), Coracini (2007), além de Foucault (1999) e Bakhtin (2006). É importante destacar que, embora esses dois últimos estudiosos não pertençam à Análise do Discurso (AD) de orientação francesa, na contemporaneidade, os estudiosos do discurso têm buscado aporte nas teorias foucaultianas, mais precisamente, numa perspectiva discursivo-desconstrutiva (Coracini, 2007), assim como nos estudos de Bakhtin, quando se refere à teoria dialógica do discurso, teorias essas que vêm somando grandes contribuições aos estudos discursivos.

Portanto, nesta pesquisa, estamos trabalhando com essas perspectivas teóricas, Pêcheux, Foucault e Bakhtin, no intuito de melhor problematizar nosso objeto de estudo, visando a compreender a produção social de sentidos, realizada por sujeitos históricos, por meio da materialidade da linguagem.

Nessa perspectiva teórica, temos que os discursos são constituídos por ideologias dominantes, por isso se alia ao sócio-histórico e ideológico, às memórias discursivas. Salientamos que a Análise de Discurso é produção de sentidos, levando sempre em consideração as condições de produção do discurso (Pêcheux, 2008). Dessa forma, não se pretende, nesta pesquisa, checar se os dizeres das professoras, sujeitos desta pesquisa, são

verdadeiros ou falsos, o nosso objetivo é analisar os discursos que perpassam seus dizeres, problematizar os efeitos de sentido.

Da mesma forma, temos os pressupostos teórico-metodológicos foucaultianos, especificamente o arqueogenealógico, visando a escavar os sentidos, na tentativa de analisar a construção de identidades e as relações de saber-poder que envolvem os desafios e experiências dos sujeitos desta pesquisa. Nesta perspectiva, Foucault (1996, p. 41) corrobora que: “todo o sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que estes trazem consigo.”

Desse modo, consideramos importante também revisitar o enfatizado por Bakhtin (2006) sobre o dialogismo que é condição de existência do discurso, sendo uma via de mão dupla, ou seja, o discurso constitui-se por “já-ditos” de outros discursos, mas, ao mesmo tempo, não é possível existir discurso, independentemente, daquele a quem é destinado, o que significa que a opinião do interlocutor é determinante no processo de produção do discurso. Assim, pretendemos problematizar os efeitos de sentido presentes nos dizeres das professoras sindicalistas aposentadas, membros da APEOESP de Jales SP, no intuito de analisar como esses dizeres se articulam com sua formação identitária, com a história e as condições de produção de seu discurso.

Tendo em vista este contexto, questionamo-nos: O que veio influenciar essas professoras a se tornarem e permanecerem sindicalistas? Como se dá a interação dessas professoras com a APEOESP¹ e como ocorre a organizações de classe? Como ocorre o processo de constituição identitária dessas professoras como sindicalistas?

Mediante essas indagações e os fundamentos da Análise do Discurso de orientação francesa, visamos desenvolver uma pesquisa que pudesse problematizar e entender as vivências e desafios de professores que sempre estiveram na luta sindical.

Portanto, o nosso objetivo geral, nesta pesquisa, foi analisar o discurso das professoras sindicalistas aposentadas e pertencentes ao sindicato (APEOESP), subsele de Jales SP, a fim de problematizar os mecanismos discursivos que constituem esses sujeitos e que fazem parte de sua formação identitária.

Para melhor trilharmos por este caminho, como objetivos específicos desta pesquisa, tivemos a pretensão de:

- 1) compreender a heterogeneidade da linguagem, os interdiscursos que estão relacionados socialmente ao mundo sindical;

¹A APEOESP (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo) foi fundada no dia 13 de janeiro de 1945, em São Carlos.

- 2) analisar nos dizeres das professoras sindicalistas as ações sindicais dos sujeitos desta pesquisa e suas implicações para a sua constituição identitária;
- 3) investigar sobre a formação, e os pontos primordiais que instigaram essas professoras a pertencerem a essa classe profissional e continuarem sendo membros atuantes da vida sindical;

Na tentativa de melhor enveredarmos por esses objetivos, partimos por realizar um levantamento das teses e dissertações encontradas no site do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), nos últimos cinco anos (2018 a 2022). Para essa pesquisa, utilizamos os seguintes descritores: professor sindicalista, análise do discurso e identidade docente.

O objetivo desse levantamento foi buscar e criar um diálogo com outras pesquisas, sendo de suma importância para situar o objeto de estudo em relação a outras investigações desenvolvidas na área. Por meio dessa investigação, ao mapear os estudos já realizados na área, foi possível situar nosso objeto de estudo, bem como explorar melhor o tema. Dentre as pesquisas encontradas, destacamos:

Tabela 1 — Estudos encontrados no IBICT

ANO	PUBLICAÇÕES	AUTOR	INSTITUIÇÃO DE DEFESA	TIPO DE PUBLICAÇÃO
2020	Professores em luta: o Sindicalismo Docente sob a ótica da Imprensa Paranaense (1947-1964)	Darlon Dezan	Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste,	Dissertação
2019	Sindicalismo docente: a participação sindical dos professores da rede municipal de Castanhal-PA no SINTEPP	Victor Fernando Ramos de' Oliveira	Universidade Federal do Pará	Dissertação

2020	Sindicalismo docente e as particularidades organizativas, ideológicas e reivindicativas do magistério público municipal.	Marta Rosani Taras Vaz	Universidade Estadual de Ponta Grossa	Tese
2021	Condições de produção e formações imaginárias da constituição da identidade docente: uma análise do discurso.	Laís Cristina de Souza	Universidade Federal do Triângulo	Dissertação

Fonte: Organizado pela pesquisadora

Ao analisar a dissertação de mestrado “Professores em luta: o Sindicalismo Docente sob a ótica da Imprensa Paranaense (1947-1964)”, de Darlon Dezan, desenvolvida na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste -, na área da Educação. Nessa pesquisa, destacamos as relações de poder e linguagem presentes no modo como os professores foram noticiados nos jornais paranaenses. Foi possível notar que a finalidade básica da dissertação foi analisar a forma como a imprensa paranaense, entre os anos de 1947 a 1964, divulgou as ações do professorado da rede pública e privada paranaense, enquanto organização da classe trabalhadora. Para coleta de dados, o autor selecionou notícias de três jornais paranaenses: O Dia, Correio do Paraná e Diário da Tarde. Mediante a bibliografia levantada, as análises foram pautadas na observação das relações de poder, tendo como marco teórico principal o materialismo histórico e dialético, sobretudo, no exame das relações e embates inerentes ao Estado, à Economia e à Educação.

Para o referido estudo, o autor buscou os conceitos de Bakhtin e membros do círculo bakhtiniano, como é o caso da dialogia, que contribui para a compreensão das relações entre a linguagem e a sociedade. O recorte temporal da pesquisa teve como marco o intervalo compreendido entre o final do Estado Novo e o pré-golpe civil-militar de 1964. O objetivo principal da referida pesquisa foi destacar o discurso produzido pelos professores em luta, bem como a proposição de uma narrativa daquele período da história da educação do Paraná.

O trabalho de Dezan (2020) almeja contribuir para uma reflexão sobre a construção da imagem do professor no imaginário social paranaense. O autor destacou que para entender como os professores se organizam enquanto categoria vinculada ao sindicato, que lutam por melhoria de condições de trabalho, de aumento salarial, é preciso entender como essa classe

profissional se formou, e como estabeleceu suas bases para produzir ações críticas e de luta, perante a sociedade paranaense do período.

Victor Fernando Ramos de' Oliveira (2019), em sua dissertação de mestrado, “Sindicalismo Docente: a participação sindical dos professores da rede municipal de Castanhal-PA no SINTEPP”, desenvolvida na Universidade Federal do Paraná, discorre sobre a investigação e a participação dos docentes da rede municipal de Castanhal-PA nas ações do SINTEPP (Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Estado do Pará), destacando como essa classe se identifica e como se posiciona, em meio ao refluxo no movimento docente. Tendo em vista que as diversas transformações no mundo do trabalho são resultantes da crise estrutural do capital, porém, a exploração do trabalho atrapalha a organização dos trabalhadores, já que segundo especialistas estamos vivendo uma crise do sindicalismo. Nesse contexto, o SINTEPP-Castanhal contempla com uma taxa de filiação de 43% entre os professores da Rede Municipal de Castanhal-RMC, dado superior à taxa de sindicalização nacional de todos os trabalhadores, que é de 12%.

Dessa maneira, Oliveira (2019) tem o seguinte questionamento: em meio ao contexto de refluxo no movimento docente, como vem se manifestando a participação dos professores no sindicato, sua identidade de classe social e o posicionamento da direção no SINTEPP Castanhal? Diante da configuração, para permear a participação sindical desses docentes, foram analisados documentos, por meio da aplicação de questionários e entrevistas. Ao final dessa pesquisa, o autor identificou que diante de filiados e não filiados que participam das atividades sindicais, ambos são motivados por questões instrumentais, ideológicas e solidárias, porém, destacou alguns limites dessa participação, como: terceirização da luta, corporativismo, indiferença, assim como a própria intensificação do trabalho docente; em outra perspectiva, o sindicato/direção tem conseguido focalizar pautas da categoria, apresentando desafios para conseguir fortalecer a participação da base, por limitações na comunicação e formação sindical, dentre outros.

Desse modo, ao analisar esta pesquisa, podemos observar que essa pesquisa aponta para o fato de que o fortalecimento da participação dos trabalhadores é fundamental para os sindicatos repensarem sobre a postura defensiva, e, assim, refletir sobre as ações ofensivas de lutas reais e da emancipação da classe trabalhadora.

A tese “Sindicalismo docente e as particularidades organizativas, ideológicas e reivindicativas do magistério público municipal”, de Marta Rosani Taras Vaz (2020), desenvolvida na Universidade Estadual de Ponta Grossa, na área da Educação, apresentou

como objetivo geral atentar sobre as ações do sindicalismo docente do magistério público municipal, desenvolvidas diante de suas contradições e particularidades organizativas, ideológicas e reivindicativas, na perspectiva classista.

Dessa maneira, foram identificadas as características dos principais movimentos sindicais docentes nas redes públicas municipais de ensino, bem como as relações do sindicalismo docente (do magistério público municipal), direcionando os seus limites e possibilidades no que diz respeito à atuação na perspectiva revolucionária. Essa pesquisa foi fundamentada no referencial teórico-metodológico do Materialismo Histórico-Dialético, partindo do pressuposto da luta de classes como conflito fundamental da história e desencadeadora de inúmeras outras contradições presentes na sociedade capitalista. Mediante um recorte na pesquisa no âmbito do magistério público municipal, foram selecionadas três entidades sindicais, correspondentes a três formas de organização docente, localizadas na região sudeste do estado do Paraná, ou seja, sindicato regional próprio dos professores, seção sindical anexada ao sindicato estadual e sindicato de servidores públicos municipais.

Em relação à materialidade da consciência sindical, foi destacada a contradição entre a concepção dos docentes acerca dos sindicatos e sua pouca participação na luta sindical. Em relação às reivindicações, foram destacados a aproximação da luta docente com as políticas educacionais, o que representa um avanço na perspectiva da legislação da carreira docente e, contraditoriamente, condiciona o sindicalismo ao ritmo das políticas do Estado. Nessa pesquisa, destacou-se, ainda, que, apesar de possuir demandas particulares e aderir a pautas políticas mais abrangentes, a mobilização da categoria tende a acontecer com as reivindicações diretamente ligadas à remuneração.

A partir das singularidades, observou-se que existe a possibilidade de uma atuação sindical dos professores em uma perspectiva classista e revolucionária, que se dá por meio da adesão dos sindicatos ao programa político da classe trabalhadora. Portanto, verificou-se que a unidade de classe supera a fragmentação da luta das diversas categorias específicas, prioritariamente, em torno do conteúdo das reivindicações, mesmo que haja diferenças organizativas e ideológicas que caracterizam a sua heterogeneidade.

Nessa perspectiva, segundo Vaz (2020), autor da tese em estudo, o sindicalismo docente, incluindo o do magistério público municipal, mesmo que tenha contradições e particularidades organizativas, ideológicas e reivindicativas, mantém uma relação com o sindicalismo operário, permeado pela reivindicação de salário, proporcionando sua aproximação com o desempenho sindical que atenda aos interesses da classe trabalhadora na

perspectiva revolucionária. Desse modo, segundo o autor, o sindicalismo docente deve ser compreendido como um fenômeno recente na história brasileira, ou seja, “tardio” em relação ao sindicalismo operário, sendo constituído por dois segmentos da sociedade: magistério privado e magistério público.

Concluiu-se, nesta pesquisa, que a história do movimento sindical docente está relacionada ao modelo de organização associativista. Dessa maneira, perante uma estrutura descentralizada do ensino, no Brasil, é possível permitir que cada estado brasileiro tenha uma história particular do sindicalismo docente. A fase de repressão ao movimento docente iniciou-se com o golpe militar. Durante esse período da história brasileira, as manifestações eram restritas, diante do caso dos professores. Essa repressão era ainda maior e qualquer organização que tivesse uma perspectiva de reivindicação era vista como sindical e subversiva pelo governo.

Desse modo, como no sindicalismo, o associativismo que permanecia era aquele amigável com o governo, mesmo que existissem manifestações contrárias à ditadura. Nessas circunstâncias de repressão e rebaixamento salarial, os professores passaram a se mobilizar com o apoio de partidos políticos de esquerda. Nesse sentido, há um processo de conscientização docente, pois a suposta posição privilegiada que os distingue dos operários é desvelada e as relações de exploração, mesmo no setor público de ensino, saltam aos olhos dos professores que, a partir de então, começam a se reconhecer como “trabalhadores da educação”.

A última pesquisa analisada foi a dissertação “Condições de produção e formações imaginárias da constituição da identidade docente: uma análise do discurso”, de Laís Cristina de Souza (2021), desenvolvida na Universidade Federal do Triângulo Mineiro, na área da Educação, cujo objetivo foi destacar como a educação no Brasil tem se reconfigurado, permitindo um diálogo com as tecnologias e com os novos cenários que abrigam tanto a escola como os professores. Nesse sentido, essa dissertação buscou analisar a constituição da identidade profissional de professores em início de carreira, tendo como espaço de atuação a escola que, atravessada pelo contexto, se modifica constantemente. O trabalho interpretativo foi realizado sob a ótica da Análise do Discurso de linha francesa de Michel Pêcheux, por meio dos dispositivos teóricos sob condições de produção das formações imaginárias construídas nos discursos das participantes, investigou-se a constituição da identidade docente como um processo marcado pela continuidade de eventos específicos da carreira, no entanto, os sentidos e significações construídos resultam em discursos diferenciados.

Dessa maneira, por meio da discussão da identidade docente, Souza (2021) faz uma reflexão sobre as condições de produção dos discursos de professoras que integram a educação pública brasileira e apresenta os aspectos que influenciam diretamente sobre a formação profissional docente. Em relação à identidade docente, o autor relata que é preciso reconhecer os processos de constituição de formação do próprio indivíduo, considerando o sujeito e seus papéis na sociedade, seu pertencimento social e principalmente a influência que é exercida sobre si e que sobre os outros também exercem. A questão da identidade é considerada um dado mutável, sempre em construção, em constantes transformações. A identidade profissional é relacionada ao respeito e ao reconhecimento que o profissional tem de si, de sua profissão e dos outros que também atuam sobre ela, alinhando a experiência adquirida, sabedoria e prática profissional. Desse modo, ao analisar a identidade profissional, é possível compreender como se constrói a profissão, sua consolidação e quais os aspectos que a modelam, tendo como segmento as significações sociais da profissão, sua importância social e atualizações.

O autor dessa pesquisa, Souza (2021), conclui que a identidade profissional docente é transformada de modo gradual e contínuo e não se estabelece enquanto finalizada, concluída. Seu desenvolvimento é consequência dos processos de formação inicial e continuada, da atuação, de saberes adquiridos, dos sentidos e significados que o sujeito depreende de todo o sistema escolar e educacional, das relações que se estabelece em sua vida profissional e também em sua vida pessoal, fora do ambiente de trabalho.

Mediante as pesquisas analisadas, podemos concluir que as identidades docentes têm como espaço de atuação a escola que, por intermédio do contexto escolar e das experiências vividas, se modificam constantemente. Verificamos que o sindicalismo docente, ainda, que tenha contradições e particularidades organizativas, ideológicas e reivindicativas, estabelece uma relação com o sindicalismo operário, marcado pela reivindicação de salário, apresentando uma aproximação com o desempenho sindical que atenda aos interesses da classe trabalhadora na perspectiva revolucionária. Dessa maneira, podemos verificar que todas as pesquisas analisadas tratam do sindicalismo docente, dos profissionais da educação, mas somente uma desenvolve a pesquisa tendo como pressuposto teórico metodológico a Análise do discurso de linha francesa, porém, discorre sobre o professor em início de carreira como sujeito da pesquisa. Assim, podemos afirmar que nenhuma dessas pesquisas aqui resenhadas tiveram como sujeito de pesquisa, o docente aposentado, o qual é o foco desta pesquisa.

Portanto, eis o grande diferencial desta pesquisa: investigar o discurso do docente em final de carreira, mais precisamente, o professor aposentado, por isso, dar voz a esses sujeitos já aposentados, consideramos de grande relevância social. Já que não encontramos nas pesquisas bibliográficas realizadas nenhuma que tivesse como foco o docente aposentado atuante no mundo sindical. Assim, partimos para o início desta pesquisa.

Como procedimento inicial de pesquisa, estabelecemos um primeiro contato com o diretoria da APEOESP, subsede de Jales-SP, momento em que solicitamos autorização para que pudéssemos ter o primeiro contato com as professoras sindicalistas aposentadas, visando a sondarmos a predisposição dessas professoras em participar desta pesquisa. Na oportunidade, foram apresentados à diretora da APEOESP os objetivos da pesquisa, a metodologia utilizada e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para conhecimento e, posteriormente, assinatura dos sujeitos desta pesquisa, que aceitaram responder a entrevista.

A partir de então, partimos para a submissão do Projeto de Pesquisa à Plataforma Brasil, juntamente a todos os documentos e declarações anexas, segundo exigências do Comitê de Ética, o que foi aprovado conforme protocolo nº 69609923.0.0000.8030. A partir da aprovação do Comitê de Ética e liberação para condução da pesquisa pela Plataforma Brasil, no mês de agosto de 2023, iniciamos a constituição do *corpus* que se estendeu até o mês de dezembro do mesmo ano.

É importante destacar que, inicialmente, desenvolvemos uma pesquisa bibliográfica, cuja abordagem é essencial em qualquer investigação científica, pois envolve a busca e revisão sistemática de fontes bibliográficas relevantes. Além disso, utilizamos procedimentos da pesquisa de campo, com a aplicação de um questionário, com um roteiro de perguntas abertas, com o objetivo de coletar os dizeres das professoras sindicalistas aposentadas, as quais são os sujeitos desta pesquisa.

Para obtermos o relato dos sujeitos desta pesquisa, primeiramente, mantivemos contato com as professoras com mais tempo de adesão ao sindicato, oportunidade em que explicamos os objetivos desta pesquisa e sondamos a disposição desses sujeitos em participar desta pesquisa. Na oportunidade, conseguimos a adesão de oito professoras aposentadas. Em seguida, enviamos o roteiro com um questionário a esses sujeitos, que foram realizadas pelo aplicativo google forms² e enviadas individualmente por meio de um link (<https://forms.gle/XuvBRfcMGUYLELoe6>) a cada participante da pesquisa.

² Google Forms é um serviço gratuito para criar formulários online. Nele, o usuário pode produzir pesquisas de múltipla escolha, fazer questões discursivas, solicitar avaliações em escala numérica, entre outras opções.

É importante ressaltar que o questionário é um instrumento de pesquisa eficaz numa pesquisa qualitativa, uma vez que traçamos perguntas abertas ou roteiros de perguntas, com o fito de deixá-las mais à vontade para escreverem sobre si, de suas vivências e desafios no sindicalismo docente. Na oportunidade, elas puderam responder/comentar a partir de suas vivências e inquietações acerca de suas experiências adquiridas como membros da APEOESP, em consonância aos objetivos desta pesquisa, proporcionando, assim, embasamento para que pudéssemos refletir e problematizar sobre suas experiências sindicais.

Após constituir o *corpus* e transcrever os relatos das professoras sindicalistas aposentadas, selecionamos os excertos pertinentes aos objetivos desta pesquisa para fazer parte do corpus. Ao analisar os excertos selecionados, fomos relacionando a materialidade linguística à opacidade da linguagem, à determinação dos sentidos ao longo da história, à constituição do sujeito pela ideologia e pelo inconsciente, fazendo espaço para o possível. Assim, tivemos o intuito de problematizar os sentidos dos excertos, em sua materialidade linguística e histórica, no qual o imaginário tem força constitutiva do dizer, ou seja, faz parte do funcionamento da linguagem, assentando-se no modo sobre e como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas em uma sociedade pelas relações de poder, bem como entender os interdiscursos presentes nesses discursos.

O discurso das professoras teve um papel fundamental, para analisarmos os sentidos que atravessam o imaginário sócio-discursivo que condiciona o sujeito em sua discursividade. Com isso, analisamos o modo como os sentidos são produzidos, bem como pudemos compreender melhor os ditos e não ditos presentes nos discursos das professoras, sujeitos desta pesquisa. É importante destacar que toda nossa análise é um exercício de leitura que reflete a nossa subjetividade e a nossa forma de ver o mundo, enquanto professora e pesquisadora. Como toda leitura, esta foi uma das leituras possíveis neste momento, e, conforme o olhar, novas leituras poderão ser feitas.

Mediante o exposto, passamos a organização dos capítulos desta pesquisa, que se deu da seguinte forma:

No capítulo inicial, estabelecemos uma conexão entre as concepções abordadas pela Análise do Discurso de orientação francesa; as contribuições foucaultianas e bakhtinianas. Nessa discussão, exploramos temas cruciais, tais como língua, linguagem, discurso, sujeito, memória discursiva, heterogeneidade, condições de produção, formações discursivas, interdiscurso, subjetividade, ideologia e relações de poder. Assim, correlacionamos os motivos pelos quais a Análise de Discurso de orientação francesa é fundamental para esta

pesquisa como referencial teórico e dispositivo de análise. Essa fundamentação foi importante para que pudéssemos olhar o *corpus* constituído, refletimos sobre a vivência e atuação da professora sindicalista na APEOESP, por meio da análise e compreensão dos fenômenos discursivos em foco.

No segundo capítulo, discorreremos sobre a história do sindicato no Brasil, história da APEOESP e suas principais lutas, bem como trazemos dados da fundação da APEOESP no município de Jales-SP. Estabelecemos correlações entre discurso, formação sindical e as questões ideológicas que afetam os gestos interpretativos no sindicalismo docente, bem como enveredamos pela formação identitária, que mesmo em final de carreira, estão sempre em constituição, fazem parte do movimento da história sindical e da sociedade.

Já no terceiro e último capítulo, analisamos e problematizamos os dizeres das professoras sindicalistas membros da APEOESP da cidade de Jales-SP. Por meio de uma abordagem discursiva, enveredamos pelas narrativas dessas professoras, buscando compreender como os discursos sindicais influenciaram a sua constituição identitária. Ao analisar esse *corpus*, numa perspectiva discursiva, caminhamos pelas estratégias linguístico-discursivas que permeiam a experiência dessas professoras, examinando a memória discursiva, o impacto do contexto social, cultural e institucional em suas construções discursivas.

Por fim, temos nossas considerações finais, oportunidade em que concluímos que essas professoras, mesmo aposentadas, continuam lutando pelos avanços, ou melhoria, para sua categoria, pois vêm no sindicato possibilidades de defender seus direitos trabalhistas, de lutar por negociações de salário, entre outros benefícios. Quando estavam trabalhando, havia dificuldades em participar de manifestações, pois, estar em sala de aula exige muita dedicação dos docentes, após a aposentadoria, os sujeitos desta pesquisa encontraram mais tempo em participar dos eventos da APEOESP e defender os direitos de uma categoria que tanto precisa lutar para conquistar seus direitos.

1 LINGUAGEM, DISCURSO, INTERDISCURSO E SOCIEDADE

O discurso manifesto não passaria, afinal de contas, da presença repressiva do que ele diz; e esse não-dito seria um vazio minando, do interior, tudo que se diz. O primeiro motivo condena a análise histórica do discurso a ser busca e repetição de uma origem que escapa a toda determinação histórica; o outro a destina a ser interpretação ou escuta de um já-dito que seria, ao mesmo tempo, um não-dito (Foucault, 2008, p. 28).

1.1 Os estudos da linguagem

Como esta pesquisa faz parte da linha de pesquisa “Educação, linguagem e sociedade”, não podemos deixar de definir a linguagem verbal (oral ou escrita) e não verbal e sua importância para mediar a educação em nossa sociedade, já que como seres humanos que somos, agimos, pensamos e refletimos por meio da linguagem. Nós, professores, principais atores da educação brasileira, somos os sujeitos que temos a ousadia de interagir, transformar sujeitos aprendentes/alunos para agir e transformar esta sociedade por meio da linguagem, sempre por meio de um já-dito, mesmo que não-dito,

Ao falar de linguagem, voltamos à origem dos estudos linguísticos, estudos estes que contribuíram em muito para as pesquisas científicas sobre os estudos da linguagem que temos atualmente. Saussure (2012) iniciou os estudos da linguagem como Ciência, o primeiro a separar e conceituar língua e fala, ele considerou a linguagem uma dualidade, ou seja; língua/fala. Com o desenvolvimento dos estudos linguísticos, a linguagem sempre foi vista numa perspectiva dicotômica, código/mensagem, competência/performance, língua/discurso. Dessa maneira, a linguagem é concebida como uma entidade de duas faces: uma formal, constituída pelo “núcleo duro” da língua (o sistema abstrato das formas) e outra, por meio da qual a linguagem se relaciona com o mundo pelos falantes.

Mas é evidente, por exemplo, que as questões linguísticas interessam a todos historiadores, filólogos etc.- que tenham de manejar textos. Mais evidente ainda é a sua importância para a cultura geral: na vida dos indivíduos e das sociedades, a linguagem constitui fator mais importante que qualquer outro. Seria inadmissível que seu estudo se tomasse exclusivo de alguns especialistas; de fato, toda a gente dela se ocupa pouco ou muito; mas - consequência paradoxal do interesse que suscita não há domínio onde tenha germinado ideias tão absurdas, preconceitos, miragens, ficções (Saussure, 2012, p. 14).

Verificamos que Saussure foi além de seu tempo ao admitir que todos, historiadores, filólogos e, acrescentamos, os professores e todas as outras profissões manejam textos, se não escritos, mas orais, todos fazemos uso da linguagem/discursos em nosso cotidiano. Entretanto, ao aprofundar seus estudos, Saussure trabalhou com a língua, excluindo a fala de seus

estudos. Portanto, numa perspectiva mais abrangente de linguagem, buscamos as contribuições de Bakhtin (2006), já que esse autor não considera mais esta perspectiva dualista da linguagem, pois para ele, a linguagem é ação entre interlocutores, é diálogo, com essa concepção, a enunciação, a interação face-a-face é trazida para os estudos da linguagem.

É importante destacar que Bakhtin, filósofo russo, também nos traz algumas colaborações que podem complementar os preceitos da Análise do discurso de orientação francesa, perspectiva teórico-metodológica adotada nesta pesquisa. Bakhtin (2006, p. 18) “define a língua como expressão das relações e lutas sociais, veiculando e sofrendo o efeito desta luta, servindo, ao mesmo tempo, de instrumento e de material”.

Assim como Saussure, Bakhtin parte do princípio de que a língua é um fato social cuja existência funda-se nas necessidades de comunicação. No entanto, afasta-se de Saussure ao ver a língua como algo concreto, fruto da manifestação interindividual entre os falantes, valorizando, assim, a manifestação concreta da língua e não o sistema abstrato de formas. Essa manifestação não é a fala de Saussure, porque é eminentemente social (Cardoso, 1999, p. 24).

Segundo a autora, Bakhtin valoriza a enunciação, afirma sua natureza social, não individual, sendo assim, a fala está indissoluvelmente ligada às condições de produção da linguagem que, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais.

De acordo com Cardoso (1999), a língua é constituída por meio de um processo de evolução ininterrupto, ou seja, por meio da interação verbal social dos locutores há um processo de criação contínua. Em outras palavras, a língua é um processo criativo, uma atividade, que se materializa por enunciações. O seu caráter dialógico é a realidade essencial da linguagem, pois “toda enunciação, fazendo parte de um processo de comunicação ininterrupto, é um elemento do diálogo, no sentido amplo do termo, englobando as produções escritas” (Bakhtin, 2006, p. 16).

Partindo desses pressupostos, temos como princípio, que produzir linguagem é produzir discursos, já que para entendermos uma língua, temos que entender as condições de produção dos enunciados, dos discursos. A linguagem é atravessada por entradas sociais, subjetivas e objetivas ao mesmo tempo, provocando nos estudos linguísticos um deslocamento, até então balizado por meio da problemática destacada pela oposição à língua/fala que impôs uma linguística da língua formal.

É importante destacar que os estudiosos do discurso buscam uma compreensão do fenômeno da linguagem, não mais direcionado à língua, sistema ideologicamente neutro, mas numa outra perspectiva, situada fora desse pólo da dicotomia saussuriana. Dessa maneira, o ponto de articulação dos processos ideológicos e dos fenômenos linguísticos é, portanto, o

discurso (Brandão, 2004).

Na visão dessa autora, a linguística imanente não pode dar conta do seu objeto ao se limitar ao estudo interno da língua, é necessário que ela traga para o interior mesmo do seu sistema um enfoque que articula o linguístico e o social, buscando as relações que vinculam a linguagem e a ideologia. Sistema de significação da realidade, a linguagem não pode ser um distanciamento entre o signo que a representa e a coisa representada. É nessa distância que reside o ideológico, no interstício entre a coisa e sua representação. Assim, entendemos que a linguagem é discurso, é ação entre interlocutores.

A linguagem enquanto discurso não constitui um universo de signos que serve apenas como instrumento de comunicação ou suporte de pensamento; a linguagem enquanto discurso é interação, é um modo de produção social; ela não é neutra, inocente e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia (Brandão, 2004, p. 11).

Por meio da mediação necessária entre o homem e sua realidade e como forma de engajamento na própria realidade, consideramos que a linguagem é lugar de confronto ideológico, de conflito, não podendo ser estudada distante da sociedade, uma vez que estes são constituídos por processos histórico-sociais. Seu estudo não pode ocorrer independente dos fatos sociais e suas condições de produção.

1.1.1 Análise de Discurso: definição e método de análise

Ao refletirmos sobre a linguagem, na perspectiva discursiva, deixamos de considerá-la apenas como instrumento externo de comunicação e de transmissão de informação, como era na visão estruturalista da linguagem, para ser vista como uma forma de atividade entre os protagonistas do discurso.

Essa perspectiva de ver a linguagem colaborou para o surgimento dos estudos da linguagem numa outra perspectiva, a linguagem enquanto discurso, que é a análise do discurso de orientação francesa (AD), a qual surgiu a partir dos anos 60 do século XX, no cenário da intelectualidade francesa, em que se tomou o discurso como seu próprio objeto, visando suprir o desprovimento da análise de conteúdo praticado nas ciências humanas (Brandão, 1998).

Michel Pêcheux, filósofo francês, considerado o fundador da análise do discurso, especialmente em sua linha materialista e francesa, apresenta uma nova reflexão em relação à linguagem, não se contentando com o já-feito e com as evidências, mas refletindo nos entremeios, assim, seus princípios teóricos não estão direcionados às categorias do

conhecimento (disciplinas), mas nas lacunas existentes entre uma área e outra (Pêcheux, 2008).

O que interessa à análise do discurso é a produção de sentidos, são os sentidos que produzimos cotidianamente por meio da língua, permitindo analisar unidades além de frases. Dessa maneira, o texto não é um amontoado de frases, o texto pode ser uma simples palavra numa situação enunciativa, não se apresenta de forma sistemática, segue diferentes perspectivas em diferentes épocas, até chegar aos estudos enunciativos e discursivos desconstrutivistas estudados atualmente.

A linguagem é uma manifestação ideológica, segundo Bakhtin (2006), os enunciados dialogam entre si, pois a língua é viva, produzida na e pela história e, ao mesmo tempo, produtora da história dos homens. Isso porque:

A palavra é o signo ideológico por excelência; ela registra as menores variações das relações sociais, mas isso não vale somente para os sistemas ideológicos constituídos, já que a “ideologia do cotidiano”, que se exprime na vida corrente, é onde se formam e se renovam as ideologias constituídas (Bakhtin, 2006, p. 17).

É por meio da língua que o homem interage em sua comunidade e cria meios para transformá-la. De acordo com Bakhtin (2006, p. 95), “a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico, ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras, somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida”. Nessa perspectiva, ressaltamos que o discurso/linguagem, segundo os pressupostos que adotamos nesta pesquisa, não é somente a fala, nem a língua, nem o texto, precisa de elementos linguísticos, históricos e ideológicos para ter uma existência material.

Se a fala é o motor das transformações linguísticas, ela não concerne aos indivíduos; com efeito, a palavra é a arena onde se confrontam aos valores sociais contraditórios; os conflitos da língua refletem os conflitos de classe no interior mesmo do sistema: comunidade semiótica e classe social não se recobrem (Bakhtin, 2006, p. 15).

Podemos salientar que o discurso sindical está inserido nessa arena de conflitos apregoada por Bakhtin (2006) e implica uma exterioridade à língua, envolve questões de natureza não estritamente linguística, o discurso está relacionado ao sócio histórico e ideológico. Por isso é importante destacar que:

[...] O discurso não corresponde à noção de fala pois não se trata de opô-lo à língua como sendo um sistema, onde tudo se mantém, com sua natureza social e suas constantes, sendo o discurso, como a fala, apenas uma sua ocorrência casual,

individual, realização do sistema, fato histórico, a-sistemático, com suas variáveis etc. O discurso tem sua regularidade, tem seu funcionamento que é possível apreender se não opomos o social e o histórico, o sistema e a realização, o subjetivo ao objetivo, o processo ao produto (Orlandi, 2020, p. 22).

Os discursos não são fixos, sofrem transformações estão sempre se movendo, é preciso considerar os elementos que têm existência socialmente, como ideologias e história, sendo assim, o discurso do professor sindicalista acompanha as transformações sociais e políticas de toda natureza que integram a vida humana, sendo ele aposentado ou não.

A Análise do Discurso é um campo de estudo que tem como objeto de análise a produção de efeitos de sentido, oferecendo ferramentas conceituais para o estudo dos acontecimentos discursivos, praticados por sujeitos sociais, que utilizam a materialidade da linguagem e estão inseridos na história. “As posições em contraste revelam lugares socioideológicos assumidos pelos sujeitos envolvidos, e a linguagem é a forma material de expressão desses lugares. Vemos, portanto, que o discurso não é a língua(gem) em si, mas precisa dela para ter existência material e/ou real” (Fernandes, 2008, p. 12).

Consideramos importante reafirmar que, de acordo com Orlandi (2020, p. 15.), “a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com estudo do discurso observa-se o homem falando”. Sob essa perspectiva teórica, por meio da Análise do Discurso, enquanto trabalho simbólico, procuraremos compreender a língua fazendo sentido, como parte da formação social e sindical dos sujeitos da pesquisa, o que é constitutivo das professoras sindicalistas, tendo em vista suas histórias de formação, de lutas sindicais e políticas.

Podemos destacar que a Análise de Discurso, ao considerar a instauração de novos gestos de leitura ou análise, como um dispositivo, manifesta-se, com efeito, por meio de um conhecimento que se realiza no entremeio e leva em conta a contradição, o confronto entre sua teoria e sua prática de análise (Orlandi, 2020).

Portanto, ressaltamos que a análise do discurso, não trata de gramática, nem da língua, embora todos esses fatores lhe interessem. “Como se trata de um campo do conhecimento cientificamente constituído, a compreensão desse objeto de análise requer um rigor teórico, do qual devemos nos vestir para referirmos a discurso. Como seu próprio nome diz, ela trata do discurso” (Fernandes, 2008. p. 11). Esse autor define discurso como:

Uma palavra corrente no cotidiano da língua portuguesa, é constantemente utilizada para efetuar referência a pronunciamentos políticos, a um texto construído a partir de

recursos estilísticos mais rebuscados, a um pronunciamento marcado por eloquência, a uma frase proferida de forma primorosa, à retórica, e muitas outras situações de uso da língua em diferentes contextos sociais. Porém, para compreendermos discurso como um objeto do qual se ocupa uma disciplina específica, objeto de investigação científica, devemos romper com essas acepções advindas do senso comum, que integram nosso cotidiano, e procurar compreendê-lo respaldado em acepções teóricas relacionadas a métodos de análise (Fernandes, 2008, p. 11).

Ou seja, análise do discurso, enquanto método de análise, é uma forma de ver e refletir sobre as enunciações é analisar os ditos e não-ditos da sociedade, levando sempre em conta o acontecimento, a enunciação, a exterioridade (histórico, social, político e ideológico). Por meio da Análise do Discurso, podemos discorrer sobre as diferentes formas de significar a linguagem de modo geral, e no caso desta pesquisa, a linguagem do professor sindicalista. Compreender o discurso do professor sindicalista em seu percurso, em seu movimento, entender os possíveis sentidos da língua, relacionando linguagem à sua exterioridade é nosso objetivo.

Assim, buscamos o apregoado por Michel Pêcheux (2008), ao destacar a caracterização das produções sociais de sentidos, sobretudo, porque os sujeitos vivem numa problematização permanente de discursos. A partir da problematização dos fatos e do discurso, temos que o discurso seja um lugar de enfrentamentos teórico-metodológicos. Pêcheux (2008) descreveu o discurso como uma determinada forma de materialidade (histórico e linguístico), diretamente interligada com a materialidade ideológica, tencionando uma semântica do discurso, a insistência do outro como o próprio princípio do real sócio-histórico.

Dessa maneira, Pêcheux (2008) analisa que o objeto da linguística (o próprio da língua) aparece atravessado por uma divisão discursiva entre dois espaços: o da manipulação de significações estabilizadas, normatizadas por uma higiene pedagógica do pensamento, e o de transformações do sentido, escapando a qualquer norma estabelecida a priori, de um trabalho do sentido sobre o sentido, tomados no relançar indefinido das interpretações.

Sobre os efeitos de sentido, Rojo e Barbosa (2015) destacam que são os efeitos de sentido que caracterizam o discurso, as vozes, os ecos ideológicos, e as apreciações de valor que o sujeito do discurso faz por meio do enunciado, viabilizando certas escolhas linguísticas. Não importando as formas linguísticas, mas o desenvolvimento do tema e a significação. “Um texto ou enunciado é, como vimos, um dito (cantado, escrito, ou mesmo pensado) concreto e único, irrepitível, que gera significação e se vale da língua/linguagem para sua materialização, constituindo o discurso” (Rojo; Barbosa, 2015, p. 25).

Dessa maneira, essas autoras ressaltam a respeito da alternância entre os sujeitos

falantes, entre os enunciadores, que vai delimitar a fronteira ou o limite entre um enunciado / texto e outro. Isso é bem fácil de ver no diálogo ou em uma conversa, organizado por turnos de fala em que eu falo/você/fala todo o tempo. No entanto, essas fronteiras também existem quando se publica um romance e permite que o leitor, assuma sua voz no discurso ao apreciar positivamente ou negativamente, ao dialogar com ele, ou até mesmo, descartá-lo para o fundo da estante ou então escrever uma crítica, ou uma resenha, ou carta do leitor.

Michel Foucault (historiador e arqueólogo), em seu livro “A arqueologia do saber”, temos a afirmação de que:

A análise do campo discursivo é orientada de forma inteiramente diferente; trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação excluem (Foucault, 2008, p. 31).

Esse autor, nesse mesmo livro, faz uma reflexão sobre os seus trabalhos anteriores e sistematiza uma série de conceitos determinantes para a abordagem do discurso. Destaca que o discurso é uma prática que provém da formação dos saberes e que se articula com outras práticas não discursivas, é um jogo estratégico e polêmico, por meio do qual constituem-se os saberes de um momento histórico, é o espaço em que poder e saber se articulam (quem diz, diz de algum lugar, baseado em um direito reconhecido institucionalmente), os dizeres e fazeres inserem-se em formações discursivas, em que os elementos são geridos por determinadas regras de formação.

Foucault (2008) traz importantes informações acerca do que é arqueologia.

A arqueologia busca definir não os pensamentos, as representações, as imagens, os temas, as obsessões que se ocultam ou se manifestam nos discursos, mas os próprios discursos, enquanto práticas que obedecem a regras. Ela não trata o discurso como documento, como signo de outra coisa, como elemento que deveria ser transparente, mas cuja opacidade importuna é preciso atravessar frequentemente para reencontrar, enfim, aí onde se mantém à parte, a profundidade do essencial; ela se dirige ao discurso em seu volume próprio, na qualidade de monumento. Não se trata de uma disciplina interpretativa: não busca um "outro discurso" mais oculto. Recusa-se a ser "alegórica" (Foucault, 2008, p. 157).

Dessa maneira, a arqueologia não procura reconstituir o que pôde ser desejado, pensado, experimentado, visado, almejado pelos homens no momento em que enunciam o discurso; ela não sugere a recolher esse núcleo fugidio onde a obra e o autor trocam de identidade; onde permanece ainda o mais próximo de si o pensamento, e onde na dispersão espacial e sucessiva do discurso a linguagem não se desenvolveu. De outro modo, ao reencontrar sua própria identidade, não tenta repetir o que foi dito (Foucault, 2008).

Sendo assim, ao analisar a produção do discurso do professor sindicalista, é necessário redistribuir e organizar procedimentos que determinam aquilo que é dito em um certo momento histórico, ou seja, as noções de interdiscurso, formação discursiva, e o papel da memória (uma memória de natureza social) também são cruciais para se ter uma compreensão do discurso desses professores. Tendo em vista que o discurso só tem sentido para um sujeito, se ele o reconhece como pertencente a uma determinada formação discursiva, este é um dos aspectos da materialidade ideológica. Para entender o discurso, é preciso analisá-lo, considerando que se trata de um objeto, ao mesmo tempo, linguístico, histórico e ideológico.

Portanto, todo nosso olhar, nesta pesquisa, estará imerso nesta perspectiva teórica, considerando os participantes da pesquisa como sujeitos históricos e sociais, com suas ideologias e saberes sempre em movimento, em constituição, dentro de uma formação discursiva, cujos movimentos se dão de acordo com os acontecimentos discursivos.

1.2 Sujeito, memória discursiva e heterogeneidade

O sujeito discursivo é constituído por meio da interação sócio-histórica, o seu dizer não é composto por uma única voz, um conjunto de outras vozes habita seu dizer, são vozes heterogêneas, que se manifestam. Desse modo, o sujeito é polifônico constituído por uma heterogeneidade de discursos. Nessa perspectiva, acreditar que um discurso é totalmente novo ou que um sujeito é o único autor de um discurso pode se configurar em um equívoco, pois o discurso é uma linguagem inserida em um contexto sócio-histórico-cultural, e mesmo que aparentemente o discurso se apresente como novo, ao se escavar, encontraremos as raízes e as ideologias presentes (Brandão, 2004).

Dessa maneira, os sentidos são históricos e os sujeitos são sociais, os discursos desenvolvem e se confrontam, em batalhas, expressando as lutas em torno de dispositivos identitários. Nessa perspectiva teórica, Brandão (2004) destaca que a noção de história é de suma importância, pois o sujeito é essencialmente histórico e marcado espacial e temporalmente. A autora descreve que o discurso é produzido a partir de um determinado lugar e de um determinado tempo, a concepção de um sujeito histórico articula-se a outra noção fundamental: a de um sujeito ideológico.

Dessa forma, “ao ser projetado em um espaço e um tempo orientado socialmente, o sujeito situa o seu discurso em relação aos discursos do outro” (Brandão, 2004, p. 59). Sendo assim, o outro envolve não só o seu destinatário para quem planeja, ajusta a sua fala (nível intradiscursivo), mas também envolve outros discursos historicamente já constituídos e que

emergem na sua fala (nível interdiscursivo).

Na concepção teórica de Orlandi (2020, p. 49), “a noção psicológica de sujeito empiricamente coincide consigo mesmo, atravessado pela linguagem e pela história, sob o modo do imaginário, o sujeito só tem acesso a parte do que diz. Ele é materialmente dividido desde sua constituição: ele é sujeito de e é sujeito à”. Desse modo, se o sujeito é determinado, se não sofre os efeitos do simbólico, ou seja, se não se submeter à história, à língua, ele não se constitui, não produz sentidos, não fala, não há acontecimento.

O modo como o sujeito ocupa o seu lugar (exterioridade), enquanto posição social, determina o seu dizer. A língua não lhe é transparente, nem o mundo lhe é totalmente apreensível quando se trata de significação, pois o vivido dos sujeitos é informado, contado por outrem, que tem a sua visão de mundo, sua ideologia. A sociedade atual corresponde a forma-sujeito histórica representando bem a contradição, ou seja, ao mesmo tempo, em que o sujeito é livre, é capaz de uma submissão sem falhas, e uma liberdade sem limites, pode tudo falar, desde que se submeta à língua para conhecê-la. Essa é a base do assujeitamento. (Orlandi, 2020).

Na concepção de Orlandi (2020), em determinadas condições, o sujeito é impelido de um lado, pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos, por meio de sua memória discursiva, o sujeito é determinado por um saber/poder/dever dizer, em que as formações discursivas são inscritas por fatos que fazem sentidos e representam no discurso as injunções ideológicas. Por isso, é importante ressaltar que

A Análise do Discurso não focaliza o indivíduo falante, compreendido como um sujeito empírico, ou seja, como alguém que tem uma existência individualizada no mundo. Importa o sujeito inserido em uma conjuntura social, tomado em um lugar social, histórica e ideologicamente marcado; um sujeito que não é homogêneo, e sim heterogêneo, constituído por um conjunto de diferentes vozes. Assim, as noções de polifonia, heterogeneidade e identidade também constituem objeto de reflexão e são necessárias (Fernandes, 2008, p. 7).

Essa heterogeneidade de discursos não deixa de estar presente no meio sindical, diferentes vozes perpassam esses sujeitos; por isso, é de suma importância discorrer sobre as diferentes formas de significar a linguagem e de significar os sujeitos em suas lutas históricas. Investigar e compreender o discurso do professor sindicalista em seu percurso, em seu movimento, relacionando linguagem à sua exterioridade, além de problematizar o discurso desses professores, relacioná-lo a sua memória discursiva, faz-se necessário.

Em relação à memória discursiva, Orlandi (2020) destaca que os discursos se

cristalizam em nossa memória e afetam o modo como o sujeito significa em uma determinada situação discursiva. Dessa maneira, os sentidos já ditos por alguém, em algum lugar, em outros momentos, tem influência sobre o discurso de quem fala, esses sentidos retornam no dizer, mas, ao mesmo tempo, podem derivar para outros sítios de significação, produzindo novos sentidos, efeitos do jogo da língua inscritos na materialidade da história, denominado interdiscurso.

Por sua vez, quando associada ao discurso, a memória tem suas características, é determinada como interdiscurso, ou seja, é definida como aquilo que independentemente é falado antes, em outro lugar, chamado assim de memória discursiva. É o saber discursivo que possibilita todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada palavra (Orlandi, 2020).

Em complemento a esse pensamento, Cardoso (1999, p. 21) afirma que “cada época e cada grupo social tem seu repertório de formas de discurso que funciona como espelho que reflete e refrata o cotidiano”. A palavra é a revelação de um espaço no qual os valores fundamentais de uma dada sociedade se explicitam e se confrontam”. Esses valores são remetidos à nossa memória e se transformam em já-ditos, que vamos sempre reproduzindo e transformando, por meio de nossa memória.

Entretanto, a memória discursiva não seria aquilo que o sujeito lembra, não se trata da lembrança de uma situação, mas sim, de uma ordem ideológica. A partir de retomadas, a memória discursiva cristaliza situações, ou seja, constrói discursos. As redes discursivas de reformulação recebem os sentidos que podem se modificar, se reunirem às formulações já existentes. Assim, as redes de memória vão se atualizando ao mesmo tempo, em que se reúnem com as formulações já existentes. Essas reformulações produzem uma relação de metáfora, quando se relacionam com outros termos num mesmo sentido. Dessa maneira, os saberes pré-existem ao discurso do sujeito (Coracini, 2007).

Mas nem sempre falar é sinônimo de reter na memória, a não ser que estejamos nos referindo à memória cognitiva, à consciência. Entretanto, o que somos e o que pensamos ser estão carregados do dizer alheio, dizer que nos precede ou que precede nossa consciência e que herdamos, sem saber como e nem porque, de nossos antepassados ou daqueles que parecem não deixar rastros. O que somos e o que vemos está carregado, portanto, do que ficou silenciosamente abafado na memória discursiva, como um saber anônimo, esquecido (Coracini, 2007, p. 59).

Nessa perspectiva, o outro constitui o nosso discurso, o nosso eu, assim, é possível destacar que as representações que a sociedade faz do professor sindicalista e as representações que o professor sindicalista faz da sociedade são atravessadas, de modo

constitutivo, pelo sentimento de identidade subjetiva, social e nacional. Da mesma forma que nomear é dar realidade ao objeto, é possível determinar que falar de um grupo social, de um povo ou até mesmo de um indivíduo é dar-lhes existência, suscitar a acreditarem e serem o que são ou que existem. Por isso, que se diz que falar de alguém é manter esse alguém vivo, na memória do outro e, portanto, na sua própria memória (Coracini, 2007).

O mesmo sujeito, com vários discursos, torna-se muitos, por isso com a ideia de diferença, o sujeito é disperso, dividido e ocupa vários lugares que surgem a partir da história, por isso que não detemos apenas uma identidade. Para a autora, um caminho que possibilita abordar a questão da subjetividade e da identidade é considerar os dois níveis, interdependentes: o intradiscursivo e o interdiscursivo.

É o fio discursivo (intradiscurso) que nos permite buscar os discursos-outros pela memória discursiva (interdiscurso), pois consideramos que tanto o intradiscurso como o interdiscurso fazem parte de uma cena discursiva sócio-histórico-ideológica. O intradiscurso remete-nos à rede complexa das formações discursivas (FDs), nos quais todo dizer está inserido, e dá as pistas para entender a exterioridade discursiva, o interdiscurso, discursos anteriores, que formam uma rede, uma trama que se entrelaça, cujos caminhos não podemos delimitar (Coracini, 2003, p. 275-6).

Portanto, é preciso reiterar que o professor sindicalista, nosso sujeito de pesquisa, é um sujeito multifacetado, constituído por diversas identidades, diversos outros, uma vez que a cada lugar sócio-histórico em que ele se encontra é determinante para a construção de suas identidades que é resultado de uma heterogeneidade, ou seja, sua identidade é constituída pela inter-relação com outros sujeitos e, conseqüentemente, de diversos discursos “já-ditos” em diferentes lugares. O dizer é histórico, esses sujeitos possuem sua história. Mesmo já estando aposentados, continuam em movimento, participam e lutam por uma educação de qualidade.

O sujeito é visto como um sujeito descentrado, que se constitui de pequenos fragmentos, “fragmentos esses que formam um aparente tecido homogêneo que, na verdade, é constituído de pequenas unidades fraturadas, esfaceladas, fragmentadas, o que evidencia a heterogeneidade que o constitui” (Echer-Hoff, 2003, p. 271).

Assim consideramos o professor sindicalista, formado de diversas experiências, diversos outros, diversas unidades, esfaceladas, sua autonomia é uma ilusão, visto que, não é o dono absoluto do seu dizer, assim como não tem controle dos efeitos de sentido que seu dizer pode provocar, nesse sentido, as palavras são sempre, e inevitavelmente as palavras do outro (Authier-Revuz, 1990).

Ao aprofundar os estudos sobre heterogeneidade, buscamos em Authier-Revuz (1998),

a noção de heterogeneidade constitutiva da linguagem e a noção de falta e incompletude. A autora observa que as heterogeneidades destacadas são formas linguísticas de representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante, pois as palavras vêm sempre de um “já-dito”, da fala do outro; já que nenhuma palavra é neutra e nem inteiramente nossa.

Assinalando entre suas palavras a presença estranha de palavras marcadas como pertencendo a um outro discurso, um discurso esboça em si o traçado - assinalando uma "interdiscursividade representada"- de uma fronteira interior/exterior. Um certo número de oposições é destacado no conjunto dessas formas, permitindo especificar tipos de fronteira entre si e o outro, pelas quais um discurso produz em si mesmo, por diferença, uma imagem de si: assim, entre outros (Authier-Revuz, 1998, p. 23).

O sujeito está inscrito sócio-historicamente, pois é atravessado pelo Outro, mesmo que tente camuflar a heterogeneidade que o constitui é “atravessado pelo inconsciente e, por isso mesmo, impossibilitado de se reconhecer e de reconhecer o outro, já que é fragmentado, esfacelado, emergindo apenas pontualmente pela linguagem, lá onde se percebem lapsos, atos falhos” (Coracini, 1999, p. 11).

É importante destacar que Authier-Revuz (1990) descreve dois campos de heterogeneidade: a "heterogeneidade mostrada" aquela que inscreve o outro na sequência do discurso - discurso direto, aspas, formas diretas ou de glosa, citações, alusões, o discurso indireto livre, ironia; e a heterogeneidade constitutiva, que a autora reverbera nos trabalhos que tomam o discurso como produto de interdiscursos (dialogismo bakhtiniano) e traz a abordagem do sujeito e de sua relação com a linguagem (Authier-Revuz, 1990, p. 25).

Assim, essa pesquisa destaca que o sujeito é descentrado, entretanto, ele não desaparece; a descoberta do inconsciente permite significar essa divisão inaugural “mostrando que a ilusão do centro permanece e que ela é inerente à constituição do sujeito humano” (Authier-Revuz, 1998, p. 187).

Sobre isso, podemos buscar a questão da denegação em Eckert-Hoff (2003) que corrobora que a denegação pode ser um lapso de linguagem em que o “não” significa o “sim” desejado, mas recalcado, uma pista para a relação do discurso com a exterioridade. O propósito da denegação é o discurso outro, porque ele mascara a voz do outro que, inconscientemente, atravessa o dizer do sujeito; uma marca “recuperada” no fio intradiscursivo que nos aponta para o exterior constitutivo (interdiscurso) onde pode emergir uma heterogeneidade de vozes que constituem o sujeito e o seu discurso. (Eckert-Hoff, 2003).

Nesse sentido, Authier-Revuz (1998, p. 23) ressalta que “cada uma das palavras que utilizamos vem a nosso discurso carregada de um exterior discursivo”. Assim, temos que o sujeito professor sindicalista ao relatar acontecimentos que marcaram a posição que assume

hoje, no sindicato, enquanto professor, evidencia o seu fazer, o seu modo de agir marcado, intradiscursivamente, por experiências adquiridas como sindicalistas.

Conforme os estudos de Eckert-Hoff (2003, p. 290), “a psicanálise tem apontado, frequentemente, que a denegação revela, embora tente camuflar, o que é e não é dito ao mesmo tempo”. Dessa forma, a autora argumenta que a denegação é entendida como uma presença feita de ausência, e não somente como negatividade constitutiva da linguagem, mas sim como denegada presença do que está recalcado. Podendo ser um esquecimento, um lapso da linguagem, em que o *não* significa o *sim* desejado, porém recalcado.

A denegação é uma pista para a relação do discurso com a exterioridade. “O escopo da denegação é o discurso do outro: ela mascara a voz do outro, outras vozes, que, inconscientemente, atravessam o dizer do sujeito” (Eckert-Hoff, 2003, p. 291). A autora complementa que a denegação como marca “recuperada” no fio intradiscursivo, aponta para o interdiscurso, para o exterior constitutivo, possibilitando capturar momentos de identificação e tocar nos fios, podendo emergir uma heterogeneidade de vozes que constituem o sujeito e seu discurso.

Portanto, memória discursiva e heterogeneidade são marcas constitutivas do sujeito discursivo, que está sempre em processo de constituição, formação, nunca está pronto e acabado. Por isso, os discursos sempre nos remetem à exterioridade, ao acontecimento discursivo e cabe ao analista escavar esses interdiscursos em busca de sentidos possíveis.

1.3 As condições de produção do discurso e o jogo de imagens

Para analisarmos um discurso, é necessário considerar as condições de produção do discurso, que compreendem primordialmente os sujeitos e a situação. Salientamos que as condições de produção, em sentido estrito, resultam em considerar as circunstâncias da enunciação em seu contexto imediato. Por outro lado, ao considerar as condições de produção em sentido amplo, inclui-se o contexto sócio-histórico e ideológico, que possibilita ou determina a produção do discurso. Dessa maneira, consideramos que:

As condições de produção implicam o que é material (a língua sujeita a equívoco e a historicidade), o que é institucional (a formação social, em sua ordem) e o mecanismo imaginário. Esse mecanismo produz imagens dos sujeitos, assim como do objeto do discurso, dentro de uma conjuntura sócio-histórica (Orlandi, 2020, p. 40).

Em relação à produção do discurso dos professores sindicalistas, membros da APEOESP, temos de considerar o contexto amplo com efeitos de sentido derivados da instituição, do modo como elege seus representantes, como se organiza a distribuição de

mando e obediência do governo e dos filiados à APEOESP, ou seja, a todos os acontecimentos sócio-políticos e ideológicos que podem influenciar as lutas e objetivos pelos quais estão em embate em um determinado momento, segundo o imaginário que afeta os sujeitos em suas posições políticas.

A Análise do Discurso objetiva-se a refletir sobre os sentidos do discurso, por meio das condições ideológicas e sócio-históricas de produção discursiva. Para Fernandes (2008), as condições de produção são aspectos históricos, culturais, ideológicos e sociais que determinam o discurso, ou que o constituem, de modo que possibilitem a produção discursiva a partir de uma formação discursiva.

A formação discursiva, segundo Pêcheux (2015), é ancorada pela noção de condições de produção do discurso, o conceito abrange interpretações psicológicas, destacando o jogo de imagens entre os sujeitos e a situação que condiciona os componentes do contexto de produção. Dessa maneira, a história e a ideologia estão inseridas na noção de formação discursiva, revelando que determinadas circunstâncias de condições de produção e a troca de impressões imaginárias, determinadas pelos sujeitos, condizem em um conjunto de regras específicas que não só delimita o que se pode dizer, como ordena o que se deve dizer.

Nessa perspectiva, Pêcheux (2015) argumenta que as formações ideológicas, em que os sujeitos são inscritos, estão de acordo com os sentidos que os discursos são produzidos, em consonância a sua história. Isso porque:

[...] o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas) (Pêcheux, 2015, p. 146).

Ao analisar a linguagem, é possível entender seu dinamismo, a heterogeneidade e a polifonia da linguagem. Sendo assim, podemos destacar que o funcionamento da língua e seus efeitos de sentido se dão ideologicamente, conforme a situação sócio-histórica e cultural de um determinado acontecimento. De acordo com Orlandi (2020), as condições de produção discursiva compreendem, especialmente, os sujeitos e a situação da qual decorre o seu discurso, ou seja, o contexto da enunciação. Assim como a memória também se inclui na produção do discurso, acionando, ou seja, fazendo valer as condições de produção. “Na relação discursiva, são as imagens que constituem as diferentes posições. E isso se faz de tal modo que o que funciona no discurso não é o operário visto empiricamente, mas o operário enquanto posição discursiva produzida pelas formações imaginárias” (Orlandi, 2020, p. 40,

41).

Sobre a distinção entre o real e o imaginário, essa autora argumenta que em termos de real no discurso, constata-se a descontinuidade, a dispersão, a incompletude, a falta, o equívoco, a contradição, constitutivas, tanto do sujeito, como do sentido. De outro lado, em nível das representações, inclui-se a unidade, a completude, a coerência, o claro e o distinto, a não contradição, na instância do imaginário. O discurso funciona por essa articulação necessária e sempre presente, entre o real e o imaginário.

Dessa maneira, segundo Orlandi (2020), o sujeito discursivo, por estar em certa posição, diante dos lugares que ele e seu interlocutor ocupam, face ao referente, face às imagens que eles atribuem um ao outro e a si mesmos, ele é participante de um jogo de imagens. Imagens que ele faz de si, imagens que o outro também faz dele e imagens que ele faz do outro. Assim, esta pesquisa analisará aspectos sobre o jogo de imagem que o professor sindicalista tem de si mesmo e do outro, a imagem que o outro (alunos, colegas professores) faz do professor sindicalista e, por fim, a imagem que a sociedade tem do professor sindicalista. Isso faz com que ele ajuste o seu dizer a seus objetivos políticos, trabalhando esse jogo de imagens, pois tudo isso reflete em seu dizer.

Essas são contribuições para a constituição das condições da produção do discurso e, conseguinte, para o processo de significação, na análise do discurso não se menospreza a força que o jogo de imagens tem na constituição do dizer. No funcionamento da linguagem, o imaginário faz parte necessariamente, pois o imaginário não surge do nada, ele se assenta na maneira como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa, por relações de poder.

A imagem que temos de um professor sindicalista, por exemplo, não surge do acaso, é constituída no confronto do simbólico com o político, em processos que ligam discursos e instituições. Nessa perspectiva, por meio desses pressupostos, podemos atravessar o imaginário que condiciona os sujeitos em suas discursividades e explicitar o modo como os sentidos estão sendo produzidos, refletir melhor sobre o que está sendo dito. “É preciso referi-lo às suas condições de produção, estabelecer as relações que ele mantém com sua memória e também remetê-lo a uma formação discursiva -e não outra- para compreendermos o processo discursivo[...], pois os sentidos não estão nas palavras [...] estão aquém e além delas” (Orlandi, 2020, p. 42).

Por meio desses conceitos pecheutianos, buscamos em Amossy (2005) os conceitos de imagem, destacando que a maneira de dizer autoriza a construção de uma verdadeira

imagem de si e, enquanto o locutário se vê obrigado a apreendê-la a partir de diversos índices discursivos, ela contribui para estabelecer uma inter-relação entre o locutor e seu parceiro. Em relação à eficácia da palavra, o jogo de imagem pode suscitar a adesão e causar impacto. A construção da imagem que o professor sindicalista faz de si, confere ao discurso uma parte importante de sua autoridade. Ele adapta seu discurso aos esquemas coletivos que ele crê ser valorizado e interiorizado por seu público-alvo.

De fato, a ideia prévia que faz o locutor e a imagem de si que ele constroi em seu discurso não podem ser totalmente singulares. Para serem reconhecidas pelo auditório, para parecerem legítimas, é preciso que sejam assumidas em uma doxa, isto é, que se indexem em representações partilhadas. É preciso que sejam relacionadas a modelos culturais pregnantes, mesmo se tratar de modelos contestatórios (Amossy, 2005, p. 125).

Na perspectiva teórica de Amossy (2005), temos a descrição de que a construção da imagem de si certifica ao discurso uma fração importante de sua autoridade. Por meio dos esquemas coletivos que o orador interioriza e valoriza por seu público-alvo, ele ajusta a sua apresentação de si. O orador o faz não apenas pelo que é dito de sua própria pessoa, mas por modalidades de sua enunciação. O discurso lhe proporciona todos os elementos precisos para produzir um retrato do locutor, porém ele os apresenta de forma indireta, frequentemente implícita ou lacunar.

A partir de imagens já prontas, o sujeito discursivo tenta explorar em seu proveito, o potencial, reutilizando em contextos novos em virtude de responder a necessidades particulares. Essa reelaboração dos estereótipos e das representações de si se efetua no âmbito de um discurso que comporta suas coerções genéricas e suas distribuições de papéis.

Nessa perspectiva teórica, é possível considerar que a imagem que a sociedade faz do professor sindicalista, assim como a imagem que o professor sindicalista faz de si mesmo são frutos de processos históricos ideologicamente construídos. Os aspectos que buscamos entender, no processo que produz os modos de identificação desse sujeito histórico, estão em constante movimento e reformulação.

1.4 A Formação discursiva e o interdiscurso na produção de sentidos

Ao analisarmos um discurso, considerando a produção de sentidos, salientaremos as formações discursivas dos sujeitos, as quais, segundo Orlandi (2020) permitem compreender o processo de produção de sentidos, a sua relação com a ideologia, possibilita o estabelecimento de regularidades no funcionamento do discurso. Dessa maneira, as formações

discursivas representam, no discurso, as formações ideológicas, portanto, tudo o que dizemos tem um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos, ou seja, isso não está na essência das palavras, mas na discursividade, isto é, na maneira como a linguagem e ideologia se articulam, se afetam em sua relação recíproca. Portanto, “a formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada, ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada, determina o que pode e deve ser dito” (Orlandi, 2020, p. 43).

As formações discursivas podem ser caracterizadas como regionalização do interdiscurso, configuradas por discursos especificamente em suas relações. O interdiscurso, determinado pelo já-dito, disponibiliza os dizeres, o que constitui uma formação discursiva em relação a outra. Desse modo, o significado que uma palavra tem em relação a outras, é determinado pela articulação de formações discursivas dominadas pelo interdiscurso inserido em sua objetividade material contraditória. “É pela referência à formação discursiva que podemos compreender, no funcionamento discursivo, os diferentes sentidos. Palavras iguais podem significar diferentemente porque se inscrevem em formações discursivas diferentes” (Orlandi, 2020, p. 44).

Nessa perspectiva, as palavras dialogam com outras palavras. Toda palavra faz parte de um discurso. E todo discurso se relaciona a outros dizeres que se alojam na memória e dizeres que são presentes. Desta forma, buscamos em Coracini (2007) o fato de a formação discursiva ser atravessada por outros discursos, ou seja, o discurso está em formação, está em constante movimento, em constante mutação e, conseqüentemente, as práticas discursivas, se constituem, num dado lugar, momento e sociedade ao mesmo tempo, por regularidades, que conferem aos textos (ou às práticas discursivas) a aparência de homogeneidade, e por dispersões, que permitem assumir o discurso como uma rede heterogênea, constituída de fios advindos de outros lugares, de outros discursos.

Nessa conjuntura, entendemos que o interdiscurso é “[...] como fragmentos de múltiplos discursos que constituem a memória discursiva – que não deve ser confundida com a memória cognitiva -, fragmentos esses que nos precedem e que recebemos como herança e, por isso mesmo, sofrem modificações, transformações” (Coracini, 2007, p. 9). Esse entrelaçar de fios remete-nos a uma interdiscursividade caracterizada pelo entrelaçamento de diferentes discursos, oriundos de diferentes lugares sociais. O interdiscurso não é simplesmente um espaço de comunicação, mas também é um espaço de delimitação de condição de possibilidades da existência de uma formação discursiva. É o discurso se relacionando a

outros discursos.

Na visão de Brandão (2004), o conceito de formação discursiva é regulado pela interpelação/assujeitamento do indivíduo em sujeito de seu discurso, permitindo dar conta do fato de que sujeitos falantes, em uma conjuntura histórica em que estão situados, possam concordar ou não sobre o sentido das palavras, "falar diferentemente falando a mesma língua".

Constata-se, então, que uma FD não é "para cada um, uma linguagem, mas uma única linguagem para todos", mas que numa FD o que se tem são "várias linguagens em uma única". "Dessa forma, embora uma FD determine a seus falantes o que deve e pode ser dito, buscando uma homogeneidade discursiva, os efeitos das contradições ideológicas de classe são recuperáveis no interior mesmo da "unidade" dos conjuntos de discurso" (Brandão, 2004, p. 50).

Para Fiorin (1998), a formação discursiva é ensinada a cada um dos membros de uma sociedade ao longo do processo de aprendizagem linguística. Dessa maneira, podemos afirmar que o discurso é mais o lugar da reprodução que o da criação. Assim como uma formação ideológica impõe o que pensar, uma formação discursiva determina o que dizer.

Maingueneau (2008) salienta que, ao delimitar reciprocamente uma região do universo discursivo, é necessário entender como se encontram em concorrência o conjunto de formações discursivas. O autor descreve a concorrência, destacando que ela inclui tanto o confronto aberto, quanto a neutralidade aparente, aliança, etc. Relacionando discursos que têm a mesma função social e contradizem sobre a maneira pelo qual a concorrência deve ser completada. A concorrência pode estar relacionada ao campo filosófico, político, dramático, gramatical etc.

É no interior do campo discursivo que se constitui um discurso, e levantamos a hipótese de que essa constituição pode deixar-se descrever em termos de operações regulares sobre formações discursivas já existentes. O que não significa, entretanto, que um discurso se constitua da mesma forma com todos os discursos desse campo; e isso em razão de sua evidente heterogeneidade: uma hierarquia instável opõe discursos dominantes e dominados e todos eles não se situam necessariamente no mesmo plano. Não é possível, pois, determinar a priori as modalidades das relações entre as diversas formações discursivas de um campo (Maingueneau, 2008, p. 34-35).

Mediante o exposto, não temos como negar a inter-relação entre as formações discursivas e o interdiscurso. Desse modo, os sentidos que uma formação discursiva pode prover são dependentes do interdiscurso, os objetos que os sujeitos falantes se apropriam na construção de seus enunciados, assim como são as articulações entre eles, uma vez que "toda formação discursiva é associada a uma memória discursiva, constituída de formulações que se repetem, recusam e transformam outras formulações. Memória não psicológica presumida

pelo enunciado enquanto inscrito na história” (Maingueneau, 1997, p. 115). O interdiscurso constitui a essência que determina o discurso do sujeito, o próprio sujeito é reinscrito no processo discursivo. O funcionamento das ideologias se realiza, por meio do interdiscurso, interpelando indivíduos em sujeitos.

Ao analisar o interdiscurso do professor sindicalista, podemos destacar que é a constituição de um discurso em relação a outros já existentes, ou seja, o interdiscurso na visão de Maingueneau (1997) é determinado por um processo de reconfiguração permanente, pois uma formação discursiva é destinada a incorporar elementos pré-construídos, produzidos fora dela, com eles provocando seu redirecionamento e redefinição, suscitando, igualmente, o chamamento de seus próprios elementos para formar sua repetição, porém, provocando, eventualmente, o esquecimento, o apagamento ou de fato a denegação de determinados elementos.

Assim, toda formulação estaria colocada, de alguma forma, na intersecção de dois eixos: o "vertical", do pré-construído, do domínio de memória e o "horizontal", da linearidade do discurso, que oculta o primeiro eixo, já que o sujeito enunciativo é produzido como se interiorizasse de forma ilusória, o pré-construído, que sua formação discursiva impõe. O "domínio da memória" representa o interdiscurso como instância de construção de um discurso transversal que regula, tanto o modo de doação dos objetos de que fala o discurso para um sujeito enunciativo, quanto o modo de articulação destes objetos. A intervenção deste interdiscurso se revela particularmente nas nominalizações, graças as quais uma formulação já acertada vem encaixar-se como pré-construído (Maingueneau, 1997, p. 115).

Nessa mesma perspectiva teórica, podemos destacar que:

[...] o interdiscurso não é transparente nem, muito menos, o sujeito é a origem dos sentidos, ninguém consegue enxergar a totalidade significativa nem compreender todos os percursos de sentido produzidos socialmente. A coerência visível em cada discurso particular é efeito da construção discursiva: o sujeito pode interpretar apenas alguns dos fios que se destacam das teias de sentidos que invadem o campo do real social (Gregolin, 2007, p. 15).

Os agenciamentos discursivos controlam o efeito de coerência e unidade de cada texto, delimitam, classificam, distribuem e ordenam os acontecimentos discursivos em dispersão, permitindo a relação de um texto com um domínio de objetos. Qualquer sujeito possível pode prescrever uma posição definida e estar situado entre outras performances verbais, estar dotado, enfim, de uma materialidade repetível.

Dessa forma, verificamos a importância de entendermos os conceitos de formação discursiva e interdiscurso, o que em muito colaboram na produção dos efeitos de sentido de um discurso, já que os fios discursivos estão sempre entrelaçados e ao irmos desatando esses nós, vamos escavando os sentidos e tecendo significações. Entretanto, além dos fios

interdiscursivos, temos a questão da ideologia e das relações de poder que também são fundamentais nessa tecitura.

1.5 A Ideologia e as relações de poder no meio sindical

O conceito de ideologia será abordado para corroborar a nossa reflexão acerca das representações das professoras sindicalistas. Apesar de ser um termo pouco utilizado no sentido foucaultiano, para a perspectiva bakhtiniana esse conceito é de suma importância, uma vez que para esse autor, a ideologia e a linguagem estão articuladas como em uma arena de conflitos e, hoje, esse termo é bastante utilizado no que se refere às (des)construções discursivas.

De acordo com Bakhtin (2014), “todo signo é ideológico; a ideologia é um reflexo das estruturas sociais; assim, toda modificação da ideologia encadeia uma modificação da língua” (Bakhtin, 2006, p. 15). Desse modo, a ideologia apropria-se da linguagem e esta da ideologia, pois não há signo sem ideologia, vivemos numa arena de conflitos e os signos são inerentes a essa luta.

[...] o mecanismo corriqueiro pelo qual nos dirigimos a alguém interpelando-o – pelo seu próprio nome ou de qualquer outra forma – é o exercício elementar da ideologia. Da mesma forma, na nossa vida cotidiana, tornamo-nos sujeitos pela interpelação, operação sem origem nem fim, isto é, sem história, que sempre transforma em sujeito todo indivíduo. Na interpelação cotidiana, reproduzimos a operação sem história levada a cabo, desde sempre, pela ideologia (Bakhtin, 2006, p. 26).

Assim, entendemos a dimensão da experiência social do professor sindicalista, cujos significados e valores são produzidos nessa arena, em que podemos definir a ideologia como “uma superestrutura, as transformações sociais da base refletem-se na ideologia e, portanto, na língua que as veicula” (Bakhtin, 2006, p. 17). Nesse sentido, “tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia” (Bakhtin, 2006, p. 31). Assim, conclui-se que onde se encontra um signo, encontra-se o ideológico também.

A função da ideologia é constituir indivíduos concretos em sujeitos. A interpelação e o reconhecimento exercem papel importante nesse processo de constituição e no funcionamento de toda a ideologia. A ideologia, por meio desses mecanismos, conduz à transformação dos indivíduos em sujeitos, por meio dos rituais materiais da vida cotidiana. O reconhecimento acontece no momento em que o sujeito se insere a si mesmo, mediante suas ações, em determinadas práticas reguladas pelos aparelhos ideológicos. “Como categoria constitutiva da ideologia, será somente através do sujeito e no sujeito que a existência da ideologia será

possível” (Brandão, 2004, p. 26).

Nesta concepção de ideologia, temos de um lado a definição da tradição marxista, apresentando a ideologia de forma particular e restrita, entendendo que esta conduz ao escamoteamento da realidade social, eliminando as contradições que lhe são inerentes. A existência de um discurso ideológico é, conseqüentemente, preconizada, utilizando-se de várias manobras, servindo para legitimar o poder de um grupo social ou classe.

De outro lado, Brandão (2004) descreve sobre uma noção mais ampla de ideologia definida como uma visão de mundo, uma concepção de uma determinada comunidade social, numa determinada circunstância histórica. Conseqüentemente, acarretará uma compreensão dos fenômenos de ideologia e linguagem como noções justamente vinculadas e mutuamente necessárias, visto que a primeira é uma das instâncias mais importante em que a segunda se materializa.

Nessa mesma perspectiva, a partir de uma determinada ideologia, agimos e pensamos sem, muitas vezes, tematizá-la, trazê-la ao nível da consciência. Isso pode ocorrer especificamente em determinados discursos como o político, o sindical, o docente, enfim, os marcadamente institucionalizados. “Neles, faz-se um recorte da realidade, embora, por um mecanismo de manipulação, o real não se mostra enquanto, intencionalmente, se omitem, atenuam ou falseiam dados, como as contradições que subjazem as relações sociais” (Brandão, 2004, p. 31).

Sob a perspectiva teórica de Fiorin (2006), a argumentação de que a ideologia está contida no objeto, no social, quando há inversão da realidade, desta maneira, pode ser reduzida à consciência. Ela existe independentemente da consciência dos agentes sociais. A argumentação é uma forma fenomênica da realidade, ocultando relações profundas, expressando de um modo invertido. Esta inversão da realidade é a ideologia. Portanto, deve-se ter muito cuidado com a expressão “falsa consciência”.

Ela indica apenas que as ideias dominantes são elaboradas a partir de formas fenomênicas da realidade, apreendendo, portanto, as relações sociais mais profundas. Essas ideias são, por conseguinte, ideologia sobre ideologia. A representação pode ser invertida, porque a realidade se põe invertida (Fiorin, 2006. p. 29).

A ideologia, segundo Fiorin (2006), é constituída pela realidade e constituinte da realidade. Ressalta que não se trata de um conjunto de ideias que surge da mente privilegiada de alguns pensadores, nem mesmo surge do nada. Não devemos esquecer de que assim como a ideologia dominante é a da classe dominante, o discurso dominante também é o da classe dominante. As visões de mundo não se desvinculam da linguagem, porque a ideologia, vista

como algo imanente à realidade, é indissociável da linguagem. As ideias e, por conseguinte, os discursos, são expressão da vida real. A realidade exprime-se pelos discursos.

Orlandi (2020) destaca que a ideologia se materializa na linguagem, permitindo compreender a ideologia e seu funcionamento no imaginário materialmente associado ao inconsciente. Corroborando esse pensamento, temos em Freitas (2006) a seguinte afirmação:

Por isso, um dos pontos fortes da Análise de Discurso é re-significar a noção de ideologia a partir da consideração de linguagem. Podemos partir do fato de que não há sentido sem interpretação e, que, diante de qualquer objeto simbólico, o homem é levado a interpretá-lo posicionando-se de acordo com suas convicções, crenças e valores. Isso leva-nos a afirmar que a ideologia não só é veiculada conforme a ideologia de quem o escreveu, como a interpretação dos fatos é ideológica, pois esta se dará conforme as crenças e valores do interpretante (Freitas, 2006, p. 103).

Sendo assim, ao retratar a ideologia, não se trata de um ocultamento da realidade, nem mesmo uma visão de mundo, mas sim um mecanismo estruturante do processo de significação. Desta maneira, a ideologia é ligada à interpretação, o fato fundamental é que relaciona história à língua. Essa conjunção história/língua só é estabelecida pelo funcionamento da ideologia. “É isso que podemos observar quando temos o objeto discurso como lugar específico em que se pode apreender o modo como a língua se materializa na ideologia e como esta se manifesta em seus efeitos na própria língua” (Orlandi, 2020, p. 96).

Na relação do sujeito com a linguagem, considerando a questão do imaginário, compreende-se um novo lugar à ideologia, entendemos melhor como se constituem os sentidos. De acordo com Cardoso (1999), a ideologia é constituída por um conjunto complexo de atitudes e representações, podendo relacionar também às posições de grupos, dessa forma, a ideologia pressupõe conflitos, conflito de grupos, conflito de classes, motivado por relações de poder.

Se a ideologia pressupõe conflitos motivados por relações de poder, precisamos esclarecer o que entendemos por relações de poder. Entendemos que não temos como falar em relações de poder sem recorrer a Foucault (1998), já que para esse autor:

O problema político essencial para o intelectual não é criticar os conteúdos ideológicos que estariam ligados à ciência ou a fazer com que sua prática científica seja acompanhada por uma ideologia justa; mas saber se é possível constituir uma nova política de verdade. O problema não é mudar a “consciência” das pessoas, ou o que elas têm na cabeça, mas o regime político, econômico, institucional de produção de verdade.

Não se trata de libertar a verdade de todo o sistema de poder o que seria quimérico na medida em que a própria verdade é poder, mas de desvincular o poder da verdade das formas de hegemonia (sociais, econômicas, culturais) no interior das quais ela funciona no momento (Foucault, 1998, p. 14).

É preciso salientar o fato de que Foucault (1998) não nega a importância do Estado, porém demonstra que as relações de poder estão presentes por toda a sociedade, ultrapassando o nível estatal e permanecendo dissolvida por todo o tecido social. Nesse sentido, para Foucault, “a questão do poder fica empobrecida quando é colocada unicamente em termos de legislação, de Constituição, ou somente em termos de Estado, ou de aparelho de Estado. O poder é mais complicado, muito mais denso e difuso que um conjunto de leis ou um aparelho de Estado” (Foucault, 1998, p. 221). Dessa maneira, sem a existência de aparelhos de poder, não é possível entender o desenvolvimento das forças produtivas próprias ao capitalismo, nem mesmo de imaginar seu desenvolvimento tecnológico.

Para Foucault (1998), o poder é constituído historicamente por uma prática social. São formas heterogêneas, díspares, sempre em transformação. Esse autor defende que o poder está em todo lugar, por meio de uma relação flutuante, provocando ações, o poder está nas relações sociais existentes, sendo ações sobre ações. Dentro dessa linha de raciocínio, o filósofo ressalta que o poder não é um recurso simplesmente que algumas instituições ou pessoas usam e possuem para controlar outras pessoas, mas sim uma força que atravessa todas as relações sociais e que é sempre resistida e exercida. Esse historiador acreditava que o poder é produzido mediante práticas discursivas, ou seja, por meio da linguagem e do conhecimento que são produzidos e compartilhados. Assim, podemos relacionar o poder exercido por meio do discurso das professoras sindicalistas aposentadas, associando as normas e práticas que as determinam na sociedade.

Na visão de Coracini (2001), podemos constatar que:

O poder se localiza em determinados lugares, exercendo de forma negativa uma pressão sobre os sujeitos (assujeitados, dominados), fonte de coerção e controle ilegítimo, que não permite aos indivíduos realizarem sua racionalidade inerente, expressar-se livremente e desenvolver-se plenamente; pressão essa que, acredita-se, é preciso (e possível) eliminar, o naturalizar, em prol de valores humanísticos de independência e liberdade (Coracini, 2001, p. 181).

Por meio do conceito de relações de poder, verificamos como se manifesta essas relações de poder entre os professores sindicalistas e a sociedade a que fazem parte, tendo em vista, que as relações que se formam entre os sujeitos são relações de poder e esse poder é manifestado sobre o modo de agir dos sujeitos agentes, que praticam ações e também são capazes de resistir. “Sabe-se que o poder opera através de práticas de saber que são, na verdade, práticas de disciplina, pelas quais o sujeito é assujeitado, ordenado, categorizado, normalizado e regulado” (Coracini, 2001, p. 183). A autora argumenta que o poder surge de um saber reconhecido e o poder está presente em qualquer relação humana, porque é objeto

de desejo. Logo, não há poder sem saber, conseguinte o saber/conhecimento investigaria a verdade neutra e sem interesse, à medida que o poder distorce, corrompe e desvia.

2 APEOESP, SINDICALISMO E CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA

Neste capítulo, descrevemos a história do sindicato no Brasil e a formação da APEOESP, destacando as condições de produção do discurso sindical dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo. Para tanto, abordamos o discurso e a produção social dos sentidos, e a constituição identitária das professoras sindicalistas.

2.1 História do Sindicato no Brasil

Na luta pelas liberdades democráticas (de organização sindical e política) o proletariado defende o seu direito a organizar-se contra o capital, o seu direito à vida. Situando-se à frente dessa luta, os comunistas não o fazem em nome de um ideal democrático “universal”, por cima das classes, que seria comum ao proletariado e à burguesia. A luta se dá pela defesa e ampliação da democracia política contra a reação da burguesia. Nessas condições, o “sufrágio universal é o índice que permite medir a maturidade da classe operária” (Marx, Engels, 2007, p. 25).

De acordo com Nogueira (2005), o sindicalismo no Brasil tem especificidades nas diversas fases históricas do século 20 que o diferenciam, de forma particular, das demais modalidades do movimento sindical nos países ocidentais. É uma história marcada mais por oscilações e continuidades que por rupturas. A primeira e última metamorfose deu-se por uma via de modernização conservadora, que marcou o fim do sindicato livre e autônomo do pré-1930. Desde 1931, com exceção do curto período entre 1934 e 1935, o sindicalismo perde o estatuto de organização livre e autônoma dos trabalhadores, e passa a ser controlado pelo Estado, chegando a ser uma organização de natureza pública, entre 1935 e 1946.

O governo de Vargas traz para dentro do Estado o compromisso de organizar e cooptar o capital e o trabalho, em nome da questão social no Brasil. Observa-se até 1935, a crescente organização dos sindicatos com reconhecimento do Ministério do Trabalho e controlados pelo governo, havendo dessa forma um declínio do sindicalismo autônomo e livre (Nogueira, 2005).

De acordo com França e Cabral (2016), no Governo Vargas (1930-1945), a concepção de democracia e “cidadania regulada” estruturou o projeto político implementado pelo Estado, onde se denominou com eficácia a “ideologia trabalhista” por meio de várias maneiras de afirmação e instrumentos de comunicação, rememorando valores antigos dos trabalhadores.

No Partido Comunista, havia intensas articulações ligadas ao movimento sindical sob a orientação de lideranças de esquerda, tendo como objetivo a organização de uma linha de frente popular.

Desse modo, os sindicatos se destacavam por permitir aos trabalhadores a possibilidade de se organizarem e terem voz, mesmo em um cenário de poucos avanços e repleto de incertezas. Mesmo assim, a regulação do trabalho no campo foi objeto de uma inclusão especial no texto constitucional de 1934, porém essa inclusão não se efetivou nos anos seguintes (França e Cabral, 2016).

De certa forma, a regulação representava também a estratégia de manutenção da estrutura conservadora agrária, na medida em que os trabalhadores rurais não experimentaram uma regulação propriamente dita, continuam à margem do projeto de regulação. A regulação representou também uma maneira sistemática de legitimação do Estado, pois o expediente utilizado pôde ser contabilizado como um fim em busca da resolução dos conflitos sociais potencializados entre o empresariado e o operário (França e Cabral, 2016).

De 1946 em diante, a vida sindical oscila entre menor ou maior controle e repressão do Estado, menor e maior autonomia do movimento sindical, dependendo das conjunturas econômicas e políticas.

É importante destacar que no final da década de 1970, houve a adoção das políticas liberais pelos EUA e países europeus, momentos também de crise na ditadura militar brasileira, o que impulsionou os movimentos grevistas. Desse modo, Wacquant (1999) corrobora que:

Os partidários das políticas neoliberais de dismantling do Estado-providência gostam de frisar como essa "flexibilização" estimulou a produção de riquezas e a criação de empregos. Estão menos interessados em abordar as consequências sociais devastadoras do *dumping social* que elas implicam: no caso, a precariedade e a pobreza de massa, a generalização da insegurança social no cerne da prosperidade encontrada e o crescimento vertiginoso das desigualdades, o que alimenta segregação, criminalidade e o desamparo das instituições públicas (Wacquant, p. 49, 1999).

No Brasil³, nos anos de 1978 a 1998, o país foi caracterizado pela crise e ascensão do sindicalismo. Nesse período, a trajetória do sindicalismo foi caracterizada por um processo histórico, no qual era marcado fortemente pela passagem (e consolidação) da nova república liberal. Nesse cenário, se insere a crise do padrão de industrialização substitutiva, no qual nos últimos 30 anos estruturou o processo de acumulação capitalista no Brasil moderno, dando

³ Informações retiradas do <https://www.politize.com.br/sindicalismo-no-brasil-e-no-mundo/>. Acesso em: 27/11/2023.

lugar, a partir de 1990, a uma inserção dependente da economia brasileira ao capitalismo mundial.

É possível verificar que, em maio de 1978, o ressurgimento do movimento sindical no país tornou-se o ápice da resistência operária à superexploração da força de trabalho, sendo um dos pilares do padrão de acumulação capitalista.

No ABC paulista, no complexo industrial do Brasil, surge a principal classe operária, que se manifesta contra o salário, atingindo, de modo impetuoso, a lógica da acumulação capitalista no país. Naquela época, as manifestações e greves dos metalúrgicos do ABC paulista serviram de exemplos para uma série de movimentos grevistas no Brasil, envolvendo toda a classe trabalhadora.

Dessa maneira, Alves (2000) salienta que, o cenário social e político a partir de 1978, é rico em experiências de luta e organização da classe trabalhadora no Brasil, numa perspectiva de luta e unidade contra os patrões e o governo. Trata-se de uma luta salarial, de caráter generalizante, que envolve várias categorias assalariadas.

Desse modo, surgem vários fóruns intersindicais. Nesse novo processo social, a expressão política se deflagra em maio de 1978 no ABC paulista, é fundado, num primeiro momento, de uma nova esquerda – o PT – acompanhado de outras organizações políticas de esquerda e, logo mais, em 1983, da CUT⁴, ao lado de outras articulações intersindicais, como o CONCLAT⁵.

É possível salientar ainda uma série de eventos de greves gerais e de greves por categorias, e ainda greves por empresas, que atingem as mais diversas expressões da classe trabalhadora e uma série de manifestações que indicam, no decorrer dos anos 80, o espírito de luta e resistência operária e popular, de um Brasil que clamava por democracia política e social. Era uma "explosão do sindicalismo", ou ainda, de um "novo sindicalismo", que surgia e se desenvolvia a partir de um mundo do trabalho estruturado, resultado da expansão capitalista dos anos 60 e anos 70 (Alves, 2000, p. 112).

De acordo com Vicentini e Lugli (2009), em 1979, os professores participaram da greve do funcionalismo em geral, participaram também professores universitários públicos, que tinham como o objetivo o aumento salarial de 70%. O grupo com ligação ao Comando Geral de Greve manifestou-se contra as lideranças do movimento docente, intituladas de “pelegas”, sendo notável o desgaste desse grupo, dessa forma assumiu a direção da APEOESP, após uma disputa intensa, a entidade se aproximou do movimento operário e se posicionou politicamente à esquerda.

⁴ CUT- Central Única dos Trabalhadores

⁵ CONCLAT-Conferência Nacional da Classe Trabalhadora

O discurso dos professores passou a ser polarizado: CPP à direita e APEOESP à esquerda. Nesse momento, trata-se do professor politizado, e não mais do docente que lutava de forma ordeira e disciplinada por uma remuneração condigna. Nesta perspectiva, o professor considera-se “um trabalhador em educação”, que lutava contra os salários miseráveis pagos pelo Estado.

Sobre isso, Alves (2000) relata que, de imediato, o resultado político, em um cenário de renascimento do movimento sindical e popular, tem o "Movimento das Diretas Já" marcado pelo processo político que, mesmo com a participação popular operária e maciça, atuou sob o domínio de uma burguesia insatisfeita e liberal com a direção do padrão da crise de acumulação capitalista no país. São fatos que representam um Brasil de esperança, que se incluía num cenário mundial nada favorável. Dessa maneira, nos países capitalistas centrais, avançava a mundialização do capital, impulsionada pela política neoliberal.

Nessa mesma perspectiva, Alves (2000) destaca que nesses países, houve uma crise do sindicalismo e dos partidos de esquerda. Nos anos de 1980, o Brasil, um importante país capitalista na geopolítica do "Terceiro Mundo", estava afastado da nova ordem mundial capitalista implantada pela globalização.

Nos anos 90, segundo esse pesquisador, surgiria no Brasil, uma grande sincronia histórica da ordem capitalista relacionando com o que havia inserido de modo subalterno e independente na mundialização do capital, sob o domínio das políticas neoliberais. No Brasil, o novo tempo da era neoliberal, dava um novo ritmo no movimento social e político no país, na verdade, instaurou uma descontinuidade importante.

A partir dos anos 1990, a "explosão do sindicalismo" seria seguida, com maior intensidade, de uma crise do sindicalismo que assumiria diversas facetas. O mundo do trabalho estruturado (e integrado), dos serviços e das indústrias, constituindo a base do sindicalismo de classe organizado no país, que construiu e lutou pelo "novo sindicalismo", passou a ser alvo de uma ofensiva do capital na produção. A partir daí, surgiria um novo (e precário) mundo do trabalho.

A história do sindicalismo está atada ao desenvolvimento do capitalismo. Os sindicatos não necessariamente reivindicam mudanças radicais na estrutura da sociedade. Nesse aspecto, o sindicalismo revolucionário sempre foi um movimento minoritário em comparação com o sindicalismo econômico e reivindicatório (Nogueira, p. 31, 2005).

De acordo com Nogueira (2005), os sindicatos representam uma forma de mediação para a consciência de classe do mundo do trabalho. Mesmo que seja formado por diferentes

partidos políticos que classicamente atuam na formação da consciência política, os sindicatos, enquanto forma de mediação, transitam o tempo todo da economia à política, permitindo o desenvolvimento da consciência política dos trabalhadores.

2.2 O sindicalismo docente no Brasil

As raízes do sindicalismo docente brasileiro estão arraigadas em antigos movimentos ao redor da constituição de um Sistema Público de Ensino no país. Desde quando surgiram o movimento dos pioneiros, percorrendo pela LDB de 1946, pelos debates ao redor do capítulo da educação na Constituinte de 1988 e a LDB de 1996, e por meio das reivindicações de base corporativa dos professores, essa classe estruturalmente esteve vinculada aos conflitos sobre a qualidade da educação e às condições de oferta do ensino público e sua incidência. Com a Constituição de 1988, por meio do novo quadro institucional, legalizou-se a representação sindical docente e, por intermédio de uma perspectiva participativa, abriu-se um vasto leque de Conselhos, que se transformaram em novos espaços de ação sindical, atestando-se a necessidade de estudos comparativos entre casos locais (Gouveia e Ferraz, 2013).

Durante o regime militar até o golpe de 1964, o debate sobre a organização do sistema nacional não é mais interrompido prematuramente, mas sim, impulsiona um processo ampliado de descentralização que atingirá o nível municipal de oferta de ensino. Dessa forma, a reforma do ensino de 1º e 2º graus, configurada na Lei 5692/1971, com a democratização do ensino, teve como efeito um grande crescimento de matrículas nas escolas.

Para atender essa nova demanda induzida, avista-se um movimento duplo: de um lado, há um avanço na profissionalização do magistério, retratado pela exigência de Estatutos Estaduais e Municipais; por outro lado, a mão de obra capacitada e de fontes regulares de financiamento no interior do Estado foi insuficiente para suprir a demanda, o que produziu a incorporação de um elevado número de professores leigos no sistema de ensino (Gouveia e Ferraz, 2013).

No entanto, do ponto de vista da organização política de interesses, esse duplo movimento nas condições de trabalho tem como propósito o horizonte político e simbólico da luta pela valorização profissional, por meio de um contexto objetivo de precariedade das condições de trabalho. Perante a esse cenário, associado ao crescimento contínuo do número de professores, formou-se um conjunto ideal de condições sociais objetivas para o crescimento da atividade política de cunho corporativo, que resultou nas greves no final dos anos de 1970 e início de 1980. Diante dessas circunstâncias, as associações de professores

começam a ter um caráter de representação de interesses, dando origem a entidades sindicais, após a Constituição de 1988 (Gouveia e Ferraz, 2013).

Mediante esse breve histórico, é possível compreender, em síntese, algumas características políticas de professores que tornaram estruturantes de suas ações: 1) as ações de disputa sobre os rumos da política educacional e a coexistência entre ações corporativas; 2) a coexistência entre entidades associativas sobre a temática educacional e associações de caráter trabalhistas; e 3) a contradição das entidades de representação, fruto das peculiaridades regionais das quais foram fundadas, quanto da descentralização do Sistema de Ensino (Gouveia e Ferraz, 2013).

É importante refletir, com base nesses autores, que ao remeter ao surgimento do sindicalismo operário, possamos também pensar sobre o aparecimento do sindicalismo docente da educação básica. Com a abolição da escravatura, com a imigração e, subsequentemente, com a Proclamação da República, temos o início da consolidação e constituição efetiva do operariado no Brasil. O surgimento tardio tanto do operariado quanto do trabalho industrial é uma característica da formação colonial do País. A consolidação desse surgimento será a partir da afirmação real das relações capitalistas de produção. Consequentemente há um atraso na formação do operariado brasileiro em relação ao europeu, desta maneira, ocorre o mesmo com sindicalismo docente e o sindicalismo operário.

O sindicalismo docente surge de dois segmentos de trabalhadores assalariados: do magistério privado e do magistério público. A organização sindical em toda história brasileira para os funcionários públicos foi bloqueada pela legislação. Dessa maneira, a primeira vez que os docentes se organizaram, foram segundo as regras ditadas pelo Governo de Getúlio Vargas e se mantém com grande força até os dias de hoje, o Sinpro-Rio, que surgiu em 1991, na cidade do Rio de Janeiro, agregando assalariados do setor privado, principalmente do Ensino Médio.

É importante ressaltar que sobre a questão dos trabalhadores livres, que vendem sua capacidade de trabalho para empregadores em favor da remuneração sob a condição de assalariado, há uma relação de trabalho e ao mesmo tempo de exploração (Rosso; Cruz; Resês, 2011).

A reunião de trabalhadores sob uma mesma empresa, segundo a teoria marxista, produz o efeito de co-operação que, por um lado, propicia formas mais elevadas de divisão do trabalho e extração de mais-valia, e que, por outro, contribui para a geração de consciência e a criação de organização de auto proteção. A questão da consciência é um elemento crucial para o surgimento da organização sindical, dado o controle ideológico mantido pelos governos e pelos sistemas educacionais durante a formação dos trabalhadores docentes e durante o exercício da atividade

educacional. A condição de assalariamento, pela qual o trabalhador se encontra em liberdade formal, é necessária, mas insuficiente para a emergência da organização sindical. Há um movimento necessário de rompimento de uma forma de consciência e identidade nas quais os educadores se entendem como modelos para a sociedade e para outro tipo de consciência em que se sentem livres para pensar, reivindicar, organizar-se e lutar por suas causas e bandeiras (Rosso; Cruz; Resês, 2011, p. 114).

Quando ideologias como marxismo e o anarquismo chegaram ao Brasil, com formulações do pensamento católico tal como o mutualismo, teve que haver o desenvolvimento e formação de consciências entre os assalariados. Ao se tratar do sindicalismo docente, no entanto, não bastava destacar a existência de ideologias prontas vindas de fora, porque no trabalho docente havia elementos específicos que podiam constituir obstáculos ou trunfos à organização sindical. Podemos destacar o desenvolvimento do pensamento reflexivo entre os professores, uma vez que esses constituem um grupo social com um certo grau de formação, na maioria com cursos superiores.

Porém, há confrontos entre inúmeros mecanismos de controle político, social e ideológico, começando pela própria noção de identidade profissional. A atividade docente por meio de teorias sociológicas, como as de Bourdieu, Durkheim, reproduzem valores e normas sociais que geram reflexões e conflitos. Entretanto, naquela época, não havia espaço para papéis de contestação, transformação e busca de alternativas para a sociedade. E para aderir à organização sindical não seria necessária uma decisão tão radical, porém requer uma ruptura com um determinado tipo de consciência (Rosso; Cruz; Resês, 2011).

No final dos anos de 1970, a década de 1980 e a primeira metade dos anos de 1990, os professores brasileiros presenciaram transformações qualitativas na prática de mobilização coletiva e de representação de seus interesses. Dessa maneira, houve na política educacional a consolidação de um novo marco institucional. Por meio das reformas educacionais do regime militar, no final dos anos de 1970, o número de professores na rede pública havia crescido significativamente. A valorização do magistério, na perspectiva de profissionalização, havia sido apontada pelos Estatutos Municipais e Estaduais do Magistério, contudo, o rendimento dos professores seria um processo constante de depreciação devido às condições de trabalho que permaneciam precárias, sobretudo, após a crise do petróleo. Nessa perspectiva de construção de uma identidade profissional, abarcado num cenário de arrocho salarial, impulsionaram um ciclo de mobilizações coletivas e de greves, experiências pelas quais os professores ainda não tinham experimentado em toda a história brasileira (Gouveia; Ferraz, 2013).

Nessa perspectiva, segundo esses autores, a categoria dos professores paulistas, em 1963, deflagrou a primeira greve. Já no final dos anos de 1970, a novidade não foi a greve em si, mas a intensidade, a sua radicalidade e o alcance que obteve. A greve atingiu a maioria dos estados brasileiros, paralisando, inclusive, as cidades pequenas do interior do estado. Foi de suma importância a aproximação entre as lideranças do sindicalismo operário com as lideranças do sindicalismo docente, algo inédito até então, no caso brasileiro.

Ao estudar o sindicalismo docente em São Paulo, é possível constatar que existe uma multiplicidade de entidades sindicais ou associativas que representam a mesma categoria, relacionando-se entre elas. Não se pode tratar de um sindicato ou associação sem levar em consideração as diversas organizações existentes. Alguns professores são filiados a um ou mais sindicatos docentes ou associações simultaneamente. Ao destacar a Associação dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo, APEOESP, devemos considerar outras entidades sindicais e associativas que existem no Estado de São Paulo.

Segundo Rosso; Cruz; Rêses (2011), a origem das organizações docentes em São Paulo teve sua classificação de condições objetivas e subjetivas. A primeira hipótese apresentada é de que condições objetivas, concretas, materiais, existiram para que ocorresse o movimento organizativo docente. Entre elas, as relações de poder, as condições de trabalho e, camuflado nesses dois aspectos, o surgimento de contradições e conflitos. A segunda hipótese relaciona-se às condições da subjetividade dos professores, subjetividade entendida na perspectiva da representação social que os docentes fazem da sua prática pedagógica. A função da profissão, o trabalho do magistério e a estruturação do campo educacional edificam-se no contexto do capitalismo brasileiro. Relacionando a profissão com a subjetividade dos professores, é importante ressaltar a concepção do trabalho docente, a formação dos professores, e, sobretudo, a maneira como o professor representa sua profissão.

Não podemos negar que os sindicatos e coligações são de suma importância para a formação identitária do docente, já que as políticas públicas educacionais corroboram interesses políticos e trabalhistas que consolidam comportamentos e convocam positivamente a categoria do trabalhador. O sindicato tem como objetivo proporcionar um modo de reapropriação, uma maneira de lutar para reduzir a mais-valia extraída e explorada do trabalhador.

Após as considerações dos autores citados, podemos destacar que a organização dos sindicatos pressupõe o acompanhamento das questões trabalhistas, o acompanhamento da política educacional, a melhoria das condições de trabalho e do ensino. Nesse viés, a entidade

sindical tem como finalidade: defender os interesses diretos, individuais e coletivos da categoria profissional que representa, inclusive, nas instâncias judiciais e administrativas competentes; desenvolver e organizar encaminhamentos conjuntos, visando à unificação e a unidade de todas as instituições representativas dos trabalhadores em educação, no âmbito do Ensino Público. Para se ter uma melhoria no ensino, é preciso lutar, junto a outros setores da população, incluindo todos os níveis, em particular do ensino público e gratuito, lutando também, ao lado de outros trabalhadores, por organização, manifestação e expressão para todos os trabalhadores. É preciso defender os interesses dos professores e especialistas em educação que trabalham nas redes oficiais, sejam eles individuais ou coletivos.

Nesta perspectiva, podemos destacar que:

Os docentes necessitam de se definir a si próprios como intelectuais transformadores que atuam como docentes e educadores radicais. o docente radical, como categoria, define o papel pedagógico e político que os docentes têm na escola, enquanto a noção de educação radical se refere a uma esfera mais ampla de intervenção na qual o mesmo interesse pela autoridade, pelo conhecimento, pelo poder e pela democracia redefine e amplia a própria natureza política da sua tarefa pedagógica, que é ensinar, aprender, escutar e mobilizar no interesse de uma ordem social mais justa e equitativa ao ligar o ensino escolar a movimentos sociais mais amplos, os docentes poderão começar a redefinir a natureza e importância da luta pedagógica e, ao fazê-lo assim, estão a lançar as bases para lutar por formas de autoridade emancipadora que sirvam de fundamento para o estabelecimento da liberdade e a justiça (Giroux, 1986, p. 38-39).

Dessa maneira, segundo esse autor, os professores sindicalistas são caracterizados pela homogeneização, em relação à posição e condição de classe, em consonância aos demais trabalhadores submetidos à exploração capitalista, que ocorre em conformidade ao percurso das lutas de classe.

Ao considerar a história do sindicalismo docente, destacamos momentos em que o magistério estaria apto, para protagonizar, uma intervenção no cenário da sociedade civil e, assim, promover mudanças nas relações estruturantes do campo educacional, enquanto sujeito da história. Porém, a não realização de ações transformantes é atribuída a consequências da força alienante resultante das ideologias dominantes, existentes parcialmente no universo simbólico do professorado, embora, esta seja a realidade de sua proletarização.

De acordo com Biavatti (2006), em consequência a uma série de reformas ocorridas no decorrer dos anos, mantivemos a continuidade sindical garantida, ajustando os sindicatos aos variáveis ditames de diversos contextos políticos e das pressões das relações de poder. Diante das exigências da passagem da sociedade disciplinar à de controle, é necessário a reforma do sindicalismo, direcionando o comprometimento com o desenvolvimento social, o que acarreta adoção de uma política que, para além da proteção dos interesses das categorias

representadas, assumam responsabilidades sociais maiores, não é possível alcançar sem que se adote uma posição na gestão governamental, seja ela qual for.

As entidades sindicais docentes, segundo esse autor, cresceram estruturalmente no mundo, mas não conseguiram se sobressair, defendiam temas sociais variados, que exigiam um posicionamento, ultrapassando as barreiras essencialmente trabalhistas, a fim de construir uma sociedade igualitária e com justiça social. Nessa perspectiva, nos anos 90, surge a proposta de um Sindicato Cidadão.

Ressaltamos que o termo sindical é caracterizado pela mobilização e atravessa o sindicalismo, concretizando-se nas assembleias da categoria, pois é por meio delas que se edifica a autonomia dos associados, a construção de si mesmo como sujeito. O sindicalismo docente é marcado pela greve, mesmo sendo controversas, as greves foram e são continuamente reeditadas, ainda não se encontrou outra forma melhor de mobilização, embora tenha muitos outros objetivos para além da luta salarial, para além do que se reivindica, é por meio da greve que se conta a história de todos e de qualquer sindicato. Luta-se por outras políticas públicas, porém ainda são imediatistas, pois só quando aperta o bolso, a categoria consegue se unir em prol de suas reivindicações.

2.3 Surgimento e objetivos da APEOESP

O Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo - APEOESP é uma entidade sem fins lucrativos, sem discriminação de raça, gênero, credo religioso ou convicção ideológica e política, foi fundada no dia 13 de janeiro de 1945, em São Carlos. Sua história divide-se em dois períodos, o primeiro período é de 1945 a 1978 quando se iniciou uma entidade semioficial, foi chamada inicialmente de Associação dos Professores do Ensino Oficial Secundário e Normal do Estado de São Paulo (APESNOESP) e APEOESP em 1973. Já o segundo período, se estende de 1979 aos dias atuais, em que o sindicato tem procurado legitimar-se como representante do professorado paulista, frente à sociedade civil e ao governo estadual (Nogueira, 2005).

A APEOESP é uma entidade sindical integrada por especialistas em educação e docentes das redes públicas do Estado de São Paulo e tem como finalidade: 1) defender os interesses diretos, individuais e coletivos da categoria profissional que representa, inclusive nas instâncias judiciais e administrativas competentes; 2) desenvolver e organizar encaminhamentos conjuntos, visando à unificação e a unidade de todas as instituições representativas dos trabalhadores em educação, no âmbito do Ensino Público; 3) lutar, junto a

outros setores da população, pela melhoria do ensino, incluindo todos os níveis, em particular do ensino público e gratuito; 4) lutar também, ao lado de outros trabalhadores, por organização, manifestação e expressão para todos os trabalhadores; 5) defender os interesses dos professores e especialistas que trabalham nas redes oficiais do Estado de São Paulo, sejam eles individuais ou coletivos.

Hoje a APEOESP é considerada um dos maiores sindicatos da América Latina, com 180 mil sócios, tem sua sede central na Capital de São Paulo, está representada em 94 regiões do Estado, onde mantém sedes – 10 na Capital, 17 na Grande São Paulo⁶ e 67 no Interior do estado.

De acordo com Nogueira (2005), a APEOESP mantém uma estrutura organizacional e assistencial de grandes proporções, com destaque para o convênio de assistência privada à saúde, entre outros serviços jurídicos, assistenciais e recreativos.

De acordo com esse autor, a APEOESP tem características sindicais desde 1977, e considera que a transformação em sindicato, em 1988, não alterou a atuação histórica e de luta da entidade. É integralmente favorável à liberdade e à pluralidade sindicais, defendendo tanto a unidade sindical decidida pelos trabalhadores quanto o sindicato por ramo ou setor. A representatividade deve estar sempre respaldada pelas bases. Quanto às taxas e contribuições sindicais, a APEOESP é contrária, por princípio, a qualquer imposto obrigatório, defendendo a contribuição espontânea e as taxas definidas em assembleias.

Nogueira (2005) relata que a APEOESP publica jornal mensal, revista de educação anual, boletins, que são meios de comunicação essenciais para expressar suas posições quanto à luta trabalhista e sobre questões educacionais, “nesse caso, a APEOESP tanto procura encaminhar a luta econômica em defesa dos professores quanto influenciar a política educacional no âmbito do Estado” (Nogueira, 2005, p. 209).

Atualmente, a APEOESP utiliza a mídia digital para comunicar e expressar suas posições, como o próprio site da APEOESP, os membros por sua vez, também expressam suas insatisfações e lutas, por meio de redes sociais, como grupos no *Facebook e Instagram*.

A entidade tem como papel principal defender os interesses dos professores e especialistas que trabalham nas redes oficiais do Estado de São Paulo, sejam eles coletivos ou individuais. Em nome dos associados, o sindicato é quem negocia com o governo questões profissionais, salariais e educacionais.

⁶ Grande São Paulo reúne 39 municípios do Estado de São Paulo em intenso processo de conurbação (uma extensa área urbana surgida do encontro ou junção de duas ou mais cidades). É a maior região metropolitana do país.

Conforme o site da APEOESP⁷, o assistencialismo na instituição perdurou por 33 anos, desde sua fundação, em 1945, em São Carlos - até a deflagração da primeira greve em 1978. A entidade acomodou-se durante a ditadura militar, adaptando-se ao regime autoritário, dessa maneira, se afastou do conjunto da categoria, orientando-o no sentido de também se submeter às determinações oficiais.

No ano de 1977, o movimento sindical encontrava-se em total paralisia. Naquela ocasião, a APEOESP atraiu a atenção dos professores ao desenvolver luta jurídica pela contratação de docentes temporários. Sem amparo legal pela CLT, os professores eram contratados temporariamente de forma precária e tornavam-se servidores sem concurso público. Dessa maneira, alguns grupos que já acompanhavam o trabalho da entidade se propuseram a organizar sindicalmente a categoria e não aceitar mais aquele tipo de contratação de professores (informações retiradas do site da APEOESP).

A partir de 1977, a APEOESP transformou-se em uma categoria das mais combativas, deixando de ser uma entidade que antes não lutava por seus objetivos. Em poucos anos, passou a ser exemplo de organização, uma das mais representativas entidades sindicais deste país. De 1979 a 1983, no governo de Maluf, a cobrança de mensalidades dos associados foi cortada da folha de pagamento, então alguns professores passaram a efetuar o pagamento em conta própria da categoria, assim com muito esforço e perseverança, conseguiram manter a associação. Em 1983, depois da resistência ao malufismo, mediante a nova conjuntura política e um governo eleito com base em compromissos de mudança (governo Montoro), a APEOESP conseguiu mais espaço para ampliar o seu desenvolvimento. Dessa maneira, foi aprovada a Lei que garantiu o desconto em folha da contribuição dos associados.

Segundo as informações do site da instituição, a partir de 1983, a APEOESP consolidou-se como entidade e obteve sua base organizada, desta maneira, adquiriu importância social. Os funcionários públicos, na Constituição de 1988, conquistaram o direito, mesmo que não regulamentado, de se organizar em sindicatos. Desse modo, em 1990, a APEOESP alterou sua razão social para “Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo”. A APEOESP tem uma trajetória histórica marcada por inúmeros atos públicos e greves, para garantir os direitos do funcionário público.

Diante de várias conferências regionais ordenadas pelas subsedes no ano de 1999, a conferência sob o tema “Construindo um Plano Estadual de Educação Democrática Emancipadora”, determinou as bases para a construção de um Plano Estadual de Educação.

⁷ <http://www.apeoesp.org.br/o-sindicato/historia/>

Várias entidades com o compromisso de trabalhar por um Plano que garantisse uma educação de qualidade se uniram à APEOESP.

Os docentes aprovaram um Plano de Lutas em defesa do emprego, da escola pública, do salário, onde a primeira ação foi um ato público em frente à Secretaria da Educação no dia 1º de dezembro de 2000. Nesse Plano de Lutas, nas ações do sindicato foram reafirmadas: a defesa de um verdadeiro investimento na Educação, Habitação e Saúde, um ensino médio que não traga prejuízos aos alunos e professores, manifestou-se contra a discriminação dos professores aposentados, por um Plano Estadual de Educação emancipadora e democrática, entre outras propostas. A APEOESP, em todas estas lutas, buscou apoio de diversos setores da sociedade civil, em defesa da escola pública e assegurou um grande movimento social.

A APEOESP, no ano de 2001, foi marcada pela luta em defesa dos serviços públicos, da escola pública, do emprego e do salário, na estratégia da mobilização solidária da categoria, dos demais trabalhadores e da sociedade em geral em defesa da Educação.

Em 2010, a categoria sindical foi marcada por um dos mais importantes momentos da história de movimentos: com a greve de 35 dias. O sindicato findou os constantes ataques do governo, que se iniciou em 2000, impondo o “provão” aos professores admitidos em caráter temporário, para que pudessem participar do processo de atribuição de aulas. Em plenas férias de janeiro, a categoria mobilizou na Praça da República (São Paulo) um grande ato, a partir de então, o governo alterou o caráter do “provão”, no qual deixou de ser eliminatório.

A APEOESP nos dias 15 e 19 de junho de 2020, conforme informações do site da instituição, promoveu a Semana em Defesa da Vida. Especialistas e professores, a cada dia, se reuniram no intuito de debater uma série de assuntos; mesmo estando em época de pandemia, os sindicalizados se reuniam, estavam lutando pela vacinação dos professores, bem como a volta às aulas com segurança. Para debater esses assuntos participaram cidadãos mercedores de respeito em nossa sociedade: Padre Júlio Lancelotti, ex-ministro da Saúde Alexandre Padilha, o filósofo Mário Sérgio Cortella, o professor Celso Napolitano, o infectologista Hélio Bacha, a cozinheira Janaina Rueda.

Atualmente, a APEOESP continua lutando pelos direitos dos docentes e da categoria, mobilizou a Alesp contra o corte de 10 bilhões na educação, promoveu atos reivindicativos contra a privatização da (SABESP)⁸ e manifestações contra o fechamento do período noturno e contra a implantação autoritária do PEI (Programa de Ensino Integral). Isso vem confirmar

⁸Sabesp é a sigla para Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo.

que a instituição não luta apenas para reivindicar melhores salários, mas, sobretudo, por melhores políticas públicas em prol da educação do estado de São Paulo.

2.3.1 História da APEOESP na cidade Jales SP

De acordo com informações do professor Luís Especiato⁹, na cidade de Jales SP, a primeira reunião da APEOESP aconteceu no dia 06/03/1986, na prefeitura municipal de Jales, na sala Dr. Rollembergue, sob a coordenação de Esmarlei Henrique de Carvalho Melfi.

Naquele mesmo ano, 1986, de acordo com Júnior (1986), diretor do Jornal de Jales, relatou que a APEOESP teve importantes reuniões, sendo que uma delas tinha em pauta o adiamento da luta salarial para priorizar o apoio às mudanças econômicas. Participaram desta reunião Esmarlei Henrique de Carvalho Melfi, Manoel Pantaleão, Antônio Rodrigues Belão e Luiz Purita, que decidiram aguardar o encaminhamento das reivindicações salariais, ao mesmo tempo em que aprovaram uma moção de apoio ao decreto do governo do estado instituindo uma nova ordem econômica.

Naquela mesma reunião, os representantes de escolas e da APEOESP decidiram ainda iniciar uma campanha junto aos alunos e seus familiares, para que todos pedissem notas fiscais em todas as compras que fizessem para colaborar com a fiscalização dos preços. Os sindicalistas entenderam ser interesse do próprio professor o repasse aos alunos de todas as informações sobre as mudanças na economia anunciadas pelo governo.

Na ocasião, os professores aprovaram também uma moção de repúdio contra as atitudes do prefeito de São Paulo, Jânio Quadros, em relação à Educação, como o recolhimento de todo o material didático, considerado de ótima qualidade, que seria distribuído aos alunos daquele ano (1986). O prefeito recusou entregar o material, alegando que tinha sido produzido pela administração anterior. Nas deliberações, também foram incluídas propostas contra o pagamento da dívida externa, para o debate sobre a Constituinte e a Educação (Júnior, 1986).

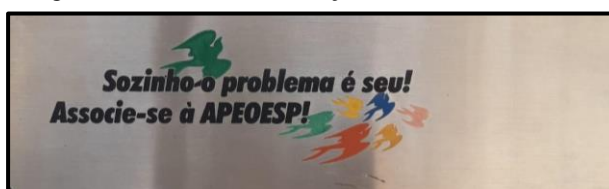
Luís Especiato informou que, posteriormente, nos anos de 1990, outros professores fizeram parte da executiva do sindicato, como Emerson Marciel Jorge, Luiz Carlos de Oliveira e a professora Paula, sendo o coordenador, neste mesmo ano, Luís Especiato. Esses professores formaram a diretoria da subseção de Jales.

⁹ Professor há 23 anos, vereador na cidade de Jales SP por três mandatos.

Nas atas da subsede de Jales, consta que no ano de 2008, essa subsede inaugura sua sede própria. Anteriormente, as reuniões aconteciam na câmara municipal de Jales, os representantes que fizeram parte da diretoria executiva, naquele ano, foram os professores conselheiros estaduais: Maria Helena Batista Marin (coordenadora), Luíz Gonzaga Purita Ferreira (1º tesoureiro), e Luís Especiato e Aracy Oliveira Murary Cardoso.

Na placa de inauguração e identificação na frente da APEOESP há uma frase que ressoa significados:

Figura 1: Placa de identificação da APEOESP



Fonte: Foto tirado pela autora.

Sozinho o problema é seu! Associe-se à APEOESP. Esta frase reverbera o lema da Associação, objetivando angariar mais associados, cujos efeitos de sentidos ressoam como um eco de vozes, visando à união da categoria. A comparação entre os pássaros voando em grupo com um pássaro voando sozinho reafirma os objetivos que ressoam nesta frase. Essa frase remete-nos ao dito por Aristóteles, no livro “Ética a Nicômano” (384-322 a.C.), no sentido de que um indivíduo não pode ser julgado por um ato isolado. Nós brasileiros, abramos o termo que já virou música composta por Jorge de Altinho como “ Uma andorinha só não faz verão”, sendo que hoje já se tornou um slogan sindical, pois uma andorinha sozinha não faz verão, é preciso várias outras, para nos fortalecermos.

A placa da subsede de Jales produz, por meio da enunciação, um efeito de sentido de afirmação entre o enunciado e o desenho representado: “a fala do enunciador que, por sua maneira de dizer, atesta, de algum modo, a legitimidade do que é dito, isto é, confere autoridade ao dito pelo fato de encená-lo” (Maingueneau, 2001, p. 96), reforçando a necessidade de união dos sindicalizados.

Atualmente, a diretoria executiva da subsede de Jales é composta pelas coordenadoras Adriana da Silva Valle e Clair de Fátima Jerônimo Scatena, pelas secretárias Gisele S. Lima, Cristina Toshine Nagata, Marlene Muglia de Oliveira e pelos tesoureiros Marlene Garcia Pereira Costa, Edilson Teixeira dos Santos e Marli de Fátima Scatena.

Uma associada sindicalista há mais de 30 anos, no dia 29 de novembro de 2023, diz ter participado de uma reivindicação na Alesp (Assembleia Legislativa da Província de São Paulo). Nessa manifestação vários assuntos entraram em pauta, como: 1-Tarcísio, tire as mãos do dinheiro da educação. 2- Não à privatização dos serviços públicos. 3- Contra a Reforma Administrativa. 4- Pelos direitos da nossa categoria e pela educação pública inclusiva, de qualidade para os filhos e filhas da classe trabalhadora!

Professores e professoras de todo o estado de São Paulo, convocados pela APEOESP, estiveram na Alesp e participaram do Dia Estadual de Greve do Funcionalismo e Estatais. Ainda, reivindicaram contra o corte de R\$10 bilhões nas verbas da Educação (PEC 9/2023), a privatização da Sabesp (PL 1501/2023), a reforma administrativa (PLC 137/2023) e também as ameaças de privatização do Metrô e da CPTM. A categoria também estava em luta pela aprovação imediata do PLC 143/2023, com emendas que garantam o cumprimento das Atividades Pedagógicas Diversificadas (APD) em local de livre escolha e a retirada da jornada de trabalho como critério para a classificação ao processo de atribuição de aulas. Os associados estavam em busca de um processo de atribuição de aulas presencial, justo e transparente, por carreira aberta, justa e atraente, por valorização profissional, condições de trabalho e todas as demais reivindicações¹⁰.

Abaixo segue uma foto com o registro da participação da associada na manifestação citada.

¹⁰ Informações retiradas do site da APEOESP.

Figura 2: Associada da APEOESP subseção de Jales, juntamente com o Fábio, primeiro presidente da APEOESP



Fonte: Foto de autoria da APEOESP

Figura 3: Associados de Jales na manifestação na Alesp contra a privatização da Sabesp



Fonte: Foto de autoria da APEOESP

2.4 A Organização sindical: a heterogeneidade discursiva e o sentido do silêncio

A organização dos sindicatos dos professores pressupõe o acompanhamento das questões trabalhistas da política educacional. Nesse viés, a entidade sindical tem como finalidade: defender os interesses diretos, individuais e coletivos da categoria profissional que representa, inclusive nas instâncias judiciais e administrativas competentes; desenvolver e organizar encaminhamentos conjuntos, visando à unificação e a unidade de todas as instituições representativas dos trabalhadores em educação, no âmbito do Ensino Público. Nessa conjuntura, a entidade sindical tem como objetivo a “luta”, já que é preciso lutar, junto a outros setores da população, pela melhoria do ensino, incluindo todos os níveis, em particular do ensino público e gratuito, luta também, ao lado de outros trabalhadores, por organização, manifestação e expressão para todos os trabalhadores.

Desse modo, Marx e Angels (2007) argumentam que o sindicato surge para demonstrar aos trabalhadores que eles precisam se unir e se reconhecer como semelhantes, por meio de atuações políticas. A classe trabalhadora deve agir e solucionar as principais demandas da realidade proletária, precisa proporcionar uma conscientização para que se possa compreender como os processos de intervenção, reivindicação e participação são primordiais para lutar contra os diferentes tipos de exploração trabalhista.

Enquanto organização sindical que luta por aumento salarial e melhorias na educação, salientamos que o discurso sindical seja formado por outros discursos, é atravessado e constituído por diversos outros discursos políticos, históricos, educacionais, sindicais, de lutas e outros, uma vez que cada categoria é formada por diversos sujeitos heterogêneos em si, que fazem parte de diversas formações discursivas, diversas ideias, saberes e crenças que são a base, para a produção de ações críticas e de luta.

Tendo em vista toda essa heterogeneidade de discursos que atravessa o meio sindical, é de suma importância discorrer sobre as diferentes formas de significar a linguagem sindicalista. Investigar e compreender o discurso do professor sindicalista em seu percurso, em seu movimento, relacionar a linguagem à sua exterioridade, além de problematizar o discurso desses professores, remeter esses discursos às identificações profissionais desses professores.

Ao elencar os fatos históricos que impulsionaram a formação sindical docente, podemos destacar que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, dessa forma trabalha-se a relação língua-discurso-ideologia. Nesse sentido, ao analisar formação sindical docente, salientamos que o discurso

tem um papel primordial na luta histórica, é por meio do discurso que se estabelece uma relação entre língua e sujeito, compreendendo-se que a língua produz sentidos para os sujeitos (Orlandi, 2020).

Consideramos a linguagem como uma mediação necessária entre o homem e a realidade social e natural. Por meio dessa mediação, que é o discurso, podemos destacar tanto a continuidade e a permanência quanto a transformação e o deslocamento do homem e da realidade em que ele vive. Dessa forma, na base da produção da existência humana encontra-se enraizado o trabalho simbólico do discurso.

Podemos salientar que o discurso sindicalista é um discurso circular, isto é, um dizer institucionalizado, sobre as coisas, que se garante, assegurando à instituição em que se origina e para a qual tende: o sindicato. Segundo Orlandi (1987), o fato de estar vinculado ao sindicato, a uma instituição, portanto, faz do discurso sindicalista aquilo que ele é, e o mostra em sua função:

Ora, há um compromisso da linguagem como processo histórico social; os efeitos de sentido têm origem na constituição dos interlocutores e do contexto como elementos da significação. Como a sociedade, tal qual ela se apresenta hoje, é dividida, o sentido distribuído não é só múltiplo, ele está despedaçado e a aparência de unidade é dada pelo sentido garantido, o sentido sedimentado, institucionalizado, o dominante. Se a ideologia dominante coloca, então, certos pressupostos, certos implícitos, é preciso interferir na constituição dos sentidos assim construídos (Orlandi, 1987, p. 32).

Ao estudar a linguagem, por meio do processo que reúne o eu e o outro, na concomitância falante-ouvinte, podemos destacar a articulação social entre interlocutores, surgindo a possibilidade de se apreender a ilusão subjetiva que muitas vezes está refletida, e não criticada, nas teorias linguísticas: o sujeito, ao produzir a linguagem, ele também está reproduzido nela, apesar de acreditar ser a fonte exclusiva de seu discurso, na verdade, o sujeito sempre retoma um sentido preexistente (Orlandi, 1987).

O autoritarismo, segundo Orlandi (1987), está incorporado nas relações sociais. Nessa perspectiva, o autoritarismo está no sindicato, está no seu discurso. Dessa maneira, uma forma de interferir no caráter autoritário do discurso sindicalista é questionar o seu caráter informativo, seus ditos e não-ditos, sua "unidade" e alcançar seus efeitos de sentido. Por meio dos já-ditos, o discurso dispõe de algumas "informações", que aparecem como predeterminadas, dadas, sem deixar espaço para que se situe a articulação existente entre um contexto amplo e seu discurso.

Segundo essa pesquisadora, no espaço instituído, os implícitos prendem os interlocutores. Exatamente, em relação ao discurso sindicalista, uma forma não autoritária é

analisar o jogo dos efeitos de sentido em relação a “informações” dispostas em seus discursos e determinadas pelo contexto histórico-social. Ao passar de uma formação discursiva para outra, as palavras mudam de sentido, mudam-se as circunstâncias e a formação do sujeito ideológico. Dessa forma, podemos afirmar que são as interações, as relações sociais que determinam o dizer.

Há uma seleção em relação aos meios formais que uma língua oferece, seleção feita pelo falante que vai delimitando o que diz e, conseqüentemente, tudo o que seria possível dizer. Porém, o sujeito não se apropria da linguagem num movimento individual: há uma forma social de apropriação da linguagem em que está refletido o modo como ele o fez, ou seja, sua ilusão de sujeito, sua interpelação feita pela ideologia (Orlandi, 1987, p. 27).

Essa autora ainda reafirma que “as relações entre homens são relações de sentidos e procuramos compreender como isso funciona produzindo efeitos de tal modo que, ao significar, os sujeitos se significam” (Orlandi, 2004, p. 149). O professor sindicalista ocupa um lugar social, uma posição social, constitui um lugar de significação (de interpretação), nas quais os sentidos já estão postos e funcionando em nossa cultura social.

Nos estudos do sentido, pensando o espaço sindicalista como um espaço particular de significação, observando-o a partir de dois movimentos, como o sindicato se diz e como o dizer se espacializa no sindicato, podemos verificar que há um silenciamento do real do sindicato, acompanhado de um apagamento do social. Assim, visamos compreender como o simbólico, confrontando-se com o político, configura sentidos para o sindicato.

Nesse jogo simbólico, Pêcheux (2008) destaca que:

Nesse espaço de necessidade equívoca, misturando coisas e pessoas, processos técnicos e decisões morais, modo de emprego e escolhas políticas, toda conversa (desde o simples pedido de informação até a discussão, o debate, o confronto) é suscetível de colocar em jogo uma bipolarização lógica das proposições enunciáveis –com, de vez em quando, o sentimento insidioso de uma simplificação unívoca, eventualmente mortal, para si-mesmo e/ou para os outros (Pêcheux, 2008, p. 33).

De acordo com Pêcheux (2008), nos espaços discursivos (como a escola e o sindicato) supõe-se que todo sujeito falante, no caso o professor sindicalista, sabe do que se fala, pois todo enunciado produzido nesses espaços, independente de sua enunciação, reflete propriedades estruturais; essas propriedades se inscrevem, em uma descrição adequada do universo (de modo que este universo é instaurado discursivamente nesses espaços).

Esses espaços discursivos aparentemente unificam uma série de evidências lógico-práticas, de nível muito geral, tais como: “um mesmo objeto X não pode estar ao mesmo tempo, em duas localizações diferentes; um mesmo objeto X não pode ter a ver ao mesmo tempo com a propriedade P e a propriedade não-P; um mesmo acontecimento A não pode ao

mesmo tempo acontecer e não acontecer etc” (Pêcheux, 2008, p. 31-32).

É importante revisitar o apregoador por Orlandi (2004), ao afirmar que há uma memória social que nos constitui de modo mais ou menos inconsciente. Os professores, por serem filiados ao sindicato, possuem sua memória discursiva, que faz com que eles não questionem todos seus sentidos a todo momento, porém os significados funcionam no movimento significativo dentro desse espaço. Essa autora designa como “economia de estereótipo”, das ideias recebidas, do senso comum: o professor sindicalista que vive no espaço sindical sabe o que é uma greve, sem estar definindo isso o tempo todo; sabe que numa greve há reivindicações e o que estão reivindicando. Esse espaço específico tem, portanto, uma memória, que, no caso, é uma memória sindicalista, uma formação discursiva sindicalista. O sindicato é um espaço significante, investido de sentidos e de sujeitos, produzidos em uma memória.

O sindicato é um espaço que tem um sentido particular, o qual é o de ser espaço social. Se elidirmos isso, surgem as grandes rupturas e suas consequências. Ao analisar as condições sociais, políticas e qualificadas da APEOESP, podemos destacar que não existe espaço público para que o sindicato se pratique conscientemente, ou seja, o espaço público no sindicato está silenciado, pois onde há lutas, há conflitos e há silenciamentos. Não somos livres para dizer tudo o que queremos a todo o momento. Nossa liberdade é vigiada (Foucault, 1996).

Por resolver questões trabalhistas, na maioria das vezes, usa-se a greve e manifestações, o que poderia ser diferente, quanto mais o espaço social e o espaço público poderem se desenvolver, menos os professores sindicalistas estariam expostos à violência e à marginalização como já ocorreu em várias manifestações. As medidas não devem ser repressivas, mas formadoras.

O sindicato é um espaço de vida, dessa maneira, podemos ressaltar que quando alguém fala está “se” significando (Orlandi, 2004), então o sindicalismo é uma prática significativa no qual os professores se significaram e significam aos outros, continuamente. E estes significados ocorrem de diversas maneiras, mesmo quando se pensa que foram silenciadas.

Sobre o silenciamento, asseveramos que “a fala pode ser silenciadora quanto ao que se diz” (Orlandi, 1987, p. 264). Em determinadas condições, onde se diz para não falar certas coisas, para não se permitir que se digam coisas que causam transformações limites, ou melhor, para não falar (ou deixar falar) as outras palavras. Nesse contexto, o discurso é silenciador, quando se diz algo, está se silenciando o outro, ou outra palavra (Orlandi, 1987).

Esse dinamismo de silenciamento produzido pelo discurso pode ter vários efeitos, com sentidos diversos e finalidades bastante distintas. Nos discursos sindicais, observamos apenas alguns desses efeitos, com suas finalidades. Vale destacar que dada a multiplicidade de seus mecanismos de funcionamento da linguagem, a sua heterogeneidade e seus usos distintos, esta pesquisa representa apenas uma exploração parcial de um fato discursivo.

Ao ressaltar que a fala é silenciadora em diferentes níveis, remete-nos ao fato de que este não-dizer pode ter a natureza do implícito tratado, exemplificado, pela retórica (nas teorias da argumentação), pela psicanálise (operando com o conceito de inconsciente), ou pela análise de discurso (refletindo a noção de ideologia) (Orlandi, 1987).

Levando-se em conta que a linguagem é basicamente dialógica, podemos dizer que ao silenciar-se sobre algo, o locutor prende o interlocutor no quadro discursivo limitado por esse silêncio. Esse compromisso instituído pelo enunciador poderá, ou não, ser cumprido pelo interlocutor (Orlandi, 1987, p. 264).

Diante dessas considerações, é necessário insistir que o silêncio não se define como tal só por relacionar com a parte sonora da linguagem, mas com a significação, ou melhor, pela relação significativa som/sentido em um determinado acontecimento sócio-histórico.

Na produção de sentidos, é importante considerar o silêncio fundador, que segundo Orlandi (2007) é o princípio de toda a significação, a partir dessa hipótese, o silêncio é a própria condição do sentido. Assim, ele aparece como lugar que permite à linguagem significar espaço diferencial da significação. “Silêncio que atravessa as palavras, que existe entre elas, ou que indica que o sentido pode ser sempre outro, ou ainda que aquilo que é mais importante nunca se diz, todos esses modos de existir dos sentidos e do silêncio nos levam a colocar que o silêncio é “fundante” (Orlandi, 2007, p.14).

Portanto, o silêncio não é sem-sentido, nem um vazio, de outro modo, ele é o indício de uma instância significativa. Dessa maneira, leva-se à compreensão do vazio da linguagem como um horizonte e não como uma falta.

O silêncio aqui retratado, é o silêncio como história, como sentido, como matéria significante. Este silêncio é o que instala no limiar do sentido. Todavia, o silêncio não está apenas entre as palavras. Ele os atravessa. Ele é matéria significante por excelência, acontecimento essencial da significação. O silêncio do sentido torna presente não só a iminência do não-dito que se pode dizer, mas o indizível da presença: do sujeito e do sentido (Orlandi, 2007, p.70).

Com efeito, a linguagem é passagem incessante das palavras ao silêncio e do silêncio às palavras “as palavras são cheias de sentido a não dizer, e, além disso, colocamos no silêncio muitas delas” (Orlandi, 2007, p. 14). Nesse sentido, essa pesquisadora considera a

linguagem como categorização do silêncio, isto é, a gregariedade, a possibilidade de segmentação, ou melhor, o recorte da segmentação em unidades discretas. Dessa forma, a política do silêncio conclui-se pelo fato de que ao dizer algo, apagamos necessariamente outros sentidos possíveis, mas indesejáveis, em uma dada situação discursiva.

Desse modo, por meio da reflexão sobre o silêncio, reflexão que tem como princípio a formulação de questões que pensassem o “não-dito” discursivamente, para que tornassem visíveis aspectos deste que não aparecem no tratamento linguístico ou pragmático dado a ele, também alguns aspectos da análise do discurso se tornam mais claros (Orlandi, 2007). Assim, partimos do pressuposto de que o discurso sindical é atravessado por silenciamentos, no objetivo de camuflar, mascarar muito dos ditos por meio dos não ditos.

Nos estudos sobre o sentido, pensando o espaço sindical docente como um espaço particular de significação, observando-o a partir de dois movimentos; como o sindicato se diz e como o dizer se espacializa na escola, podemos verificar que há um silenciamento do sindicato, acompanhado de um apagamento do social, que se dá pela sobreposição do discurso escolar sobre o sindicato. Diante desse pressuposto, propomos a pensar a escola como lugar fundamental de estabelecimento e administração de sentidos para o sindicato enquanto instituição. O sindicato docente significa como significa porque está onde está, ou seja, faz parte da escola. Esse é um forte componente de suas condições de produção e mesmo quando se localiza empiricamente em outro lugar, ele se carrega de sentidos de escolaridade. (Orlandi, 2004).

2.5 A constituição identitária de docentes: um movimento na história

Todos possuem suas identificações, crenças e ideologias. Não somos constituídos de uma única identidade, temos identidades, pois somos sujeitos multifacetados, fragmentados, sempre em processo de formação. Nesse sentido, Coracini (2007, p. 49) corrobora que “não há uma identidade possível a não ser na ilusão, na promessa sempre adiada da coincidência consigo mesmo, do pertencimento imaginado (e inventado) a uma nação, a um grupo que se assemelha aqueles que são desiguais, inassimiláveis”. Dessa maneira, a questão da identidade refere-se a sentimentos de pertença a um grupo, uma nação, a uma etnia, uma religião, enfim, pertença marcada pela historicidade do sujeito.

A constituição identitária compreende as configurações profissionais e sociais relacionadas à história do sujeito e da vida. Objetiva-se em algo que é constituído e considera-se o contexto social e a época histórica nos quais esse sujeito está inserido. Dessa maneira, em

vez de falar de identidade como algo acabado, a autora propõe usar o termo identificação, sendo uma palavra que remete ao sentido de um processo em andamento, pois só é possível capturar momentos de identificação do sujeito com outros sujeitos, fatos e objetos. Ainda a autora supracitada ressalta que “convém lembrar que toda identificação com algo ou alguém ocorre na medida em que essa voz encontra eco, de modo positivo ou negativo, no interior do sujeito” (Coracini, 2003, p. 243).

Seguindo essa rede de ideias, buscamos em Carmagnani (2003), a afirmação de que a complexidade do conceito de identidade é resultado do fato de que as identidades modernas estão sendo fragmentadas, descentradas ou deslocadas a partir de um tipo de mudança estrutural que está transformando as sociedades desde o final do século XX.

Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que, no passado, forneceram-nos sólidas localizações como indivíduos sociais. Essas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados (Carmagnani, 2003, p. 306-307).

Na visão teórica de Carmagnani (2003), o processo de identificação, no qual é projetada nossas identidades culturais, tornou-se mais variável, provisório e problemático e é isso que resulta o sujeito pós-moderno, conceptualizado por não ter uma identidade fixa, permanente ou essencial, ou seja, o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos. A autora afirma que a identidade se torna uma celebração móvel, isto é, ela é formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas formais que nos rodeiam.

Analisar as identificações de docentes com tempo de sindicalização enseja, portanto, uma reflexão dos traços em torno dos quais se dá a constituição identitária do docente enquanto atuante no mundo sindical, na luta pelos ensejos de sua categoria. De modo geral, podemos entender como alguém se torna um professor atuante no mundo sindical, os modos como são representados e se representam enquanto tal e de que maneira essas representações assinalam pontos de identificação que, geralmente, não são considerados na carreira sindical.

Pensar a identidade do sujeito-professor numa época em que ela parece perdida, em meio a um contexto de perdas - perda de poder aquisitivo, perda de reconhecimento, perda de respeito, perda de ânimo - é um desafio que estamos enfrentando, não na busca de unidade, de características que, uma vez arroladas, levariam-nos a definir, de uma vez por todas ou por um dado período de tempo, uma individualidade ou um grupo social; assim procedendo, talvez chegássemos a elencar as principais tarefas do professor enquanto profissional, mas jamais à subjetividade - não no sentido idealista do termo, diga-se de passagem que se manifesta via imaginário na relação com o outro (aluno) e consigo mesmo (auto-imagem) pela linguagem (Coracini, 2003, p. 14).

Nesse viés, podemos afirmar, assim como Coracini (2007), que as identidades não são ligadas ao redor de um “eu” coerente, pois o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos. Não existe identidade plenamente unificada e completa, pois, na medida em que somos confrontados por inúmeras e desconcertantes identidades, os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam. A partir disso, somos capazes de nos identificar, com cada situação social, econômica, política, cultural e pessoal. Posso ser professor, ser sindicalista, mãe, religiosa ao mesmo tempo. Dessa maneira, as situações vivenciadas pelos docentes sindicalistas, culminam em uma produção de um novo sentido, mostrando que a constituição da identidade do sujeito é multifacetada, está sempre se transformando, sempre em constituição.

Nesta perspectiva, corroboram-se as questões identitárias, Silva (2000, p. 84):

O processo de produção de identidade oscila entre dois movimentos: de um lado, estão aqueles processos que tendem a fixar e a estabilizar a identidade, de outro, os processos que tendem a subvertê-la e a desestabilizá-la. É um processo semelhante ao que ocorre aos mecanismos discursivos e linguísticos nos quais se sustenta a produção de identidade. Tal como a linguagem, a tendência da identidade é para a fixação. Entretanto, tal como ocorre a linguagem, a identidade está sempre escapando. A fixação é uma tendência e, ao mesmo tempo, uma impossibilidade.

Nessa concepção, Silva (2000) destaca que as identidades são construídas e reconstruídas no processo discursivo do indivíduo e na dinâmica da vida social. A identidade está relacionada a sistemas de poder, ou seja, aquele que tem o poder de representar tem o poder de determinar e definir a identidade. Por conseguinte, a representação ocupa um lugar central na teorização contemporânea sobre identidade e movimentos sociais ligados à identidade. Sob essa perspectiva, esse autor também considera que a identidade não é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Pode-se afirmar que a identidade é um efeito, uma construção, um processo de produção, um ato performativo, uma relação.

Falar de identidade e de linguagem é transformar o sujeito numa palavra de intervalo no decurso de sua vida e de sua história. Essa palavra comprometida não é senão o próprio sujeito por intermédio do discurso, por um discurso inconsciente que nos habita e que é construído por um eu a partir de um outro, numa alteridade sem limites. Dessa maneira, falar em identidade e subjetividade implica designar algo que não é fixo e não pode ser sistematizado, pois não se trata de uma filiação a um modelo acabado e fechado; mas sim, de um deslocamento com relação à racionalidade moderna. Isso porque “as identificações não existem em si mesmas, elas são incessantemente (re)construídas por meio da relação com o outro e emergem apenas por momentos, pela porosidade da linguagem” (Lima, 2003, p. 273).

A questão identitária é entendida, portanto, como um processo em movimento, pois o sujeito se constitui pela multiplicidade de discursos, pela heterogeneidade e pelo descentramento de si. As identificações não se processam apenas no âmbito das relações intersubjetivas (uma pessoa X transformando-se por identificação em Y). Trata-se sim, da imbricação de duas instâncias do inconsciente. O eu e o objeto (Eckert-Hoff, 2003). Os diversos dizeres do outro passam a fazer parte do eu, como fios entrelaçados, constituindo identificações em movimento.

Podemos salientar, que as identificações são sempre fragmentadas, não são singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, posições e práticas que podem se cruzar e ser antagônicas. De acordo com Coracini (2003), as identificações não são homogêneas, integrais, constroem-se na heterogeneidade, na dispersão dos múltiplos sentidos e na dispersão das múltiplas vozes, no esfacelamento, pois dentro de nós, há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal maneira que nossas identificações estão sendo deslocadas continuamente, pela presença de discursos outros.

As nossas identificações anteriores, segundo Coracini (2019), são deslocadas pela presença de outros discursos, partem em diferentes direções e, assim, o imaginário de todo sujeito se constrói por meio do outro. Dessa forma, podemos destacar que o discurso e o sujeito, em seus processos de identificação, são constitutivamente heterogêneos. Essa heterogeneidade de vozes vindas do interdiscurso são as marcas linguístico-discursiva deixadas no fio intradiscursivo (Eckert-Hoff, 2003).

Ao abordamos a questão da subjetividade e da identidade, acreditamos que um caminho que possibilita a compreensão dos processos de identificação do sujeito-professor, na perspectiva da pós-modernidade, seria considerar os dois níveis, interdependentes, a saber: o intradiscurso e o interdiscurso. É o fio discursivo (intradiscurso) que nos permite buscar os discursos outros pela memória discursiva (interdiscurso), pois consideramos que tanto o intradiscurso como o interdiscurso fazem parte de uma cena discursiva sócio-histórica-ideológica (Eckert-Hoff, 2003).

Não podemos delimitar nosso caminho, estamos em constante movimento, a nossa língua, a nossa linguagem, a história, a cultura, o discurso, as nossas ideologias vão se transformando conforme nossas vivências, nossas escolhas e formação. E a todo momento, somos interpelados pela nossa memória discursiva, o que vai trazendo à tona os já-ditos, evocando um saber que, por sua vez, engendra um poder.

Seguindo o pensamento de Foucault (2020), o fio intradiscursivo, disponibilizado pelo

interdiscurso designa a relação à tomada de poder-saber, o que leva a compreender o sujeito a ser constantemente frequentado pelo outro. Para Coracini (2001), as nossas identificações são construídas a partir de nossa história pessoal, de nossas experiências vividas, de nossas leituras realizadas e a presença do(s) outro(s) é incontestável, provocando, a cada momento, deslocamentos, (re)significações, que são provenientes dos confrontos com o diferente, que não se apresenta de fora para dentro, mas que habita em nós, construindo a nossa subjetividade.

Os posicionamentos do sujeito mudam, ele convive em uma teia de inter-relações, uma teia de ideias divergentes, assim as associações sindicais se transformam no grande locus de formação identitária dos sujeitos professores, por viver numa arena de conflitos e de lutas na tentativa de defender a sua classe.

Nesse sentido, Coracini (2003, p. 243) destaca que:

Ao falar de identidade, é preciso entendê-la, não como a completude ilusória de um sujeito indiviso ou como resultado da plenitude, mas de uma “falta”: falta de inteireza que procuramos preencher (sem jamais conseguir), pelas maneiras das quais imaginamos ser vistos pelos outros, a partir do nosso interior: sabemos quem somos em relação ao outro que não podemos ser. Aliás, o desejo do outro é a expressão do desejo de completude que nos habita e se manifesta na busca da verdade, do controle de si e dos outros (Coracini, 2003, p. 243).

Sobre a questão da identificação, Coracini (2003) nos apresenta dois tipos: a identificação simbólica e a identificação imaginária baseada na teoria de Nasio (1997). A identificação simbólica tem como componente o significante e o sujeito do inconsciente que “baliza, invariavelmente, uma vida significativa e que, apesar disso, é subtraído dessa vida” (Coracini, 2003, p. 274); já a identificação imaginária está voltada para a imagem e para o eu e consiste num sujeito do inconsciente, o que equivale a dizer que na representação imaginária: “o eu só se identifica seletivamente – ainda que inconscientemente - com as imagens em que se reconhece, ou seja, com aquelas que evocam, de alguma forma, a figura do outro” (Coracini, 2003, p. 274).

Assim, podemos afirmar como Coracini (2003), que a identidade é formada ao longo do tempo, por meio dos processos inconscientes, não podendo ser vista como algo inato, ou seja, como algo que existe na consciência desde o nascimento. Ao destacarmos as identidades do professor sindicalista, podemos afirmar que está sempre em formação, sempre em processo, permanecendo sempre incompleta, sempre pronta para o novo.

É, pois, mediante essa visão de identificação e de sujeito heterogêneo que situamos nossa pesquisa sobre o professor sindicalista. É importante analisar o discurso do professor

sindicalista atravessado pelo dizer de sua vivência no sindicato que, por sua vez, é tecido por inúmeros fios discursivos do outro que o constitui.

3 REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS DAS PROFESSORAS SINDICALISTAS: ANÁLISE DISCURSIVA

Devemos não somente nos defender, mas também nos afirmar, e nos afirmar não somente enquanto identidades, mas enquanto força criativa (Foucault, 2004, p. 262).

O objetivo deste capítulo consiste em problematizar os discursos das professoras sindicalistas, a fim de analisá-los, em consonância aos preceitos teóricos da análise do discurso de orientação francesa, no intuito de entender, refletir e problematizar o discurso dos sujeitos desta pesquisa.

Para tanto, queremos assinalar que este capítulo visa a dar respostas aos objetivos desta pesquisa, aos quais viemos tecendo desde as justificativas e teorizações desenvolvidas no percurso desta pesquisa, a fim de comprovar nossa hipótese de que essas professoras aposentadas permanecem sindicalistas por acreditarem no sindicato como não uma forma não só de conseguirem melhorias no trabalho e nas leis trabalhistas, como também para se sentirem atuantes na vida social e educacional do país, das quais elas sempre fizeram parte, podemos ressaltar que essas professoras, em sua trajetória como sindicalistas, são atravessadas por diferentes discursos, que contribuíram para a constituição de suas identificações.

Para isso, selecionamos (21) recortes¹¹ do questionário de pesquisa realizado com professoras aposentadas sindicalistas, membros da APEOESP, subsede de Jales-SP. Para o presente questionário, foram selecionadas as professoras que possuem mais tempo de adesão ao sindicato.

Para melhor organização do *corpus* e não comprometimento ético dos sujeitos, optamos por identificar cada participante da pesquisa como Professora (1), Professora (2), assim por diante. Os excertos são identificados como recortes discursivos e utilizamos a letra R, intitulado R(1), R(2) e assim sucessivamente. Para a análise desses excertos, em nenhum momento, julgamos se o dito por essas professoras é verdadeiro ou falso, uma vez que para Foucault (1996), a verdade é produzida no acontecimento.

Além disso, consideramos que seus dizeres revelam formações imaginárias sobre o assunto em pauta. É importante ressaltar que a análise do *corpus*, realizada a partir dos excertos selecionados, é uma das leituras possíveis dos discursos dos sujeitos desta pesquisa,

¹¹De acordo com Orlandi (1984), recorte é uma unidade discursiva, a qual está correlacionada com fragmentos de linguagem e situação. Assim, um recorte é um fragmento da situação discursiva.

uma vez que a cada leitura, novos sentidos podemos produzir, tendo em vista que nossa história já não será mais a mesma. Portanto, esta pesquisa estará aberta a outras leituras possíveis, tanto deste pesquisador, como de outros interessados na temática, assim também convidamos à leitura das entrevistas na íntegra que estão no anexo.

A seguir, utilizamos os excertos do questionário de pesquisa a fim de analisá-los, de acordo com os pressupostos da análise do discurso de orientação francesa e problematizá-los em consonância aos objetivos apresentados.

3.1 Memórias de professoras sindicalistas aposentadas e jogo de imagens

Neste item, analisamos os excertos do questionário que realizamos com as professoras sindicalistas aposentadas membros da APEOESP, subsede de Jales-SP. Os excertos ou recortes selecionados, R(1), R(2), R(3), retratam as memórias, as identificações, os desafios e os silenciamentos dessas professoras que aceitaram fazer parte desta pesquisa. É importante destacar que, para esta pesquisa, temos (8) sujeitos/professoras que possuem mais tempo de adesão ao sindicato, e que se dispuseram a participar desta pesquisa, a falar de si, e, conseqüentemente, relatar suas experiências enquanto sindicalistas, seus desafios e lutas no sindicato.

Ao entrar em contato com a APEOESP, a secretária me passou o contato da coordenadora Clair de Fátima Scatena Jerônimo, a qual me informou quem seriam os sujeitos da pesquisa. Ao entrar em contato com essas professoras, oportunidade em que explicamos os objetivos desta pesquisa, todas se dispuseram a participar da entrevista. Cada participante teve acesso ao TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido). Após a leitura, elas assinaram o termo, em seguida, cada professora recebeu um link, enviado pelo *Whatsapp*, gerado pelo aplicativo (*Google Forms*), contendo o roteiro do questionário, cujas respostas foram armazenadas no próprio site do *Google Forms*. Porém, com acesso restrito permitido somente ao dono da conta, as respostas de cada professora estão na íntegra em anexo.

É importante esclarecer que quando mencionamos o termo memória, nesta pesquisa, não estamos falando de memória cognitiva, mas de memória discursiva, que, para Pêcheux (1999), está ligada à ideia ou construções que incorporamos e fazemos referência a discursos anteriores, produzindo assim uma continuidade histórica e ideológica, já que os discursos não são apenas sequências de palavras ou frases isoladas. Em outras palavras, os discursos não surgem de maneira isolada, mas são moldados, entrelaçados e influenciados por discursos

prévios, tornando-se, assim, uma parte da memória discursiva.

A memória discursiva seria aquilo que, em face de um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os não-ditos (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (Pêcheux, 1999, p. 52).

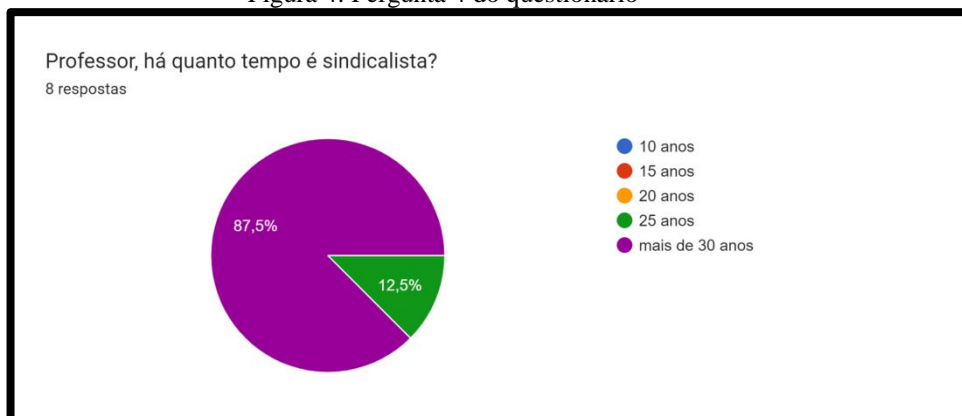
Seguindo o argumento de Michel Pêcheux, é possível acrescentar que a memória é constituída de representações inconscientes, com múltiplas associações de traços. As recordações são sempre efeitos de ressignificações feitas a *posteriori* no tempo, levando-se em consideração que a concepção de sujeito em Análise do Discurso é sempre atravessada pelo inconsciente, à memória discursiva nos remete à história, à historicidade do sujeito (Coracini, 2011, p. 35).

Mediante o exposto, os recortes selecionados são problematizados e interpretados como em um exercício de leitura, pois mediante os pressupostos teóricos da Análise do Discurso, a cada leitura que fazemos, novos sentidos são produzidos, dependendo do momento histórico em que nos inserimos. Assim, direcionamos nosso olhar aos dados desta pesquisa, a fim de analisar os interdiscursos que estão relacionados socialmente ao mundo sindical, bem como os discursos sobre as ações sindicais dos sujeitos desta pesquisa e suas implicações para a sua constituição identitária.

Ao perguntar aos sujeitos da pesquisa, há quanto tempo são sindicalizadas, eles tiveram a opção de responder conforme a legenda abaixo: azul 10 anos, vermelho 15 anos, amarelo 20 anos, verde 25 anos, roxo mais de 30 anos.

Conforme a figura abaixo, das 8 professoras entrevistadas, 7 equivalente a 87,5%, responderam que são sindicalizadas há mais de 30 anos e apenas 1(uma) equivalente a 12,5 %, respondeu 25 anos.

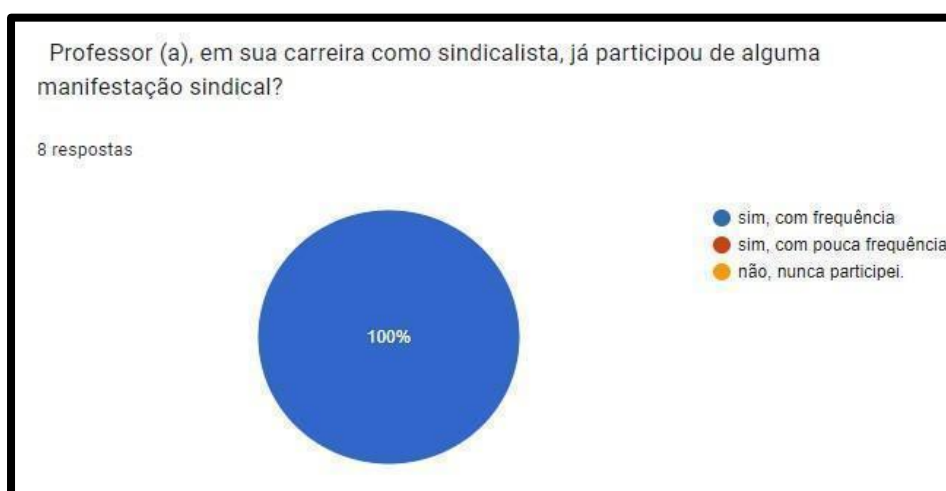
Figura 4: Pergunta 4 do questionário



Fonte: Dados coletados por meio do aplicativo *Google Forms*.

É importante ressaltar que todas as professoras entrevistadas responderam que participam com frequência das manifestações sindicais, e que além de serem aposentadas, são e continuam sindicalizadas há muitos anos, participam com frequência das manifestações e reivindicações da APEOESP. Conforme o gráfico a seguir, foi questionado se durante sua vida enquanto membro da APEOESP, se já havia participado de alguma manifestação sindical. De acordo com a legenda do gráfico a seguir, temos: a cor azul, indicando, sim, com frequência; vermelho, sim, com pouca frequência e amarelo, não, nunca participei. Temos o resultado de 100% azul, indicando que todos participam com frequência das manifestações sindicais.

Figura 5: Pergunta 6 do questionário.



Fonte: Dados coletados por meio do aplicativo *Google Forms*.

Esses dados chamaram-nos muito a atenção, o que nos motivou a investigar e a entender a história de vida e luta sindical dessas professoras. Uma vez que à primeira mão, poderíamos nos perguntar: por que professoras que já se aposentaram continuam ainda na luta sindical? O que as motivam a lutar pelas reivindicações de sua categoria?

3.1.1 Memória discursiva: uma arena de luta

Afoitos para entender melhor quem são esses sujeitos, solicitamos-lhes que buscassem em suas memórias, recordações sobre manifestações que já participaram. Questionamos se houve alguma reivindicação ou manifestação que marcasse sua vida como sindicalista. Assim, obtivemos as seguintes respostas:

Professora (2), R(1): Sim, a greve de 1992 quando ficamos 90 dias lutando por melhores condições de trabalho e salários e éramos recebidos com

cacetes, bombas de gás, spray de pimenta e por policiais na capital paulista e desistimos das nossas lutas e assembleias.

A Professora (2), em R (1), ao buscar em suas memórias sobre as manifestações que já havia participado, traz à tona a greve de 1992, enfatizando que foram muitos dias, noventa (90) dias, lutando por melhores condições de salário e trabalho. Porém, ao destacar a forma que ocorriam essas manifestações “éramos recebidos com cacetes, bombas de gás, spray de pimenta”, mediante esses dizeres, podemos observar os maus tratos que a categoria enfrentava em suas reivindicações. Essa Professora (2) especifica, item por item, os termos que nos remetem a agressões físicas sofridas e, em seguida, sem mencionar outros tipos de agressões conclui “desistimos das nossas lutas e assembleias”, o que mostra que enfrentaram dias intensos de lutas, mas tiveram que desistir. Houve um silenciamento de outros tipos de agressões (agressões psicológicas, corte de ponto facultativo, demissão de quem está em estágio probatório e convocados), esse silenciamento que, talvez, poderia trazer à tona outros tipos de violência mais fortes como o “spray de pimenta”, os “cacetes” e “bombas de gás”, como se ali, não houvesse educadores reivindicando por melhorias educacionais e salariais, mas talvez “arruaceiros” que não têm o que fazer.

Assim os conflitos, a pressão de uma greve, se transforma em luta, uma arena de luta, por isso lutaram 90 dias. Nessa luta, ou guerra armada, tiveram de enfrentar até policiais armados (cacetes, bombas de gás, spray de pimenta). Verificamos que apesar de os professores serem trabalhadores que lutam para a melhoria do ensino, das condições de trabalho e salários justos para a categoria, são recebidos como bandidos, ou até pior, já que sua luta ameaça os poderes constituídos.

No discurso da Professora (2), podemos observar, ainda, fragmentos que ressurgem de seu inconsciente, verdadeiro arquivo de si, da sua revolta, pelas injustiças enfrentadas, pois acontecimentos traumáticos, depositados no pretérito, soltam suas fagulhas, que se cruzam com recalques e traços significantes responsáveis pela constituição da subjetividade e que respondem pela singularidade de cada um. A existência histórica do enunciado no seio das práticas discursivas, atravessadas por gestos de interpretação, marcam a relação do homem com a linguagem (Coracini, 2011). Assim a greve de 1992 demarca o enunciado histórico, a luta de uma categoria que se alavanca mostrando sua força.

Sobre o mesmo questionamento, relacionado aos acontecimentos que marcaram a vida sindical dos sujeitos desta pesquisa, obtivemos a seguinte resposta:

Professora (7), R (2): Sempre participei de todos movimentos do meu sindicato assembleia em SP, passeata na minha cidade, sempre fiz parte do comando de greve,

saímos de ônibus pelas cidadezinhas da nossa região, entrávamos nas escolas cantando batendo palmas e tirando professor da sala de aula, fechávamos a escola. Hoje se tentássemos fazer isso acredito que na primeira cidade estaríamos presos.

Ao utilizar o advérbio de tempo “sempre”, que significa algo que ocorre de forma contínua, constantemente, podemos relacionar que há uma quebra, indicando não só mudança de tempo, mas mudança de paradigma. Ao referir-se ao passado, podemos notar um certo saudosismo no discurso dessa professora, ou seja, tendência em valorizar fatos que já aconteceram. Nesse discurso, temos a visão que a Professora (7) tinha do sindicato de antigamente. Ao utilizar o advérbio de tempo “hoje”, que demarca a ruptura com o sindicato do passado, a enunciativa faz uma quebra no fio intradiscursivo, remetendo ao tempo atual, já que hoje não é mais assim, não se tem mais a mesma força de luta, talvez a mesma união.

Podemos salientar que a Professora (7) luta por melhorias para sua classe trabalhadora, por meio do seu discurso, ela desliza e faz ressoar um discurso que traz para o eixo de circulação das redes de memória e sentidos relacionadas a uma luta fervorosa no ensejo de conseguir seus objetivos.

Notamos, nesse recorte, como eram as greves nos anos 90, com características bem marcantes “entrávamos nas escolas cantando, batendo palmas e tirando professor da sala de aula, fechávamos a escola”. Ao refletir sobre o sindicalismo docente, é fundamental estabelecer a importância da categoria como classe social, e, portanto, a luta de classes, luta de uma categoria, cuja greve não causa prejuízos financeiros para o patrão/governo. Pelo contrário, com o possível corte ao salário dos grevistas, pode gerar saldo positivo para os cofres públicos. Entretanto uma luta dessa não deixa de ter seu peso, já que cada luta tem um peso histórico e político, gerando um certo desgaste ao patrão.

Na argumentação que a Professora (7) usou ao descrever que em dias atuais, se ela fizesse o que ela fazia naquele tempo, ela seria presa, isso nos remete a uma representação específica de enunciação que se constrói, o que representa as relações de forças subjacentes à interação social por meio de processos de controle, de transformações efetuadas na e pela linguagem. Brandão (1998) menciona que as relações de poder nos dias de hoje são mais repressores. Mesmo hoje vivendo numa era dita “democrática”, o poder de ação dos sindicatos parece estar mais limitado, desmobilizado. Há outras forças impedindo as lutas sindicais, há outros meios de controle mais sofisticados. Os meios de controle de massa de hoje têm usado da força de manipulação para coagir as lutas de diversas categorias, sobretudo, a dos professores. Nesse sentido, vale destacar o apregoado por Brandão (1998, p. 98) sobre enunciação e argumentação:

Partindo do duplo pressuposto de que a enunciação está marcada no enunciado e de que a argumentação tem seu fundamento na linguagem, aceitamos também que o sentido de um enunciado é a representação de sua enunciação e que os sentidos das expressões linguísticas não se reduzem, portanto, a valores de verdade. Isto é, não há sentidos cristalizados, independentes, mas sentidos construídos numa situação discursiva.

Dessa maneira, podemos salientar que essa construção não se faz por meio da relação entre sujeito e objeto (ou seja, locutor e referente), mas sim por um jogo de argumentação entre sujeito-e-sujeito (relação de interlocução) sobre o objeto (Brandão, 1998). Portanto, as formas de lutar do docente mudaram? Nos dizeres da professora (7): “sim hoje se tentássemos fazer isso acredito que na primeira cidade estaríamos presos”, devido às formas de coerção que hoje estão muito mascaradas, mas muito presentes, ao invés de se usar o objeto físico (cassetete, spray de pimenta...), hoje tem-se usado o objeto simbólico, como as câmeras (espiãs), a mídia e outras tecnologias.

Ao referir-se ainda, à questão do sindicato como luta, encontramos no discurso da Professora (6) R (3):

Professora (6), R (3): Sempre digo que o sindicato é um mal necessário só ele consegue convencer o professor entrar na luta. O sindicato é o maestro da orquestra.

A Professora (6) compara o sindicato a um maestro, que é considerado o líder de uma orquestra, responsável por controlar o ritmo, a direção e o tom geral do grupo, assim como o sindicato (Diretoria do sindicato) é para seus sindicalistas. Maestro é uma palavra de origem italiana e significa mestre, é um regente, alguém que comanda uma orquestra, assim como o sindicato direciona seus sindicalistas.

Além disso, o maestro é responsável por ensinar e motivar os músicos, ajudando-os a tocar com precisão, equilíbrio, unidade e energia. Na esfera sindical, o sindicato (líderes sindicais eleitos) assume a mesma proporção do maestro, por conseguinte, o poder sindical e da instituição são provenientes do reconhecimento de um saber. Ao relacionar o sindicalismo a uma orquestra, temos que o maestro é responsável por criar a melhor sinergia entre todos os elementos musicais, além de fazer as indicações necessárias para que o resultado de sua orquestra seja o melhor possível.

Assim, metaforicamente a orquestra seria os professores sindicalistas em luta, formado por um grupo de pessoas heterogêneas, com diferentes vozes, mas com os mesmos objetivos, alcançar melhorias trabalhistas e salariais. Dessa forma, podemos salientar que o sindicato

(direção sindical), enquanto “maestro”, é responsável por organizar seus sindicalistas, controlar a direção de seu grupo, além de direcionar e motivar seus associados, ajudando-os a ter equilíbrio, unidade e energia. Também deve ser capaz de administrar a “orquestra” de modo eficiente, criando um ambiente de trabalho harmonioso, apesar da luta e do confronto. Ainda, vale ressaltar que entendemos que o sindicato é formado por todos associados que elegem uma diretoria para nortear as ações deliberadas em Assembleias e não uma mera instituição jurídica.

Portanto, quando em R (3), a Professora (6) afirma que o “sindicato é um mal”, porém, “necessário”, primeiramente, temos que no discurso da Professora (6) ressoa o discurso do poder dominante, em que sindicato é “um mal”, faz mal para o poder dominante. Por isso, apregoa que as crianças não podem ficar sem aulas e o sindicato estimula a organização de greves, a paralisações, veicula “verdades” que desmascaram o poder público, e por essas razões, o sindicato é visto como um mal.

Entretanto, quando a professora diz que é necessário, sabemos que, para a categoria não ser submissa, é preciso subversão da ordem do poder e será por meio de um bom direcionamento sindical que o professor entra na luta. Podemos relacionar o discurso da entrevistada à história do sindicalismo no Brasil, que é determinado pela relação entre trabalho e capital, em que as lutas da classe trabalhadora tiveram retrocessos e avanços. Para o professor, é “um mal”, pois quem gostaria de entrar numa luta? Numa greve? Correr o risco de ter o salário cortado, demissões, reposições. Porém é “necessário”, porque, ainda é a única forma de se atingir, desgastar o patrão, no caso o governo.

De acordo com Ribeiro (2022), as lutas sindicais têm como pressuposto a determinação da lei do valor-trabalho. Mediante as condições de trabalho ao qual são submetidas, seja uma categoria com nenhuma experiência sindical e menor exigência de qualificação, ou até mesmo uma categoria de grande experiência e qualificação específica. Quando alguma transformação em seu processo de trabalho se realiza, ou quando o valor de sua força de trabalho se reduz, a explosão e organização do movimento podem se acelerar.

O discurso sindical se constrói na certeza de que o afirmado pelos membros de reconhecido saber produz efeitos de sentidos, ecoa em outras esferas sociais. Por isso, há a tentativa de se ocultar ao sindicalista a questão da transitoriedade da ciência e de seus pressupostos, uma vez que essa é uma construção social e histórica.

Exemplificamos com o R (4) da Professora (3), quando foi solicitada a falar sobre os aspectos positivos que o sindicato tem influenciado em sua profissão, obtivemos a seguinte

resposta:

Professora (3), R (4): A luta, as informações dos nossos direitos e as reivindicações aos governantes.

Em R (4), observamos o discurso da repetição, o mesmo que vem sendo dito em tantas lutas sindicais. Entretanto, os discursos se repetem “diacronicamente” no fio do tempo, tanto quanto “sincronamente” no fio do seu desenrolar, na superfície linguística, fazendo com que as mesmas formulações, os mesmos temas, as mesmas figuras reapareçam, voltem, porém em uma situação enunciativa diferente. Assim, ao tomarmos uma palavra, não podemos ignorar que pertence ao já-dito. Ao repetirmos discursos, temos que estes por sua vez serão repetidos. (Brandão, 1998), com objetivos diferentes, em uma situação diferente.

Observamos que frequentemente os sujeitos da pesquisa usam a palavra “luta” marcando o discurso dessas professoras, o que atravessa todo seu dizer. É interessante notar que o uso frequente desse substantivo denota o tom de combate, apresentando o que é dito como uma necessidade natural, intrínseca à realidade ou ao processo de luta que a categoria professor sempre teve de enfrentar, devido à desvalorização histórica sempre enfrentada.

Nesse processo de repetição da palavra “luta”, concretizado inúmeras vezes por essas professoras, esses discursos se dispersam em enunciados que, por serem repetições, não constituem reformulações criadas ao acaso, nem em retomadas literais. De acordo com Brandão (1998, p. 129) “um enunciado, ainda que seja retomado em todas as suas letras, nunca poderá ter o mesmo sentido da formulação original uma vez que o contexto histórico que ele passa a fazer parte é outro”. Ou seja, os enunciados são repetidos, mas o processo de enunciação é outro, novos efeitos de sentido são produzidos, pois o momento histórico é outro.

Ainda referindo-nos à memória discursiva, ao questionar sobre alguma conquista que se obteve por algum direito conquistado que considerava importante para a carreira profissional, trazemos a resposta da Professora (1):

Professora (1), R (5): Sim, a primeira foi sobre o gatilho salarial que na época achava que a causa estava perdida.

Em consonância ao que está posto no site da APEOESP¹², a professora (1) está se referindo ao ato público de 1986, com 30 mil professores no Palácio dos Bandeirantes em São Paulo-SP. Foram 3 semanas de greve e outras formas de pressão, que resultou em 25 por

¹² <http://www.apeoesp.org.br/o-sindicato/historia/>

cento de reajuste e a concessão do gatilho salarial¹³ a todo funcionalismo.

Ao relacionar o discurso da professora (1), em R (5), à memória discursiva, buscamos em Coracini, a afirmação:

Memória, que, feita de esquecimento-afinal, lembramos porque esquecemos-, constitui sempre a *posteriori* (movimento para trás), em busca de fragmentos que formam o inconsciente, verdadeiro arquivo de si, onde acontecimentos traumáticos, ou não, depositam suas fagulhas, que se cruzam com recalques e traços, significantes responsáveis pela constituição da subjetividade e que respondem pela singularidade de cada um. A memória se faz de história e de ficção ao fazer história e ficção: cada vez que relembremos o passado, ou acreditamos fazê-lo, nós os transformamos, nós os inventamos ou a ele acrescentamos novos traços, novos fios que, acreditamos, estavam esquecidos, apagados (Coracini, 2011, p. 39).

Por meio da relação polêmica que se instaura entre os protagonistas do discurso (opinião pública e a voz institucional), o objeto é moldado. Mesmo tendo passado mais de 30 anos, as grandes conquistas não se esquecem, pois as grandes lutas passam a fazer parte dos grandes arquivos, dos movimentos da história. “Achavam que a causa estava perdida”, mas a força do enfrentamento foi maior, pois é a partir dessa disputa que se constrói uma luta, uma disputa e, hoje, tem-se a imagem dessa disputa. Um imaginário de uma luta que apesar dos grandes desafios, por meio do enfrentamento daquela época, conquistaram aquele gatilho salarial que faz parte da história da categoria dos docentes do Estado de São Paulo, um momento de avanço no movimento da história.

3.2 Professor sindicalista: um ser corajoso que se preocupa com uma sociedade melhor

No continuum do movimento na história, verificamos a mudança de posicionamento da Professora (2), quando questionada sobre qual a visão que ela tinha de sindicato antes de ser sindicalista. Temos um antes e um depois:

Professora (2), R (6): Achava que era cabide de empregos para pessoas desocupadas.

Por meio do discurso da Professora (2), podemos salientar a configuração da palavra “cabide” que se aproxima da ideia de algo usado para pendurar objetos, e, rapidamente, a associação imagética se revela via expressões metafóricas no uso da língua. O termo geralmente é utilizado para determinar aqueles que empregam familiares (nepotismo), por indicações políticas, ou seja, para ocupar cargos por “apadrinhados” em alguns setores públicos ou até mesmo em empresas.

¹³ O gatilho salarial é o mecanismo pelo qual há reajuste automático dos salários cada vez que a inflação atinge certo patamar. Em março de 86, na gestão de Dilson Funaro no Ministério da Fazenda, o governo estabeleceu o reajuste automático sempre que a inflação chegasse a 20% ao ano. Folha de São Paulo, 1996.

Podemos verificar a imagem que a Professora (2) tinha do sindicato antes de ser sindicalizada, “achava que era cabide de emprego”. Pela materialidade do discurso, salientamos as posições ideológicas do sujeito, pois, o discurso será sempre produzido em um dado lugar histórico-social sob uma ideologia e a isso denominamos condições de produção do discurso. De acordo com Fernandes (2008), condições de produção são os aspectos históricos, sociais e ideológicos que envolvem o discurso, ou que possibilitam a sua produção. Desse modo, as condições de produção de qualquer discurso estão relacionadas ao contexto sócio-histórico e ideológico em que este sujeito estava inserido no momento em que o discurso é produzido de modo direto com o sujeito do discurso.

As condições de produção se misturam com o lugar social que o sujeito está inserido, isto é, as formações imaginárias, a respeito de sua própria imagem e da posição do outro que os sujeitos A e B podem atribuir a si mesmos, conforme esboçado por Pêcheux (2014, p. 83):

[...] de A para A “Quem sou eu para lhe falar assim?”; de B para A “Quem é ele para que eu lhe fale assim?”; de B para B “Quem sou eu para que ele me fale assim?”; de A para B “Quem é ele para que me fale assim”, (PÊCHEUX, 2014, p. 82), e agora acrescentando um referente temos: de A sobre R “De que lhe falo assim?” e de B sobre R “De que ele me fala assim?”

De acordo com o pensamento de Pêcheux (2014), podemos salientar que o sentido não é algo que existe previamente à enunciação ao que é comunicado, mas sim o sentido que resulta do processo discursivo que se dá entre A (professor sindicalista) e B (professor não sindicalizado). Desse modo, a partir de uma determinada situação formada por uma série de relações, configura-se para uma certa formação discursiva: “o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (Pêcheux, 2014, p. 82).

Podemos destacar que em R (6), há uma formação discursiva em que o sujeito enunciador se identificava, no momento da enunciação. O sujeito falante se torna sujeito de seu discurso no processo de interpelação/assujeitamento. A Professora (2) fala de um lugar que ela ocupava na época em que não ocupava um lugar na categoria sindical, portanto tinha uma imagem de que quem fazia parte da vida sindical era desocupado, não tinha o que fazer, por isso perdia tempo em Assembleias e greves.

A imagem que a professora sindicalista fez de sindicato, naquela situação de enunciação de R (6), está ancorada em um já-dito, cristalizado na memória discursiva, sem se questionar como e nem porque, é um pré-construído, podendo ser entendido como o “sempre

já-lá” que interpela o sujeito, impondo uma realidade sob a forma de universalidade (Pêcheux, 2014).

Na tentativa de compreender a imagem que a professora sindicalista tinha do sindicato antes de ser sindicalizada, temos no discurso da Professora (7).

Professora (7), (R (7) Que só servia para ir contra o governo e não para defender os nossos direitos.

Em R (7), a Professora (7) ressalta que o sindicato só servia para ir contra o governo, não para defender os direitos do trabalhador. Salientamos que esse discurso está carregado de senso comum. Vale ressaltar que na história do sindicato brasileiro, por meio de muitas reivindicações e lutas, os trabalhadores buscavam por melhores condições de trabalho. Isso nos remete ao dito por Vaz (2020, p. 84):

No período do Estado Novo (1937-1945), o sindicalismo brasileiro passa por um momento de resistência frente ao controle estatal, pois esse foi caracterizado pelo autoritarismo e pela política de estado interventor da economia brasileira, pró-industrialização. No plano político e ideológico, Getúlio Vargas cumpriu bem a missão de controlar as massas por meio da estatização dos sindicatos.

O movimento de unificação dos trabalhadores encerra o período da Era Vargas, de democratização sindical e sindicalização rural, da defesa da liberdade em 1945, bem como a constituinte, a anistia, o retorno da organização sindical e a legalização de partidos. No governo posterior ao de Getúlio Vargas, adota-se novamente uma política de conciliação de classes. No entanto, o movimento sindicalista reage com o fortalecimento de suas organizações, com a realização de várias greves (Vaz, 2020).

Essas informações são importantes porque o efeito de sentido, inserido em R (7), está intrinsecamente ligado à formação discursiva da qual participa, produzido no processo de interlocução e atravessado pelas condições de produção (contexto sócio-histórico-ideológico) do discurso.

Podemos relacionar R (7) à memória social, formulada por Pêcheux (1999), ao salientar a necessidade que o acontecimento lembrado reencontre sua vivacidade; e, sobretudo, é preciso que ele seja reconstruído a partir de dados e de noções comuns aos diferentes membros da comunidade social, “assim a imagem, por poder operar o acordo dos olhares, apresentaria a capacidade ao quadro da história a força da lembrança. Ela seria nesse momento o registro da relação intersubjetiva e social” (Pêcheux, 1999, p. 31).

Nesse sentido, o dizer da Professora (7) não é jamais visível em desvio, mas sempre tomado em redes de memória, dando lugar a filiações identificadoras. Essas identificações

nesses espaços transferenciais constituem uma pluralidade de filiações históricas, de imagens, palavras, discursos, ou narrativas da época. Essas identificações faziam parte da Professora (7) na época em que ela sequer pertencia ao movimento sindical.

Ao questionar como os professores sindicalistas são vistos pelos professores não sindicalizados, a Professora (3), no R (8) destacou:

Professora (3), R (8): É visto como “baderneiros” grevistas.

O adjetivo “baderneiros”, com o uso do sufixo - eiro implica um sentido marcadamente depreciativo ou pejorativo, remetendo à categoria de menor prestígio social. Esse adjetivo relaciona-se àquele que gosta de fazer baderna, causar desordens, criar confusões. O adjetivo “grevistas”, que também é associado ao professor sindicalista, tem como pessoa que promove uma greve ou associa-se a ela. Atendo-nos ao sufixo “ista”, segundo o dicionário Oxford Languages, temos que é utilizado para “designar o praticante de uma atividade ou adepto de um movimento ideológico”. Portanto, ideologicamente, em R(8), o grevista é visto de forma pejorativa, não é só aquele que faz ou promove uma greve, mas aquele que vive de fazer “greve”, desocupado, aquele que sempre protesta.

O discurso da Professora (3) alinha-se às reflexões sobre a imagem que o professor não sindicalizado faz do professor sindicalista. A visão dessa professora é refletida na história do sindicalismo brasileiro como vozes sociais e a imagem produzida no enunciado destacado por R (8), caracterizam o professor sindicalista como “baderneiros e grevistas”, está relacionada a uma memória social inscrita nas práticas da sociedade. Exemplificaremos com um trecho de uma reportagem, retirada do jornal do site da APEOESP, com o título de: “Todo apoio à greve dos professores da rede pública do Estado de São Paulo”, publicada no dia 04 de maio de 2015¹⁴.

Ora, muito rapidamente os professores, de colaboradores e profissionais nobres, passaram a ser tratados não apenas como trabalhadores, que de fato são, mas como um bando de aproveitadores, de baderneiros, de seres irracionais que querem extorquir o governo e até como pessoas que se permitem ser utilizadas como “massa de manobra” para desestabilizar o governo em prol de um possível favorecimento ao partido político do governo federal.

Podemos destacar que a imagem do professor sindicalista, a que se refere às características de ser “grevista”, “baderneiro”, são provenientes de discursos que circulam na sociedade, que se cristalizaram no inconsciente das pessoas, e agora são reproduzidas por

¹⁴ <http://www.apoesp.org.br/noticias/noticias/todo-apoio-a-greve-dos-professores-da-rede-publica-do-estado-de-sao-paulo/>

muitos, sem saber se tal discurso é fato ou não.

Nesse sentido, destacamos o dizer de Coracini (2011, p. 33) sobre a relação de enunciado e memória discursiva:

Abarcando outros dizeres historicamente construídos, que o sujeito reatualiza em seu discurso e recebida por herança ou por experiências vivenciadas, a memória discursiva diz respeito à existência histórica do enunciado no seio de práticas discursivas, já que o sentido é sempre construído na historicidade, que marca a relação do homem com a linguagem.

Consideramos que as relações que se estabelecem discursivamente entre as ações de sindicalistas e identificação do professor sindicalista com o seu papel na sociedade, sustentam “um pacto de remomaração, memoração e comemoração, que é enunciado por práticas verbais e imagéticas e determinam a tentativa de fechamento identitário de uma comunidade” (Sargentini, 2011, p. 90).

Sob outra perspectiva, a professora (4), no recorte (9), relata sobre como o professor sindicalista é visto pelos alunos e sociedade.

Professora (4), R (9): Como um ser corajoso que se preocupa com uma sociedade melhor.

Uma imagem idealizada do fazer docente é destacado por R (9), com a viabilidade de apresentar soluções para diferentes problemas sociais, uma vez que, historicamente, estipula-se para a educação a função de “salvador da pátria”. Sob essa perspectiva, a docência representa um lugar de prestígio social, e, portanto, um lugar de poder.

Podemos observar que a Professora (4) coloca o sujeito professor no centro de seu discurso. No dizer dessa professora, nota-se uma preocupação em destacar a construção da identidade desse docente, dessa ilusão de inteireza que constitui cada um de nós, e isso é colocado em pauta todas as vezes que questionamos quem somos nós. Uma vez que:

Somos o que nosso imaginário nos permite ser, ou melhor, vemo-nos a nós e aos outros, a partir de imagens e representações que fomos construindo a partir do olhar do outro, que, pouco a pouco, constroi nosso eu - quem e como somos -, traços que, seletivamente, vão constituindo nossa memória subjetiva, inconsciente, tornando-nos reféns da linguagem, sujeitos da linguagem que somos (Coracini, 2011, p. 13).

Dessa forma, o efeito de memória deve, então, ser compreendido no interior de uma concepção na qual a toda formação corresponde a um domínio de memória, de onde se pode extrair outras formulações com as quais uma dada formulação virá a formar uma série. “ser corajoso que se preocupa com uma sociedade melhor”, tem uma existência histórica no

interior de práticas discursivas e, apesar de já-dito, pode ainda vir a ser dito e nessa formulação atualizar sentidos (Sargentini, 2011).

3.3 Efeitos de sentido e relações de poder no discurso sindical

Neste subitem, refletimos sobre os efeitos de sentido a que se refere às relações de poder no discurso sindical, na medida em que o discurso é efeito de sentido entre sujeitos em interlocução.

Por meio do questionamento do que é ser professor, analisamos o R (10), da Professora (6):

Professora (6), R (10): Mesmo com muitas decepções ser professor é um dom que só quem Deus escolhe consegue terminar sua jornada. Ser professor é também ser pai, mãe psicóloga, amigo, companheiro.

Ao analisar o R (10), verificamos que na concepção da Professora 6, essa profissão exige muito mais que estudo e dedicação, é “um dom”, ou seja, uma qualidade inata, natural, aptidão, talento. Nesta concepção idealizada de professor-herói, prevalece a concepção tradicional, e ao mesmo tempo, sedutora de professor como ser vocacionado, espécie de missionário, chamado a educar à maneira de sacerdócio, remetendo ao tempo que ensinar não era profissão, mas missão. No Brasil, desde os primórdios, a educação esteve nas mãos de religiosos (sobretudo jesuítas), o que empresta ainda maior visibilidade à imagem do professor como missionário.

O sujeito da pesquisa ressalta que: “só quem Deus escolhe consegue terminar sua jornada”. Coracini (2003, p. 246) destaca que “é a figura do missionário que, apesar de herói, é humano... Como o Cristo subiu o monte das Oliveiras, o professor sobe a ladeira da escola, ladeira do sofrimento e da redenção dos homens pela educação.”

Não sabemos as dificuldades pelas quais essa professora passou, porém, por meio do seu discurso, podemos salientar que é uma profissão muito desgastante, dos quais poucos conseguem seguir a carreira e terminar. O fato de começar seu discurso com a expressão “mesmo com muitas decepções”, já denota que no ponto de vista dessa professora, no decorrer de sua carreira, ela passou por muitas decepções e desafios, assim como a maioria dos profissionais da educação.

Coracini (2003, p. 254) corrobora que: “como não é possível uma realização profissional digna, proveniente de um reconhecimento real de sua importância e de seu saber, o professor refugia-se ou busca compensações na visão idílica daquele que, apesar de tudo,

continua sua missão...”. Além disso, por não ser valorizado, o professor precisa assumir muito mais que oito horas de trabalho, se escraviza para sobreviver e, com isso, o desgaste torna-se maior, isso quando não precisa “fazer bico” para sobreviver.

Bakhtin, em *Marxismo e filosofia da linguagem*, destaca que o problema da significação, está na compreensão em que os interlocutores determinam algo, pois “a significação não está na palavra, nem na alma do falante, assim como não está na alma do interlocutor” (Bakhtin, 2006, p. 132), mas sim na materialidade da enunciação, no caso, está na luta dessas professoras, na forma que encaram e encarna na profissão docente.

Dessa maneira, podemos afirmar que o discurso dessa professora está associado a uma carreira profissional frustrante e árdua, mostra um certo descontentamento, enfatizado pelo dizer “só quem Deus escolhe consegue terminar sua jornada”. Bakhtin (2006, p. 93) afirma que “o essencial na tarefa de decodificação não consiste em reconhecer a forma utilizada, mas compreendê-la num contexto preciso, compreender sua significação numa enunciação particular”. Desse modo, as palavras em si não são neutras, elas significam na história e na língua, no caso, na história de cada uma dessas professoras.

Desse modo, para que o dizer tenha sentido, é preciso que este esteja sustentado por um saber discursivo, ou seja, por um já-dito, que de acordo com Orlandi (2005), é o que é falado antes, em outro lugar independente, isto é, a memória discursiva, o interdiscurso. Ao analisar R(10), temos fagulhas do que é ser professor, exemplificado como alguém que tem um “dom que só quem Deus escolhe consegue terminar sua jornada”. Ser professor é também ser pai, mãe, psicóloga, amigo, companheiro. Podemos salientar que esses significados atribuídos ao sujeito professor, esses dizeres não são propriedades particulares, ou seja, as palavras não são de alguém “elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa em nossas palavras” (Orlandi, 2020, p. 32). Essa relação do dizer que o sujeito professor faz com o já-dito é o que facilita a compreensão do funcionamento discursivo, estabelecendo a relação com os sujeitos e com a ideologia. É essa ideologia de professor missionário que se tenta inculcar na consciência do professor (e da sociedade), visando a justificar os baixos salários, já que um missionário não recebe por seus afazeres.

Ainda sobre “ser professor”, pelo discurso da Professora (2), destaca-se:

Professora (2), R(11): Ser professor é alguém que transmite e compartilha conhecimentos, e conseguir ser reconhecido por marcar a vida e o futuro das novas gerações.

O imaginário da Professora (2) é constituído por representações que apontam para o professor valorizado, enquanto fonte do saber e transformador da sociedade, com a função de

modificador de destinos, uma responsabilidade divina.

Verificamos, neste discurso, que o professor é visto como alguém que transmite e compartilha conhecimentos, é caracterizado por marcar a vida e o futuro das novas gerações. Podemos assim afirmar que a imagem do professor é investida de poder, fazendo crer, que há verdade em sua fala e trajetória, não deixando espaço para a contradição, para a falta que o habita e o constitui em toda a subjetividade. Apesar da concepção mais otimista da função do professor, continua-se atribuindo-lhe a função de “salvador”, “o transformador”, como se o professor sozinho fosse o responsável por essa transformação.

Ao analisar os discursos R (10) e R (11), podemos salientar que essas imagens positivas, tradicionais, em que o professor tem um “dom” de ensinar ou de transformar, encontram sua explicação na autoridade divina, que tem a missão de salvar a juventude, permanecem como desejos ou como ideais inatingíveis, atravessados pela imagem do professor vítima de uma sociedade injusta e ingrata.

Ao questionar sobre a importância do sindicato (APEOESP) para os professores, destacamos nos dizeres da Professora (1), a seguinte resposta:

Professora (1), R (12) : É uma necessidade pelas injustiças da profissão (grifos nossos).

Ao analisar o discurso dessa professora, nota-se que ressoa o efeito de sentido acerca da profissão docente, segundo a visão da entrevistada, ressaltando ser uma profissão que sofre injustiças. Nessa perspectiva, filiar-se ao sindicato é uma necessidade, haja vista, que o sindicato seria proteção, amparo, uma defesa aos professores. Com relação a isso, Possenti (1997, p. 04) destaca que:

Pêcheux não exclui que o efeito de sentido entre os pontos A e B possa eventualmente ser uma informação. É o que se depreende de sua afirmação segundo a qual não se trata necessariamente disso. O que deve significar que ele propõe apenas – embora para o momento isso não fosse pouco – que não se trata sempre e unicamente de transmissão de informação.

Ao descrever o sentido, seja como informação ou qualquer outra coisa, trata-se sempre de um efeito e, podendo ser, tanto um sentido na forma de efeito, tanto um efeito na forma de sentido. Apesar do termo usado “injustiças da profissão”, torna-se importante ressaltar que o efeito dessa enunciação ressoa que a profissão docente é injustiçada, marcada pela violação de direitos e pela impunidade.

A diferença de efeitos de sentido se faz mediante o caráter da enunciação; é no dizer que se processam os efeitos, os sentidos não estão como contrapartida do significante, desse

modo, os efeitos de sentido dessa enunciação estão atrelados aos demais significantes de uma cadeia discursiva.

Ao analisar as relações de poder, destacamos a noção foucaultiana de poder encontrada nas relações sociais, pressupondo a formação de resistência a todo exercício de poder sob a forma de relações de força. Poder entendido como um caráter relacional, no sentido exercido ou praticado em vez de possuído e, assim, circula por meio de forças a ele relacionadas (Eckert-Hoff, 2003).

De acordo com Foucault (1998, p. 142), “o exercício do poder cria perpetuamente o saber e, inversamente, o saber acarreta efeitos de poder. Não é possível que o poder se exerça sem saber, não é possível que o saber não engendre poder”. Saber e poder mutuamente se implicam: não há saber sem poder, nem poder sem saber. Desse modo, não há poder sem resistência; um produz o outro.

Nesta perspectiva teórica, ao questionar se entre os membros sindicalistas, houve alguém que pela sua postura e discurso se destacou na carreira sindical, a Professora (5) em R (13) relatou:

Professora (5), R (13): Nossa deputada e segunda presidenta da APEOESP Maria Isabel Noronha tem se destacado dentro do Sindicato pelo seu conhecimento e coragem para enfrentar o governo paulista.

É importante ressaltar que por meio dessa narrativa da Professora (5), podemos destacar as relações de poder, tendo em vista, que Maria Isabel de Noronha é a presidenta da APEOESP em quatro mandatos consecutivos e se destaca em manifestações por reunir a categoria com o objetivo de lutar por direitos trabalhistas. Assim, ela conquistou seu espaço no mundo sindical, e, conseqüentemente, tornou-se autoridade, alcançando mais e mais poder em seu espaço.

Entendemos que as relações de poder é o poder manifestado sobre o modo de agir dos sujeitos agentes, que praticam ações e também são capazes de resistir. Nesse sentido, “sabe-se que o poder opera através de práticas de saber que são, na verdade, práticas de disciplina, pelas quais o sujeito é assujeitado, ordenado, categorizado, normalizado e regulado”. (Coracini, 2001, p. 183). A autora corrobora que o poder surge de um saber reconhecido e que o poder está presente em qualquer relação humana, porque é objeto de desejo. Portanto, não há poder sem saber, conseguinte, o saber/conhecimento investigaria a verdade neutra e sem interesse, à medida que o poder desvia, distorce e corrompe.

Podemos salientar que o sujeito da pesquisa, quando enfatiza Maria Isabel Noronha como uma pessoa que “tem se destacado dentro do Sindicato pelo seu conhecimento e

coragem para enfrentar o governo paulista”, ela não escapa a sujeição pela ordem do simbólico nem pela interpelação ideológica, nem mesmo à sujeição do poder, pois, de acordo com Eckert-Hoff, (2003, p. 273), “o sujeito não é totalmente livre e controlador de seus discursos e sentidos, nem totalmente assujeitado e determinado, mas se movendo entre a incompletude e o desejo de ser completo, marcado pela ilusão de ser a fonte entre si mesmo e o outro que o constitui.”

Para compreender melhor as relações de poder, lançamos nosso olhar para o R (14) da Professora (5).

Professora (5), R (14): Ele dá suporte pra gente enfrentar situações que interferem na nossa carreira profissional!

Em R (14), ao dizer “ele”, a professora refere-se ao sindicato. Desse modo, podemos salientar que existe poder no sindicato, e este poder existe, devido à ação que ele exerce sobre os associados, proporcionando-lhes empoderamento, pois o poder é uma relação social, ele está presente em uma relação de força contra força, o poder é resultante dessa relação. Entendemos, assim, o poder como uma grande rede de relações, onde as relações de força estão em cada posição oposta (Foucault, 1998).

Assim, ressaltamos a argumentação de Foucault (1998, p. 08), “o que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso”. Diante do exposto, é plausível afirmarmos que o Sindicato (APEOESP) é o espaço onde se condensa a correlação de forças, que se expressa em leis e em políticas públicas, adotadas a favor ou contra os interesses dos associados (em especial ao magistério). É para o sindicato que se voltam parte significativa das expectativas dos professores.

Por isso, podemos afirmar com Foucault (1998) que não existe uma teoria geral sobre o poder, uma vez que poder é a própria prática social constituída historicamente e não um objeto natural. O poder é praticado e exercido cotidianamente, pois ele é gerado e materializado por meio das relações sociais, acreditando que os acontecimentos devem ser considerados em seu tempo, na sua história e no seu espaço.

Contudo, esse estudioso defende que o poder centralizado vai possibilitar novas formas de controle social, permitindo que outras instituições comecem a disciplinar as pessoas, os corpos, usando o poder que está capilarizado na sociedade, para que se tornem dóceis e obedeçam aos comandos. Até mesmo as próprias pessoas passam a exercer o seu poder a partir de mecanismos de observação contínua. Estamos sendo sempre observados e, automaticamente, somos levados a nos comportar. À medida que o tempo passa, vamos

internalizando essas ideias e tudo parece natural, o poder de ação dessa internalização vai se naturalizando.

3.4 Identidade da professora sindicalista

Nesse subitem discutimos as identificações dos sujeitos desta pesquisa, destacando pontos nos discursos desses sujeitos que remetem a identificações inconscientes, introjetadas sempre a partir do outro, mas que, por estarem já lá, provocam reações, atitudes de recusa ou de aproximação. Uma vez que ao falar de identidades, é necessário compreendê-las em constante mutação, em movimento. (Coracini, 2003).

Dessa maneira, no discurso da Professora (1), ressaltamos:

Professora (1), R (15): Não era muito participativa devido a minha carga horária de trabalho, depois que me aposentei pude participar mais dos movimentos sindicalistas.

Podemos salientar que, nesse recorte, segundo a Professora (1), ela tornou-se mais participativa dos movimentos sindicalistas, após a sua aposentadoria, o que nos faz refletir sobre o seu dizer, pois, a maioria das pessoas quando se aposentam, desejam descansar, viajar, fazer algo diferente da sua profissão, isso nos faz lembrar o que Souza (1994, p. 17) afirma, ao remeter imediatamente à questão da diferença, já que “a identidade é o que, em princípio, nos diferencia dos outros”. No caso da Professora (1), notamos uma mudança em suas identificações após a aposentadoria, ela se transforma, por ter conseguido mais tempo para participar dos movimentos. Há fatores relevantes que podemos considerar que faziam com que essa professora não fosse participativa, como: acúmulo de trabalho, ou até mesmo o problema de consciência de classe? Que imagens/representações de movimento sindical essa professora tem agora de movimento sindical? Seria mudança de consciência de classe ou o sentimento de falta em busca de completude? Ela não participava antes devido à falta de tempo ou de consciência de classe?

Podemos relacionar os sujeitos dessa pesquisa, ao ciclo da vida profissional dos professores, assim como classificado por Huberman (2000), uma vez que compreendemos que os professores são classificados em diferentes momentos de sua carreira, cujo desenvolvimento da carreira é considerado um processo e não uma série de acontecimentos.

De acordo com Huberman (2000), o professor em fim de carreira se encontra na fase do desinvestimento, pois se trata do desenvolvimento de tendências já manifestadas. O autor pontua que a postura em geral do professor nessa fase de desinvestimento é libertar-se progressivamente, sem o lamentar do investimento no trabalho, para dedicar-se mais tempo a

si próprio, a assuntos diferentes ao escolar. Esse período dito de “serenidade” enceta um processo de desinvestimento nos planos institucionais, um recuo face às ambições e aos ideais presente à partida, ou seja, à aposentadoria.

No dizer da Professora (1), “depois que me aposentei pude participar mais dos movimentos sindicalistas”, há um contraponto ao que Huberman (2000) afirma sobre o comportamento da maioria dos professores que se encontra em fim de carreira; já que para a Professora (1) estar aposentada é uma oportunidade para participar dos movimentos sindicais, de avançar na luta, não de recuo, de lutar por interesses próprios. Isso significa que as identificações do sujeito se dão de forma diferenciada de um sujeito para outro.

De acordo com Grigoletto (2003), é preciso esclarecer, que, na teoria psicanalítica, as representações são do domínio da identificação imaginária, pois, “nessa categoria de identificação, o eu constitui-se como instância psíquica ao se identificar com determinadas imagens do mundo. Mas o eu só se reconhece em algumas imagens, que ele seleciona” (Grigoletto, 2003, p. 225), no caso a Professora (1) seleciona suas identificações sindicais, após sua aposentadoria.

Dessa maneira, e no enfoque específico desta pesquisa acerca da relação entre as representações sobre as professoras sindicalistas e questões de identidade, as representações podem ser estudadas como porta de entrada para a percepção das identificações de professoras-sindicalistas no contato com o sindicato (APEOESP).

É importante salientar que o sujeito busca caracterizar a sua participação como sindicalista. No discurso da Professora (6), R (16) podemos verificar a presença de outras vozes que o constituem:

Professora (6), R (16): O sindicato me ensinou a não aceitar tudo que vem pronto, saber dialogar, brigar pelos meus direitos.

É importante ressaltar na afirmação “o sindicato me ensinou”, não se trata de uma instituição pública (com CNPJ) que ensina, mas sim, a professora (6) está se referindo ao sindicato onde as pessoas fazem parte de uma Associação de membros sindicalistas que lutam por seus direitos, ou seja, a sua participação nos movimentos ensinou-lhe tudo isso.

A partir da marca linguístico-discursiva da denegação surgem pontos emergentes da identificação no discurso da história de vida do sujeito-professor sindicalista. O sujeito, instado a relatar acontecimentos que marcaram a posição que assume, hoje, no sindicato, enquanto professora sindicalista evidencia o seu fazer marcado, intradiscursivamente, pela denegação.

O enunciado “a não aceitar tudo que vem pronto” nos leva a entender que há sempre questionamentos, diante dos direitos trabalhistas que lhes são apresentados. Ao enunciar pela negativa, “não aceitar”, o sujeito-professora sindicalista está afirmando um aceitar que ecoa pela voz do outro. É a voz do outro, possivelmente do presidente (a) sindical, que em seu enunciado afirma que o professor não deve aceitar tudo o que o governo lhes impõe, deve sempre lutar pelos seus direitos, dessa maneira, esses dizeres está atravessado em seu discurso.

Desse modo, entendemos que a denegação, no recorte discursivo em questão marca as práticas e os discursos que tentam nos interpelar, nos convocar, nos falar, para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares, de outra forma, os processos que nos constroem como sujeitos, que produzem subjetividades (Eckert-Hoff, 2003).

Por ser afetado pelo viés da memória discursiva (interdiscurso), o enunciador aponta pela denegação, ou seja, para uma posição de resistência destacado em R (16) “saber dialogar, brigar pelos meus direitos”. São discursos instituídos, na sua trajetória como sindicalista, apontando os processos ideológicos que constituem sua identificação. É possível afirmar que o sujeito (professor sindicalista) se vê afetado por outros discursos que circulam no meio sindical e produzem “verdades” sobre o fazer sindicalista, esses professores acreditam que por meio da “briga por direitos” serão capazes de trazer melhorias para a categoria docente.

A contradição, no tecido do dizer, pode ser atestada pelo viés da memória discursiva em que coloca em contraponto a entidade “sindicato” e as pessoas (associados) que fazem parte do sindicato, considerando que a formação discursiva da qual a professora sindicalista enuncia é fundamentalmente móvel e instável, evidenciando a historicidade do sujeito, o movimento histórico.

Desse modo, o tecido do dizer do sujeito da pesquisa é feito não apenas por meio de reivindicações da categoria, mas por uma imbricação de vozes provenientes do exterior, o que podemos verificar, também no seguinte recorte discursivo, da Professora (6), R (17):

Professora (6), R (17): Alunos acredito que nem sabem o que o sindicato faz. Nossa subsede já foi muito mal vista pela sociedade devido a atitudes de sindicalista que aqui coordenava. Hoje somos bastante reconhecidos, somos chamados para representar todos os acontecimentos na cidade ex domingo fomos convidados para participar da missa em homenagem ao dia do professor e outros como COVID. conselho da mulher, manifestação política etc.

O sujeito da pesquisa, ao enunciar o seu papel no sindicato, traz um dizer que se contrapõe. Observemos que o enunciador constrói uma posição de identificação de que a

subsede de Jales já foi “muito mal vista pela sociedade”, porém, de imediato marca uma ruptura no fio discursivo “hoje somos bastante reconhecidos”.

Essa ruptura indica um movimento contraditório, o que aponta para divergência de pontos de identificação desse sujeito, ora a posição de sindicalista em que tem o sindicato como entidade mal vista pela sociedade, ora a posição de sindicalista em ter o sindicato como referência. Quando se refere ao negativo, distancia-se do discurso “nossa subsede já foi mal vista”, a professora aqui parece não fazer parte. Já quando enuncia o positivo, a professora se inclui no discurso “hoje somos bastante reconhecidos”. São diferentes vozes que apontam para o conflito e a contradição, inerentes à constituição do discurso e do sujeito.

O dizer do sujeito da pesquisa não é perpassado apenas por meio do discurso sindical, mas por uma imbricação de vozes provenientes do exterior, o que podemos verificar, também, no seguinte recorte discursivo:

Professora (1), R (18): Sim, sempre que possível participo para apoiar as reivindicações, mesmo não sendo interessante para a minha carreira, mas de suma importância para todos os professores.

Observemos que a Professora (1) relata que sempre que possível participou de reivindicações, “mesmo não sendo interessante”, o que evidencia uma ruptura no fio discursivo. Dessa maneira, podemos salientar que ocorre um movimento contraditório no tecido do dizer. A denegação marca a contradição.

Esse movimento contraditório no fio intradiscursivo corresponde a vozes distintas para a negação do interdiscurso: primeiramente, a afirmação de “sempre participar das reivindicações”, em seguida, a denegação “mesmo não sendo interessante para sua carreira”. São diferentes vozes que ecoam no interdiscurso e, possivelmente, circularam em diferentes períodos de sindicalização: ora que participa das reivindicações, ora que não é interessante para sua carreira. Desse modo, a denegação funciona como dissimulação do discurso outro e faz emergir contradições e diferenças no interior de uma mesma formação discursiva (Eckert-Hoff, 2003).

Ao salientar aspectos que refletem sentidos ligados à questão da identidade, temos:

Professora (6), R (19): Sim, participei de muitas, mas no começo tinha medo da polícia e dos cavalos. Depois de aposentada parece que o medo acabou, na Reforma Trabalhista inalei muito gás lacrimogêneo, caí, ralei o joelho, mas narrando tudo para informar os colegas que estavam em sala de aula.

No trecho em questão, a autora refere-se à participação das reivindicações. Observe-se que no começo da carreira como sindicalista “tinha medo da polícia e dos cavalos”. Vale

destacar que esse medo remete a truculência, violência para com os grevistas, sindicalistas, que ocorreu durante muitas manifestações. Contudo depois que se aposentou “o medo acabou”. É interessante notar que esse é um conceito muito disseminado, sobretudo quando o sindicalismo está em jogo. Perde-se de vista, nessa concepção que, quando se aposenta, já não existe mais medo de ir a manifestações. No entanto, a ideia de objetividade e conquista garantidos por meio de reivindicações, além de ser muito difundidos, é assumida como verdade inquestionável. Mais uma vez, depois de aposentada, o discurso da professora muda, mudança de identidade, identidade em movimento, ou o fato de não correr mais riscos de não ficar com falta ou ter o ponto cortado, não ter como receber represálias, ou então, ser exemplo de luta.

Na argumentação da Professora (6), vemos que, por meio de sua linguagem as relações de poder presentes em “tudo para informar os colegas que estavam em sala de aula”, procede, porque fala de um lugar institucional proveniente do sindicato, devido ao sofrimento e as lutas, os desafios enfrentados, o que é uma estratégia utilizada por essa professora, para sensibilizar aqueles que não querem ou não quiseram aderir à causa.

Ao analisar o discurso da Professora (4), quando questionada a respeito dos motivos os quais fizeram permanecer por tanto tempo sindicalista, obtivemos a seguinte resposta:

Professora (4), R (20): A busca de direitos trabalhistas e melhorias salariais.

O enunciado em questão remete-nos a um saber discursivo já veiculado no mundo sindical. No dia 09 de dezembro de 2016, a APEOESP, em seu site oficial, publicou uma matéria intitulada como “Lutar para derrotar os ataques aos nossos direitos!” Ao remeter aos ataques de direitos, está se referindo à reforma de 2016, que não se tratava de uma simples reforma, mas um desmonte de direitos. Nessa matéria, a Diretoria Executiva da APEOESP reuniu-se com os sindicalistas para debater sobre a atual conjuntura, face ao envio da PEC 287/2016 (Reforma da Previdência). Desse modo, podemos entender que as formulações expressas pelas professoras, sujeitos desta pesquisa, mostram a influência dos discursos da APEOESP em suas identificações.

Uma das consequências da identificação dos docentes sindicalistas com esse saber discursivo é também uma das formas pelas quais a identificação se revela, podendo ser detectada pela expressão “busca de direitos”. Nesse sentido, o substantivo “busca” pode ser utilizado no sentido de esforçar-se por achar ou descobrir, e o substantivo “direitos” é associado ao conjunto de leis e regras que organizam e regulam a vida em sociedade, dessa

maneira, por se tratar de direitos constitucionais, não é uma tarefa simples de entender. Já que os direitos e as garantias individuais, os direitos sociais, os direitos fundamentais, (artigos 5º a 7º da Constituição) são pouco explicados, e às vezes, nem são aplicados. Conseqüentemente, a “busca por direitos”, é a grande marca linguística que caracteriza o discurso dessas professoras sindicalizadas.

De acordo com Grigoletto (2003), quando essa repetição é histórica, produz sentidos, por inserir o sujeito na circulação dos sentidos e na história, ao invés de uma repetição empírica, que por ser mecânica não se historiciza. Nesse viés, temos no relato da Professora (4) um anseio por mais valorização profissional, reverberando a influência do discurso sindical na identificação dos sujeitos desta pesquisa.

Desse modo, podemos destacar que o processo de identificação é realmente um movimento, é algo que pode mudar no decorrer do tempo, pois sempre há uma falta, sempre há o que conquistar, e isso acontece mediante a processos inconscientes, enfatizando que não é algo inato, existente na consciência no momento do nascimento, “apesar da ilusão que se instaura no sujeito, a identidade permanece sempre incompleta, sempre em processo, sempre em formação” (Coracini, 2003, p. 243). Toda identificação com alguém ou algo ocorre enquanto essa voz encontra eco, de modo negativo ou positivo, na subjetividade do sujeito. E no caso do professor, quanto mais consciência de classe alcança, mais aumenta a percepção de desvalorização enquanto classe.

Nesse sentido, ao pensar na constituição identitária do sujeito, é necessário entendê-la não como resultado da completude ilusória ou da plenitude de um indivíduo, mas de uma “falta”: falta de inteireza que preenchemos (sem conseguir), a partir do nosso exterior, por meio das formas pelos quais imaginamos ser vistos pelos outros: sei quem sou ao relacionar com o outro que eu não posso ser. Dessa forma, o desejo do outro é expresso no desejo de completude que habita em nós, manifestando na busca da verdade, do controle dos outros e de si (Coracini, 2003).

No excerto a seguir, R (21) da Professora (2), ao ser questionada sobre os membros sindicalistas, se houve algum membro pela sua postura e discurso tem se destacado na carreira sindical; temos:

Professora (2), R (21) Sim, professor Palma, professor Leão, pelo conhecimento da importância de um sindicato e postura de imparcialidade em todas as reivindicações sindicais.

Pelo enunciado da Professora (2), as imagens destacadas de dois professores sindicalistas, “Palma e Leão”, que por meio de seu discurso, conhecimento e opinião,

funcionou como porta-voz do sindicato, acompanhado de ideologia (valores, crenças, concepções de direitos) que os perpassaram. Temos, no dizer do sujeito da pesquisa, percursos de sua vida que encontram referência em seus movimentos identificatórios.

Podemos interpretar a categoria sindical como um tipo de saber, um lugar onde a formação do conhecimento se constitui, a maneira por meio da qual o conhecimento deve ser selecionado, organizado, o modo pelo qual o professor sindicalista adéqua sua conduta no sindicato. Salientamos que diferentes vozes ressoam e influenciam em sua constituição identitária, essas questões caracterizam formas de saber nessa entidade. Desse modo, temos que os discursos adquirem seus sentidos no entrecruzamento com outros, mobilizados como parte de sua memória.

Por isso, reafirmamos o apregoado por Coracini (2003), não deveríamos falar de identidade, como algo pronto e acabado, já que, o termo remete ao uno, ao mesmo, mas de identificações, pois, é apenas momentaneamente que podemos flagrar pontos no discurso que remetem a identificações inconscientes, introjetadas sempre a partir do outro, mas que, por estarem já lá, provocam reações, atitudes de recusa ou de aproximação, é preciso compreender, as identidades sempre em movimento, em constante mutação. São, portanto, algumas emergências do inconsciente, via imaginário, no discurso de professores sindicalistas que podemos flagrar, na ânsia de melhor compreender a constituição identitária dos sujeitos dessa pesquisa, lugar em que se entrecruzam e se confundem vozes emaranhadas, do passado em mutação e dos inúmeros contatos e experiências, provenientes de inúmeras regiões de discurso, contatos sociais, individuais, profissionais de uns e de outros.

]

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Digamos, para resumir, que a história, em sua forma tradicional, se dispunha a "memorizar" os monumentos do passado, transformá-los em documentos e fazer falarem estes rastros que, por si mesmos, raramente são verbais, ou que dizem em silêncio coisa diversa do que dizem; em nossos dias, a história é o que transforma os documentos em monumentos e que desdobra, onde se decifravam rastros deixados pelos homens, onde se tentava reconhecer em profundidade o que tinham sido, uma massa de elementos que devem ser isolados, agrupados, torna dos pertinentes, inter-relacionados, organizados em conjuntos (Foucault, 2008, p. 08).

No início desta investigação, por meio de pesquisas bibliográficas, as respectivas leituras nos conduziram a um material amplo acerca do conhecimento sobre o sindicato docente, fato que contribuiu para a constituição e delimitação do nosso objeto de pesquisa. Nesse percurso, surgiram inúmeras inquietações; algumas se tornaram questões da presente pesquisa, sustentando e direcionando-a. Nesse intuito, definimos nosso objetivo geral: analisar o discurso das professoras sindicalistas aposentadas e pertencentes ao sindicato (APEOESP), subsede de Jales SP, a fim de problematizar os mecanismos discursivos que constituem esses sujeitos e que fazem parte de sua formação identitária, com o fito de entender as imagens que o professor sindicalista aposentado faz de si, bem como dos aspectos de sua vida sindical que contribuíram para sua constituição identitária.

Dentre as questões que nos inquietavam, destacamos: Quais fatores influenciaram essas professoras a se tornarem e permanecerem sindicalistas? Como se dá a interação dessas professoras na APEOESP e como ocorre a organização de classe? Como ocorre o processo de constituição identitária dessas professoras como sindicalistas? No intuito de respondermos a essas questões, desenvolvemos aqui algumas reflexões por meio do trabalho de interpretação/análise, realizado no capítulo três - sustentado teoricamente pelos demais capítulos desta dissertação.

Por meio do questionário com perguntas abertas, coletamos dados importantes para esta pesquisa, que nos permitiu analisar o discurso das professoras aposentadas sindicalistas, membros da APEOESP, subsede de Jales- SP. Dessa forma, destacamos os fatores que influenciaram essas professoras a se tornarem e permanecerem sindicalistas, uma vez que essas professoras assumem o lugar discursivo que lhe foi conferido ao longo dos anos, conforme a imagem tradicional, um ser que luta por seus direitos, em uma profissão desvalorizada, sofrida, em que as professoras sindicalistas veem no sindicato um amparo, “a luta, as informações dos nossos direitos e as reivindicações aos governantes”.

Destacamos que as professoras sindicalistas aposentadas, sujeitos desta pesquisa, ressaltam que para alcançar seus objetivos, e obter seus direitos, é preciso “lutar”. Pelo discurso dessas professoras, destacamos que o substantivo “luta”, nas várias possibilidades de sentido, é usado como forma de expressar as características do sujeito da pesquisa, uma marca do sindicalismo que defende a importância de se fortalecer por meio das lutas para defender o interesse da classe docente. Nesse sentido, salientamos que a APEOESP, enquanto organização, é expressão de união e solidariedade entre os membros sindicais, de unificação das lutas reivindicatórias de movimentos dos trabalhadores para melhor defender seus interesses econômicos e salariais com capacidade de desenvolver relações estratégicas e orientações próprias. Mesmo aposentadas, essas professoras continuam sindicalizadas, pois vêm no sindicato possibilidades de defender seus direitos trabalhistas, de lutar por negociações de salário, entre outros benefícios.

Vale ressaltar, que estar aposentada e participar do sindicato é uma forma de não perder o vínculo com assuntos educacionais, sociais e até mesmo com a equipe de professores. Outro fator relevante que encontramos nos dizeres dessas professoras, foi que após a aposentadoria, encontraram mais tempo para lutar por seus direitos e participar mais de manifestações, uma vez que, estar na sala de aula exige tempo e dedicação.

As professoras destacaram em seus dizeres que a APEOESP é uma entidade em que os associados mantêm interação uns com os outros, é uma entidade organizada, tendo como representante a deputada e presidenta do sindicato Maria Isabel Noronha que se destaca no sindicato por ter coragem e conhecimento para enfrentar o governo paulista. Dessa forma, ao analisar esses discursos, observamos que o exercício do poder disciplinar por intermédio do discurso sindical, das políticas públicas, das legislações, da mídia, enfim do sistema social, educacional e sindical, tem cumprido a função de administrar o campo social num fluxo intermitente e circular; do sindicato para o social, do social para o sindicato. As normas presentes no mundo sindical fundamentam a manutenção da ordem sindical e é evidente que devam existir e, por meio dos discursos analisados, foi possível perceber que estas normas funcionam e fazem a categoria se fortalecer.

O processo de constituição identitária dessas professoras como sindicalistas são formadas por “diferentes vozes” que constituem a memória dos sujeitos enunciativos desta pesquisa, atribuindo sentidos para a formulação posta. A “luta”, a “valorização da categoria”, são discursos provenientes da pauta de mobilização da categoria. Ao refletir sobre a imagem que o professor sindicalista faz de si, afirmamos que o discurso a respeito da constituição

identitária desses sujeitos é produzido semiconsciente, segundo um efeito imaginário de si e do outro, interpelado pelo histórico, pelo simbólico e pela ideologia. Da mesma forma em que o sujeito professor sindicalista constrói o imaginário social, e é por ele construído, suas identificações estão sempre em processo de reformulação, típico do ser humano e muito mais do sujeito contemporâneo, influenciado e constituído pelo momento histórico-social.

Dessa forma, o sujeito professor sindicalista assume, também, o lugar discursivo do sujeito neoliberal, cuja ideologia conduz à transformação dos indivíduos em sujeitos, por meio dos rituais materiais da vida cotidiana. Dessa maneira, quando o sujeito professor sindicalista tem o reconhecimento de seus atos, no momento em que o sujeito se insere, a si mesmo, mediante suas ações, em determinadas práticas reguladas pelos aparelhos ideológicos, nos remete à ideia de responsabilidade sobre si, sobre seu próprio futuro, responsável pela manutenção de valores na escola como no sindicato em geral, discurso largamente inculcado pelo sindicalismo, pelo ambiente escolar e até mesmo pela mídia.

O sujeito professor sindicalista aposentado vive uma tensão contínua entre um discurso que o valoriza, produto de um desejo (pessoal, social e político) e outro que o desvaloriza, resultante de uma história marcada e estereotipada e se apresenta como um conjunto disperso de significados que se dizem e se contradizem incessantemente, revelando a alteridade que constitui a identificação dessas professoras sindicalistas.

Muitas pesquisas foram e vêm sendo produzidas para analisar a realidade sindical, enfatizando diferentes dimensões, por vezes, concentrando-se predominantemente na compreensão de aspectos sociais, econômicos, políticos e trabalhistas. Pouco se tem pesquisado acerca da dimensão educacional em sindicatos. Eis o diferencial desta pesquisa, que enfatiza de forma abrangente as lutas sociais de um grupo de professoras sindicalistas aposentadas.

A memória das ações e lutas das professoras sindicalistas, membros da APEOESP subsede de Jales-SP, não tem o lugar devido na historiografia oficial, ou seja, sua memória social é obscurecida, ainda que pese a existência das múltiplas formas dos trabalhadores sobreviverem, reivindicarem, conscientizarem-se e organizarem-se, numa rica variedade de significados e presenças. Contudo, as professoras aposentadas, sujeitos dessa pesquisa, estão “vivas”, ativas, atuantes na vida sindical, criando e recriando suas estratégias de vida, semeando esperança, ainda que sofram diretamente as consequências dos modelos e projetos perversos do desenvolvimento e de terem de enfrentar todos os tipos de exploração e dominação.

Vivemos em uma sociedade, em que o Estado tem como meta a individuação que é sempre a realização desejável do padrão de individualização, por meio da constituição de subjetividades, que assujeitadas por técnicas e procedimentos de poder, investem os indivíduos na defesa da prática e disseminação voluntária desses padrões, reproduzindo constantemente assujeitamentos, resultando assim, eles próprios, os agentes de normalização social (encaixa nesses padrões os grupos identitários que clamam por direitos).

Podemos salientar que as resistências instituídas podem libertar-nos do poder do Estado, de suas instituições. Nesse panorama, está em jogo entender qual o papel que essas resistências atuam em relação à recusa a despeito das formas de subjetivação impostas.

Por meio dessa premissa de recusa em sermos o que somos, de nos libertarmos a nós mesmos de todo tipo de individualização vinculado ao Estado, Foucault (1998, p. 295), corrobora que “em nossos dias o poder se exerça simultaneamente por meio desse direito e dessas técnicas, que as técnicas e os discursos criados pelas disciplinas invadam o direito; que os procedimentos de normalização colonizem cada vez mais os da lei”. E assim explicar o funcionamento global do que gostaríamos de chamar como sociedade de normalização.

No entanto, não se trata de procurar alguma fórmula que assinale como fazer em meio aos sistemas políticos que trabalham constantemente para a submissão das subjetividades diante de práticas assujeitadoras, portanto, ao localizar nas resistências, nesse caso, a resistência sindical, o modo como elas promovem – ou não - assujeitamentos.

Por fim, ao analisarmos os discursos das professoras sindicalistas aposentadas (sujeitos desta pesquisa), salientamos que durante o seu percurso como sindicalistas, passaram por vários desafios, dentre eles greves, reivindicações, mudanças de discurso e alcançaram diversos direitos trabalhistas, apresentaram transformações em relação a suas identidades, havendo uma ligação entre produção de identidades docentes e processos de regulação do trabalho no tempo sindical. Dessa forma, os sujeitos desta pesquisa demonstraram que estar aposentadas e ser sindicalistas, oportunizam a participação das manifestações e eventos dos sindicatos, desse modo, não perdem o vínculo com os demais docentes e a sociedade.

Referências

ALVES, Giovanni. Do “novo sindicalismo” à “concertação social” ascensão (e crise) do sindicalismo no Brasil (1978-1998). **Revista de Sociologia e Política**, núm. 15, novembro, 2000 Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Brasil, 2000.

AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005.

APEOESP, Disponível em: <http://www.apoesp.org.br/o-sindicato/historia>, acesso em 27/11/2023.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Heterogeneidade(s) enunciativa(s)**. Cadernos de Estudos Linguísticos. Campinas-SP, v. 19, p. 25-42, 1990.

AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. **Palavras, incertas: as não coincidências do dizer**. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**, 12a Edição: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, Mickhael Mikhailovich. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. – 16 ed. – São Paulo: Hucitec, 2014.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Subjetividade, argumentação, polifonia: a propaganda da Petrobrás**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2º ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

BIAVATTI, Vania Tanira. **Sindicalismo docente e modos de subjetivação na contemporaneidade**, Puc, São Paulo, 2006 disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/3748/1/Vania%20Tanira%20Biavatti.pdf>, acesso:15/05/2023

CARDOSO, Silvia Helena Barbi. **Discurso e Ensino**. Belo Horizonte - MG: Autêntica 1999.

CARMAGNANI, Ana Maria Grammatico. A questão da identidade na mídia: reflexos na sala de aula, In: CORACINI M. J. R. F. (org.). **Identidade e Discurso: (des)construindo subjetividades**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, Chapecó: Editora ARGOS. 2003

CORACINI, Maria José. Autonomia, poder e identidade na sala de aula. In: PASSEGI, Luis, OLIVEIRA, Maria do Socorro. **Linguística e Educação: Gramática, discurso e ensino**. São Paulo: Terceira Margem, 2001.

CORACINI, Maria José Rodrigues Faria. Subjetividade e identidade do (a) professor (a) de português. In: CORACINI Maria José (org.). **Identidade e Discurso: (des)construindo subjetividades**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, Chapecó: Editora ARGOS, 2003.

CORACINI, Maria José. Entre a Memória e o Esquecimento: Fragmentos de uma História de Vida. In: CORACINI, Maria José.; GHIRALDELO, Claudete Moreno (Org.). **Nas malhas do**

discurso: memória, imaginário e subjetividade. Campinas: Pontes Editora, 2011.

CORACINI, Maria José. **A celebração do outro na constituição da identidade**. Organon: Porto Alegre, 2007.

DEZAN, Darlon. **Professores em luta:** o Sindicalismo Docente sob a ótica da Imprensa Paranaense (1947-1964). Unioeste, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2020. disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/5234>, acesso em: 28/05/2023.

ECKERT-HOFF, Beatriz. Processos de identificação do sujeito-professor de língua materna: a costura e a sutura dos fios. In: CORACINI Maria José (org.). **Identidade e Discurso:** (des)construindo subjetividades. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, Chapecó: Editora ARGOS. 2003.

FERNANDES. Cleudemar Alves. **Análise do discurso:** reflexões introdutórias. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. 8 ed. São Paulo: Editora Ática, 2006.

FOLHA DE SÃO PAULO, São Paulo, 06 de março de 1999, disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi06039918.htm#:~:text=O%20gatilho%20salaria%20%C3%A9%20o,chegasse%20a%2020%25%20ao%20ano>, acesso em:03/09/2024.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Michel Foucault, uma entrevista:** sexo, poder e a política da 103 identidade. Entrevista com B. Gallagher e A. Wilson. Verve, 5, p. 260-277, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FRANÇA, Carlos Eduardo;CABRAL, Rafael Lamera. **Direitos sociais e identidade operária:** o poder da ideologia trabalhista no governo de Getúlio Vargas (BRASIL, 1930-45).Revista Eletrônica do Curso de Direito da UFSM, v. 11, n. 2 / 2016.

FREITAS, Silvane Aparecida. **Ideologia:** um dos pilares do pensamento bakhtiniano. Guavira Letras, v. 3, p. 100-108, 2006.

GIROUX, Henry Armand. “Authority, Intellectuals, and the Politics of Practical Learning”. **TeachersCollege Record**, vol. 8, nº 11, pp. 22-40, 1986.

GIROUX, Henry Armand. **Os professores como intelectuais:** rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GRIGOLETTO, Marisa. Representação, identidade e aprendizagem de língua estrangeira. In: CORACINI Maria José (org.). **Identidade e Discurso:** (des)construindo subjetividades. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, Chapecó: Editora ARGOS, 2003.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. 8. ed. São Paulo: Record, 2004.

GOUVEIA, Andréa Barbosa; FERRAZ, Marcos Alexandre dos Santos. **Sindicalismo docente e política educacional: tensões e composições de interesses corporativos e qualidade da educação**, Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 48, Editora UFPR, abr./jun.2013.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades; comunicação, mídia e consumo.:** vol.4 São Paulo, nov. 2007.

HUBERMAN, Michael. **O ciclo de vida profissional dos professores**. In: NÓVOA, António. (Org). Vidas de professores. 2. ed. Porto: Porto, 2000.

JÚNIOR, Leonel Rosa. Professores defendem o ensino público e gratuito. **Jornal de Jales**, Jales, SP, ano XIV, n ° 1024, 09 de março de 1986.

LIMA, Regina Célia de Carvalho, Ser ninguém-ser alguém: análise de discurso de uma narrativa de professor. **Identidade e Discurso:(des)construindo subjetividades**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, Chapecó: Editora ARGOS, 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso;** 3ª ed. Campinas: Pontes, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de comunicação**. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. POSSENTI, Síro, SOUZA E SILVA, Maria Cecilia Peres (orgs.). São Paulo: Parábola, 2008.

MARX, Kaul; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo, 2007.

NASIO, Juan David. **O livro da Dor e do Amor**. Coleção Transmissão da Psicanálise Editorial, Editor Schwarcz AS, 1997.

NOGUEIRA, Arnaldo José Franca. **A liberdade desfigurada**. 1ª edição; São Paulo-SP: Editora Expressão Popular, 2005.

OLIVEIRA, Victor Fernando Ramos. **Sindicalismo docente: a participação sindical dos professores da rede municipal de Castanhal-PA no SINTEPP**, disponível em: https://repositorio.ufpa.br/bitstream/2011/11821/1/Dissertacao_SindicalismoDocenteParticipacao.pdf, acesso em: 29/05/2023.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 2ª edição, - Campinas, SP: Pontes, 1987.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Cidade dos Sentidos**. Campinas SP, Pontes, 2004.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 13 ed. Campinas SP: Pontes, 2020.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campina- SP:

Editora da Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, Michel. **Papel da Memória**. In: ACHARD, Pierre et al. **Papel da Memória**. Trad. José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. tradução: Eni P. Orlandi – 5ª Edição, Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.

PÊCHEUX, Michel. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Organizadores Françoise Gadet; Tony Hak; tradução Bethania S. Mariani... [et al.]. 5ª ed. Campinas- SP: Editora da Unicamp, 2014.

POSSENTI, Sírio. Sobre as noções de sentido e de efeito de sentido. In: **Análise do Discurso**. V.6, nº 2, Marília: Cadernos da F.F.C.,1997.

RIBEIRO, Rodrigo Fernandes. **Passado, presente e tendências para o futuro das lutas sindicais no Brasil**. Santa Catarina: Revista Katálysis, jan-abril, 2022.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline Peixoto. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**, 1a Ed. São Paulo: Parábola editorial, 2015.

ROSSO, Sadi Dal; CRUZ, Hélvia Leite; RÊSES, Erlando da Silva. Condições de emergência do sindicalismo docente. **Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 2 (65), p. 111-131, maio/ago. 2011.

SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira. Discurso, Identidade e Fabricação de Memória. In: CORACINI, Maria José. GHIRALDELO, Claudete Moreno (Org.). **Nas malhas do discurso: memória, imaginário e subjetividade**. Campinas: Pontes Editores, 2011.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 28ªed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Editora Vozes, Petrópolis, 2000.

SOUZA, Laís Cristina de. **Condições de produção e formações imaginárias da constituição da identidade docente: uma análise do discurso**, 2021, disponível em: <http://bdtd.uftm.edu.br/bitstream/123456789/1095/5/Dissert%20Lais%20C%20Souza.pdf>
Acesso em 31/05/2023.

SOUZA, Octavio. **Fantasia de Brasil**. São Paulo: Escuta, 1994.

VAZ, Marta Rosani Taras. **Sindicalismo docente e as particularidades organizativas, ideológicas e reivindicativas do magistério público municipal**, 2020, disponível em:<https://tede2.uepg.br/jspui/bitstream/prefix/3308/1/Marta%20Rosani%20Taras%20Vaz.pdf>
f, Acesso em 31/05/2023.

VICENTINI, Paula Perin; LUGLI, Rosário Genta. **História da profissão docente no Brasil: representação em disputa**. Cortez, São Paulo, 2009.

WACQUANT, Loïc. **As Prisões da Miséria**. Paris: Raisons d'Agir, 1999.

APÊNDICE I- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO/TCLE

Título do Projeto: A FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DE PROFESSORAS SINDICALISTAS APOSENTADAS: MEMÓRIA DISCURSIVA E JOGO DE IMAGENS

Pesquisador Responsável: Simone Vieira de Matos

Orientação: Dra. Silvane Aparecida de Freitas

Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Senhor(a), _____

RG _____, Órgão Expedidor _____. Está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa: A FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DE PROFESSORAS SINDICALISTAS APOSENTADAS: MEMÓRIA DISCURSIVA E JOGO DE IMAGENS, de responsabilidade da pesquisadora Simone Vieira de Matos e sob orientação da Prof^{ra}. Dr^a. Silvane Aparecida de Freitas. O projeto tem com finalidade analisar o discurso das professoras sindicalistas aposentadas e pertencentes ao sindicato (APEOESP), subsede de Jales SP, a fim de problematizar os mecanismos discursivos que constituem esses sujeitos e que fazem parte de sua formação identitária.

O (a) Senhor (a) tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo. Sempre que quiser, poderá pedir mais informações sobre a pesquisa por meio do telefone ou e-mail do pesquisador.

Podemos afirmar que, no decorrer desta pesquisa, como qualquer tipo de pesquisa, podemos deparar com alguns riscos de natureza moral, psíquica, social e cultural do ser humano. Os riscos desta pesquisa podem envolver cansaço do (a) entrevistado (a) durante a entrevista ou ao responder o questionário, embora firmemos o compromisso de respeitar o ritmo da participação de cada sujeito da pesquisa, também pode acontecer do (a) participante se sentir constrangido (a) em responder alguma pergunta do questionário ou durante a entrevista, pois apresentam questões de identidade/identificações, deixamos aqui exposto que respeitaremos a decisão do (a) participante de recusar-se responder alguma pergunta ou encerrar a entrevista. Pode haver também o desconforto ao responder alguma questão que resgate lembranças de um determinado período da vida, por isso será reservado ao participante o direito de não responder, bem como serão respeitadas as suas opiniões e particularidades no que tange ao processo cultural, político, social e religioso.

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais, os dados serão utilizados para o desenvolvimento da pesquisa, mas os participantes não serão expostos.

Consideramos que esta pesquisa há muito que contribuir, pois há poucas pesquisas sobre o tema. Acreditamos ser de suma importância, pois, a pesquisa irá investigar sobre a formação sindical, e os pontos primordiais que instigaram essas professoras a pertencerem a essa classe profissional e, ainda, serem membros atuantes da vida sindical, bem como analisar os efeitos de sentidos presentes no discurso das professoras aposentadas sindicalizadas que as influenciaram e os fizeram permanecer por tantos anos no mundo sindical. A pesquisa oferece benefícios tanto nos estudos na análise do discurso, como na formação identitária.

As informações fornecidas pelo (a) senhor(a) serão utilizadas somente para fins de pesquisa e outros trabalhos acadêmicos, inclusive em coautoria ou por outros pesquisadores interessados na temática, garantindo o anonimato do (a)entrevistado (a).O (a) Senhor(a) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação. Todas as despesas com a pesquisa serão de responsabilidade do pesquisador que previu as despesas em seu orçamento financeiro.

Após ler com atenção este documento e ser esclarecido sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine em todas as folhas e ao final deste documento, que está em duas vias e também será assinado por mim, pesquisador, em todas as folhas.

Uma das vias é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de dúvida sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável, Simone Vieira de Matos, no telefone: (17) 997569874. Em caso de dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética Com Seres Humanos da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul CESH/UEMS - Paranaíba, pelo Fone: (67) 3902-2699 ou no endereço: Cidade Universitária de Dourados, Rodovia Itahum, km 12, em Dourados – MS, Bloco B, 1º piso - Horário de atendimento: 8:00 às 14:00 horas, de segunda a sexta.

Eu, _____, inscrito no RG _____ Órgão Expedidor, declaro ter sido informado e concordo em participar ,como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Jales, ____ de _____ de 2023.

Convidado (a)

Pesquisador

Orientador

Nome completo do pesquisador: Simone Vieira de Matos

Telefone para contato: 17 997569874E-mail: simonevieiradematos@gmail.com

Comitê de Ética com Seres Humanos da UEMS, fone: (67) 3902-2699 ou cesh@uems.br

APÊNDICE II-TERMO DE COMPROMISSO PARA ARMAZENAMENTO DE DADOS

Eu, Simone Vieira de Matos, residente e domiciliada na rua Rio Grande do Sul, número 1396, São Francisco SP, casada, portadora do RG 43 301 003-4 e do CPF 327 061 258 37, diretora de escola na cidade de São Francisco- SP sob orientação da Prof^a. Dr^a. Silvane Aparecida de Freitas responsabilizo-me pelo adequado armazenamento dos dados obtidos por meio do questionário impresso.

Comprometo-me que tal armazenamento será realizado de modo físico, ou seja, será feito o download do material recolhido, que será impresso e arquivado (respeitando as orientações institucionais), nunca de forma virtual, em nuvem ou em redes compartilhadas.

Assim, busca-se resguardar todo o sigilo apresentado e firmado no TERMO E CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE, devidamente assinado por todos que participam desta pesquisa.

Qualquer dúvida em relação ao armazenamento dos dados, a qualquer momento, pode-se contatar o(a) pesquisador(a) ou o Comitê de Ética, conforme informações abaixo.

_____, ____ de _____ de 2023

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Participante da Pesquisa

Nome completo do pesquisador: Simone Vieira de Matos

Telefone para contato: (17) 997569874 E-mail: simonevieiradematos@gmail.com

Comitê de Ética com Seres Humanos da UEMS, fone: (67) 3902-2699 ou cesh@uems.br

APÊNDICE III- CARTA CONVITE PARA A PESQUISA (ENTREVISTA)

Prezado(a),

Meu nome é Simone Vieira de Matos, diretora de escola da rede municipal de São Francisco SP, e mestranda em educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (http://www.uems.br/pos_graduacao/detalhes/educacao-paranaiba-mestrado-academico), sob orientação da professora Dra. Silvane Aparecida de Freitas. Gostaria de convidá-lo (a) a contribuir com o meu projeto de pesquisa “A FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DE PROFESSORAS SINDICALISTAS APOSENTADAS: MEMÓRIA DISCURSIVA E JOGO DE IMAGENS”, sob orientação da professora Dra. Silvane Aparecida de Freitas e conduzido por mim.

A pesquisa será realizada entre as professoras sindicalistas aposentadas que possuem mais tempo de adesão ao sindicato, (cerca de oito participantes). A pesquisa deve conter perguntas semi-estruturadas para analisar os discursos dessas professoras, que responderão a partir de suas vivências e inquietações acerca de suas experiências adquiridas como membros da APEOESP, em consonância aos objetivos da pesquisa, proporcionando, assim, embasamento para ser feito a análise de seus discursos.

Notamos que algumas delas são membros sindicais há mais de 30 anos, mesmo estando aposentadas continuam sindicalistas e lutando por seus direitos, tendo em vista este contexto, questionamo-nos: Quais os efeitos de sentido presente no discursivo sindical, que influenciaram essas professoras a tornar e permanecer sindicalistas? De que maneira ocorre à interação dessas professoras, suas organizações e atuações?

Sendo assim, de acordo com o exposto, sua participação é muito importante. Suas respostas estarão sob sigilo e os trechos a serem transcritos e usados na dissertação terão sua identidade preservada, sendo usado um nome fictício ou um símbolo (cor, letra, fruta...). A entrevista semi-estruturada será feita presencialmente em dias e horários a serem agendados conforme a disponibilidade dos envolvidos (pesquisador e entrevistado).

Como qualquer tipo de pesquisa, podemos afirmar que nesta pesquisa da área de Humanas pode ocorrer riscos de natureza moral, psíquica, social e cultural do ser humano. Os riscos desta pesquisa podem envolver cansaço do (a) entrevistado (a) durante a entrevista, embora firmemos o compromisso de respeitar o ritmo da participação de cada sujeito da

pesquisa, deixamos aqui exposto que respeitaremos a decisão do (a) participante de recusar-se responder alguma pergunta ou encerrar a entrevista. Desta maneira, será reservado ao participante o direito de não responder, bem como serão respeitadas as suas opiniões e particularidades no que tange ao processo cultural, político, social e religioso.

Estou à disposição para esclarecimentos acerca da pesquisa por meio do meu e-mail (e-mail do pesquisador): simonevieiradematos@gmail.com

Agradecemos a sua colaboração.

Jales, _____ de _____ de 2023 .

Simone Vieira de Matos

APÊNDICE IV- QUESTIONÁRIO A

(Questionário a ser entregue as professoras aposentadas sindicalistas que possuem mais tempo de adesão ao sindicato, membros da APEOESP subsede de Jales SP).

Nome: _____

Idade: _____ anos

Professor de _____

Nível de formação: () nível médio () superior () pós-graduação

1- Professor (a) há quanto tempo é sindicalista?

() 10 anos

() 15 anos

() 20 anos

() 25 anos

() mais de 30 anos

APÊNDICE V- QUESTIONÁRIO B

Questionário a ser entregue as professoras aposentadas sindicalistas que possuem mais tempo de adesão ao sindicato, membros da APEOESP subsede de Jales SP).

Nome: _____

Idade: _____ anos

Professor de _____

Nível de formação: () nível médio () superior () pós-graduação

1-Professora, quais foram os principais motivos que fizeram você a se tornar sindicalista?

() reivindicar por melhores salários

() reivindicar por direitos trabalhistas

() melhoria nas condições de trabalho

() todas as afirmações acima

() outro Qual? _____

1-Professor (a), em sua carreira como sindicalista, já participou de alguma manifestação sindical?

() sim, com frequência

() sim, com pouca frequência

() não, nunca participei.

E-MAIL: _____

CONTATO: _____

APÊNDICE VI-ROTEIRO PARA AS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

Bloco 1: Carreira do sindicato

- No tempo de sindicalista, houve alguma reivindicação ou manifestação que marcasse a sua vida? Se sim, por quê?
- Dentre os membros sindicalistas, houve algum que pela sua postura e discurso tem se destacado na carreira sindical? Se sim, descreva.
- Quais os aspectos positivos que o sindicato tem influenciado na sua profissão?
- Conte um pouco sobre a sua carreira como professora sindicalista;
- Quais foram os principais fatores que fizeram com que você permaneça por tanto tempo sindicalista?
- Como sindicalista, já obteve alguma conquista, por algum direito que considera importante para sua carreira profissional? Se sim, comente.
- Comente como é a organização do sindicato de Jales (APEOESP).
- Quando ocorrem atos públicos, passeatas e outras manifestações, quem são as pessoas que convocam a categoria para estar

presente?

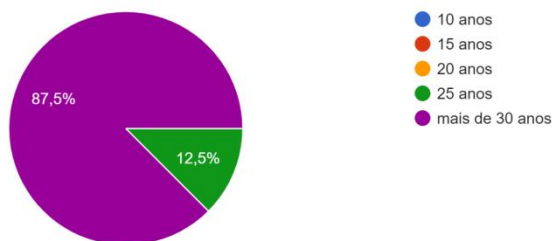
- Já participou de alguma destas manifestações?

Bloco 2: Carreira do magistério

- Para você, o que é ser professor?
- O fato de ser sindicalista tem beneficiado você, em algum momento enquanto professora?
- O fato de você ser sindicalista já trouxe problemas (aspectos negativos) a você, em algum momento enquanto professora?
- Enquanto professora, antes de ser sindicalista, qual era a visão que você tinha do sindicato (APEOESP)?
- Em sua opinião, qual a importância do sindicato (APEOESP), para os professores?
- Em seu ambiente de trabalho, algum professor (a), foi influenciado por você a se tornar sindicalista? Se sim, comente!
- Como o professor sindicalista é visto pelo professor não sindicalizados?
- Como o professor sindicalista é visto pelos alunos e a sociedade?

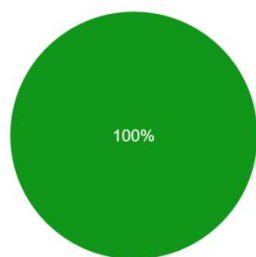
APÊNDICE VII-DADOS COLETADOS POR INTERMÉDIO DO QUESTIONÁRIO A

Professor, há quanto tempo é sindicalista?
8 respostas



Professora, quais foram os principais motivos que fizeram você a se tornar sindicalista?

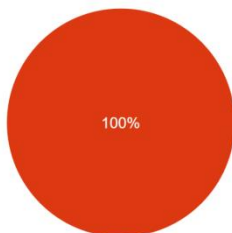
8 respostas



- reivindicar por melhores salários
- reivindicar por direitos trabalhistas
- melhoria nas condições de trabalho
- todas as afirmações acima

Qual o seu nível formação?

8 respostas



- médio
- superior
- especialização
- pós-graduação (mestrado e/ou doutorado)

Professor (a), em sua carreira como sindicalista, já participou de alguma manifestação sindical?

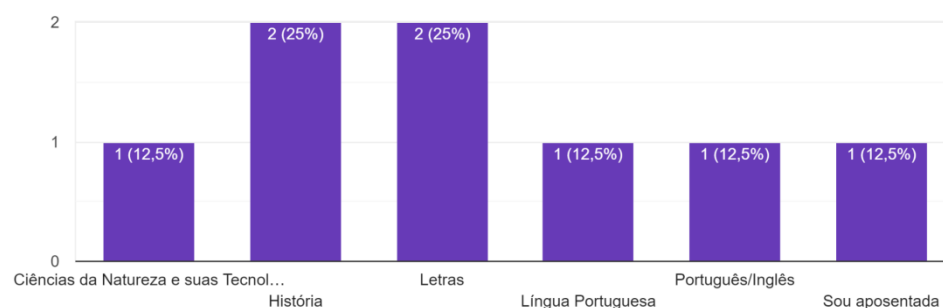
8 respostas



- sim, com frequência
- sim, com pouca frequência
- não, nunca participei.

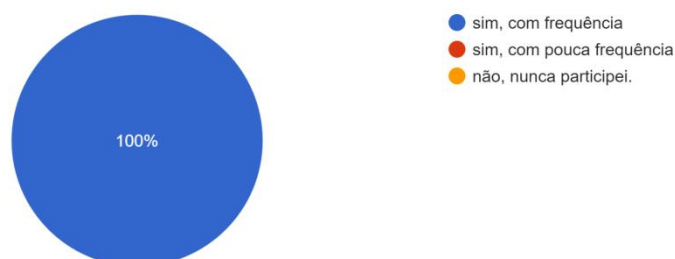
Você é professor de qual área de conhecimento?

8 respostas



Professor (a), em sua carreira como sindicalista, já participou de alguma manifestação sindical?

8 respostas



1- No tempo de sindicalista, houve alguma reivindicação ou manifestação que marcasse a sua vida? Se sim, por quê?

- 1- Todas as manifestações me marcam de alguma forma, porque a cada uma que participo levo comigo um aprendizado novo para a minha vida.
- 2- Sim, greves de 1992 qdo ficamos 90 dias lutando por melhores condições de trabalho e salários e éramos recebidos com cacetes, bombas de gás, spray de pimenta e por policiais na capital paulista e desistimos das nossas lutas e assembleias
- 3- Sim, a luta constante para conseguir a valorização da categoria
- 4- Sim...greves.
- 5- Sim...Em algumas fomos atendidas
- 6- Siim , participei de muitas , mas no começo tinha medo da polícia e dos cavalos . Depois de aposentada parece que o medo acabou , na Reforma trabalhista inalei muito gás lacrimogêneo cai ralei o joelho mas narrando tudo para informar os colegas que estavam em sala de aula.
- 7- Uma greve que participei que durou mais de noventa dias!

8- Sim, greves por condições trabalhistas

2- Dentre os membros sindicalistas, houve algum que pela sua postura e discurso tem se destacado na carreira sindical? Se sim, descreva.

1- -Sim, pela sua garra de representar e cuidar do outro, principalmente aqueles que de alguma forma não tem conhecimento de certas situações profissionais.

2- Sim, professor Palma, professor Leão, pelo conhecimento da importância de um sindicato e postura de imparcialidade em todas reivindicações sindicais

3- Sim, os envolvidos por um único objetivo , porém pela melhoria e qualidade da educação.

4- Melhorias salariais.

5- Sim ..Têm muitos..

6- Nossa deputada e segunda presidenta da Apeoesp Maria Isabel Noronha tem se destacado dentro do Sindicato pelo seu conhecimento e coragem para enfrentar o governo paulista.

7- Para mim a nossa presidente Maria Izabel de Noronha

8- Não

3- Quais os aspectos positivos que o sindicato tem influenciado na sua profissão?

1- A união dos professores por uma única conquista.

2- Quando conseguimos alcançar o

3- A luta, as informações dos nossos direitos e as reivindicações aos governantes

4- Através dele temos acesso aos nossos direitos.

5- Pela luta, sempre está presente batalha do ao nosso favor..

6- O sindicato me ensinou a não aceitar tudo que vem pronto , saber dialogar , brigar pelos meus direitos.

7- Ele dá suporte pra gente enfrentar situações que interferem na nossa carreira profissional!

8- Ser persistente ao governo

4- Conte um pouco sobre a sua carreira como professora sindicalista.

- 1- Não era muito participativa devido a minha carga horária de trabalho, depois que me aposentei pude participar mais dos movimentos sindicalista.
- 2- Como professora de História acredito ,que a participação política,luta sindical são caminhos que se entrelaçam dentro de todo conteúdo de História
- 3- Participo das manifestações , greves , reuniões para melhorar as informações e direitos da categoria
- 4- Sempre fui a luta , e conscientizando os colegas a participar juntos para conseguir melhorias de trabalho e salário.
- 5- Adorei o meu tempo que trabalhei como professora e sempre participei das Assembléia e atos promovido pelo sindicato...
- 6- Sempre participei de todos movimentos do meu sindicato assembleia em SP , passeata na minha cidade , sempre fiz parte do comando de greve , saíamos de ônibus pelas cidadezinha da nossa região ,entravamos nas escolas cantando batendo palmas e tirando professor da sala de aula , fechavamos a escola. Hoje se tentássemos fazer isso acredito que na primeira cidade estaríamos presos.
- 7- Como sindicalista não ter medo de enfrentar situações e sempre buscando melhorias para nossa categoria!
- 8- Minha luta incessante
- 9- Quais foram os principais fatores que fizeram com que você permanecesse por tanto tempo sindicalista?**

- 1- Pela atualização de informações sobre a profissão
- 2- A resistência por valorização
- 3- Conquista para o bem estar pessoal e social
- 4- A busca de direitos trabalhistas e melhoria salariais.
- 5- Adoro lutar pelos nossos direitos.....
- 6- Sempre digo que o sindicato é. um mal necessário só ele consegue convencer o professor entrar pra luta. O Sindicato e o maestro da orquestra.

7- Tudo que a gente vem enfrentando, sempre temos uma resposta!

8- Lutar por minha profissão

10- Como sindicalista, já obteve alguma conquista, por algum direito que considera importante para sua carreira profissional? Se sim, comente.

1- Sim, a primeira foi sobre o gatilho salarial que na época achava que a causa estava perdida

2- Sim muitos

3- Sim, várias

4- Sim , o fim do confisco dos aposentados.

5- Muitas , principalmente pelo a nossa carreira..

6- Sim ,resentmente conseguimos cancelar o confisco que o governo fez por dois anos no salário dos aposentados que voltou a pagar a previdência.

7- Sim, quanto a quinquênios, !diferenças salariais e outras

8- Sim, através de greves

11- Comente como é a organização do sindicato de Jales (APEOESP).

1- Difícil dizer, pois estou participando um pouco da executiva só agora e infelizmente por enquanto não tenho como falar sobre isso

2- Composto por uma executiva que respeita o estatuto e oferece todas as condições necessárias aos professores desde acolhimento qdo necessário por problemas financeiros até a participação em várias áreas siciais

3- Muito bom

4- Grupo focado em buscas de melhorias e direitos.

5- Sempre estamos na luta...

6- Temos coordenador , secretário e financeiro que são os principais cargos , depois temos representantes dos aposentados e jurídico que é a pessoa que auxilia o advogado no atendimento aos associados e porta voz ente advogado e associado ..Fazemos parcerias com farmácias dentistas ,faculdade , academia etc. Fazemos também coleta

de leite para hospital do amor , Santa casa , campanha de cobertores para Santa Casa.
Sempre com a participação dos associados.

- 7- Trabalhamos juntos a organização da Sede Central do Sindicato! São Paulo! Temos um regimento a seguir! O clima é normal!
- 8- Todos com o mesmo objetivo de luta

8- Quando ocorrem atos públicos, passeatas e outras manifestações, quem são as pessoas que convocam a categoria para estar presente?

- 1- Primeiro os participantes da executiva e depois os demais participantes
- 2- Presidente do sindicato através de CER,(conselho estadual de representantes) e através das redes sociais comunicamos os associados
- 3- A central e a APEOESP
- 4- Nosso sindicato ...Apeoesp.
- 5- Presidente da Apeoesp..
- 6- Recebemos as informações da sede central que é São Paulo em seguida entramos em contato com os nossos grupos que tem representantes de todas as escolas. A tesouraria contra o ônibus , e os professores manifestam seus interesses.
- 7- Geralmente vem da nossa sede central!
- 8- Sede central

9-Já participou de alguma destas manifestações? Comente.

- 1- Sim, sempre que possível participo para apoiar as reivindicações, mesmo não sendo interessante para a minha carreira, mas de suma importância para todos os professores
- 2- 90% das manifestações desde que entrei p a categoria
- 3- Participei ativamente de todas
- 4- Quase todas.
- 5- Quase todas manifestações sempre estou presente..
- 6- Sempre participei de todas que foram possíveis.
- 7- Em todas estive presente

8- Sim

Bloco 2: Carreira do magistério

1- Para você, o que é ser professor?

- 2- É ser mais que um profissional, é ser um ser humano que tenta ensinar o que sabe e aprende muito com os alunos.
- 3- Ser professor e alguém que transmite e compartilha conhecimentos, e conseguir ser reconhecido por marcar a vida e o futuro das novas gerações
- 4- É líder de uma sociedade em formação de cidadão ativo e crítico sabendo de seus direitos e deveres
- 5- É o ser que passa conhecimentos para que o aluno seja engajado numa sociedade com êxito.
- 6- É maravilhoso ser professora, tenho muito orgulho...Realizei meu sonho..
- 7- Mesmo com muitas decepções ser professor é um dom que só quem Deus escolhe consegue terminar sua jornada .Se professor é também ser pai , mãe psicóloga, amigo, companheiro .
- 8- Ser professor é construir conhecimento!
- 9- Educador para preparar o educando para ser um cidadão consciente.

2-O fato de ser sindicalista tem beneficiado você, em algum momento enquanto professora?

- 1- Sim, principalmente nas reivindicações necessárias da profissão
- 2- Sempre, pelo conhecimento das leis que devemos respeitar e ter o amparo legal da mesma Sim

1- Sim

2- Muitas vezes..

3- Muito pouco mesmo com muita luta.

4- Sim, em termos de conhecimento e ser mais esclarecido quanto aos nossos direitos!

5- as vezes

3- O fato de você ser sindicalista já trouxe problemas (aspectos negativos) a você, em algum momento enquanto professora?

1- - Pelo que me lembro não

2- Nunca

3- Não, porque o sindicalista é moderado na fala junto ao colegas , muitas críticas ouvimos, mas eles não entendem quem são o protagonista somos nós como cidadãos profissionais

4- Não

5- Não..

- 6- Todos os sindicatos são muito mal visto pela direita , em todas as repartições tem gente honesta e aquelas que não são. Procuro fazer o meu melhor e nunca tive nenhuma m problema.
- 7- Não! Sempre positivo!
- 8- não

4- Enquanto professora, antes de ser sindicalista, qual era a visão que você tinha do sindicato (APEOESP)?

- 1- Francamente nenhuma
- 2- Achava que era cabide de emprego p pessoas desocupadas
- 3- Já entrei na educação sabendo que toda profissão tem seu sindicato,portanto já me foliei
- 4- Algo importante que poderia ajudar o professor.
- 5- Sempre admirei pelas pessoas que luta..
- 6- Sempre achei que sem o sindicato não existe luta .porque ele é o organizador da luta.
- 7- Que só servia para ir contra o governo e, não para defender os nossos direitos!
- 8- minha visão sempre foi a defesa do professor

5- Em sua opinião, qual a importância do sindicato (APEOESP), para os professores?

- 1- É uma necessidade pelas injustiças da profissão
- 2- Ter amparo em todos momentos necessário
- 3- E muito bom,porque tem profissionais competentes
- 4- Resolver e mostrar os caminhos para resolução de possíveis problemas que surgir com relação a educação.
- 5- Lutar pela nossa categoria..
- 6- Muito importante.
- 7- Ele serve para você trabalhar mais segura dos seus direitos e defender mais a sua carreira profissional!
- 8- sempre defende-los por seus direitos sem esquecer os deveres

6- Em seu ambiente de trabalho, algum professor (a), foi influenciado por você a se tornar sindicalista? Se sim, comente!

- 1- Infelizmente não, mas participativo sim
- 2- Muitos,sempre procurei passar p todos que o nosso sindicato sempre preza pela valorização do profissional
- 3- Sim,vários se filiaram através do meu empenho
- 4- Não
- 5- Sim...Sempre mostro a luta que o sindicato faz..

- 6- Sim, muitos as vezes por necessidade outras por acreditar que o sindicato seja um escudo.
- 7- Muitos, não posso te dizer quais, pois já faz mais de 10 anos que aposentei!
- 8- sim, pois sempre buscamos ajudar ao outro

7- Como o professor sindicalista é visto pelo professor não sindicalizados?

- 1- Fica difícil responder, pois ja vi várias opiniões diferentes
- 2- Nunca ninguém me disse nada
- 3- E misto como "baderneiros" grevista ...
- 4- Ele fica esperando o prof sindicalista lutar por ele.
- 5- Eu recebo muitos elogios , pela minha luta..
- 6- Não todos , mas acham que o sindicato não faz nada , esquecem que o sindicato não consegue fazer nada sozinho .
- 7- Não tenho noção!
- 8- As vezes nos deparamos com a ignorância de alguns, mas procuramos mostrar o quanto é importante ser sindicalizado

8- Como o professor sindicalista é visto pelos alunos e a sociedade?

- 1- Na minha opinião acho que eles não tem ideia da necessidade do sindicato para o professor
- 2- Profissionais perseverantes
- 3- É variável pelo grau de escolaridade e consciência
- 4- Como um ser corajoso que se preocupa com uma sociedade melhor.
- 5- Com bastante admiração...Amo ser sindicalista..Não quero largar nunca, quero ter muita saúde para estar sempre na luta.
- 6- Alunos acredito que nem sabem o que o sindicato faz . Nossa subsede já foi muito mal vista pela sociedade devido a atitudes de sindicalista que aqui coordenava. Hoje somos bastante reconhecidos , somos chamados para representar todos os acontecimentos na cidade ex domingo fomos convidados para participar da missa em homenagem ao dia do professor e outros como COVID conselho da mulher , manifestação política etc.
- 7- Contra o governo e grevistas!
- 8- O aluno nos dias de hoje não demonstra interesse algum.

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Clair de Fátima Scatena Jerônimo, portador da Cédula de Identidade nº 8.334.522x, inscrito no CPF sob nº 083243058-74 coordenadora da APEOESP subsede de Jales, localizada na Rua Rua sem, nº 2039, na cidade de Jales, AUTORIZO o uso das imagens de profissionais membros da APEOESP subsede de Jales SP, sem finalidade comercial, para ser utilizada no trabalho de dissertação com o título: A FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DE PROFESSORAS SINDICALISTAS APOSENTADAS: MEMÓRIA DISCURSIVA E JOGO DE IMAGENS. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das seguintes formas: (I) home page; (II) cartazes; (III) divulgação em geral. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à essas imagens ou a qualquer outro.

Jales, 05 de Abril de 2024.

Clair de Fátima J. Scatena

Clair de Fátima J. Scatena